

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

58

Revista

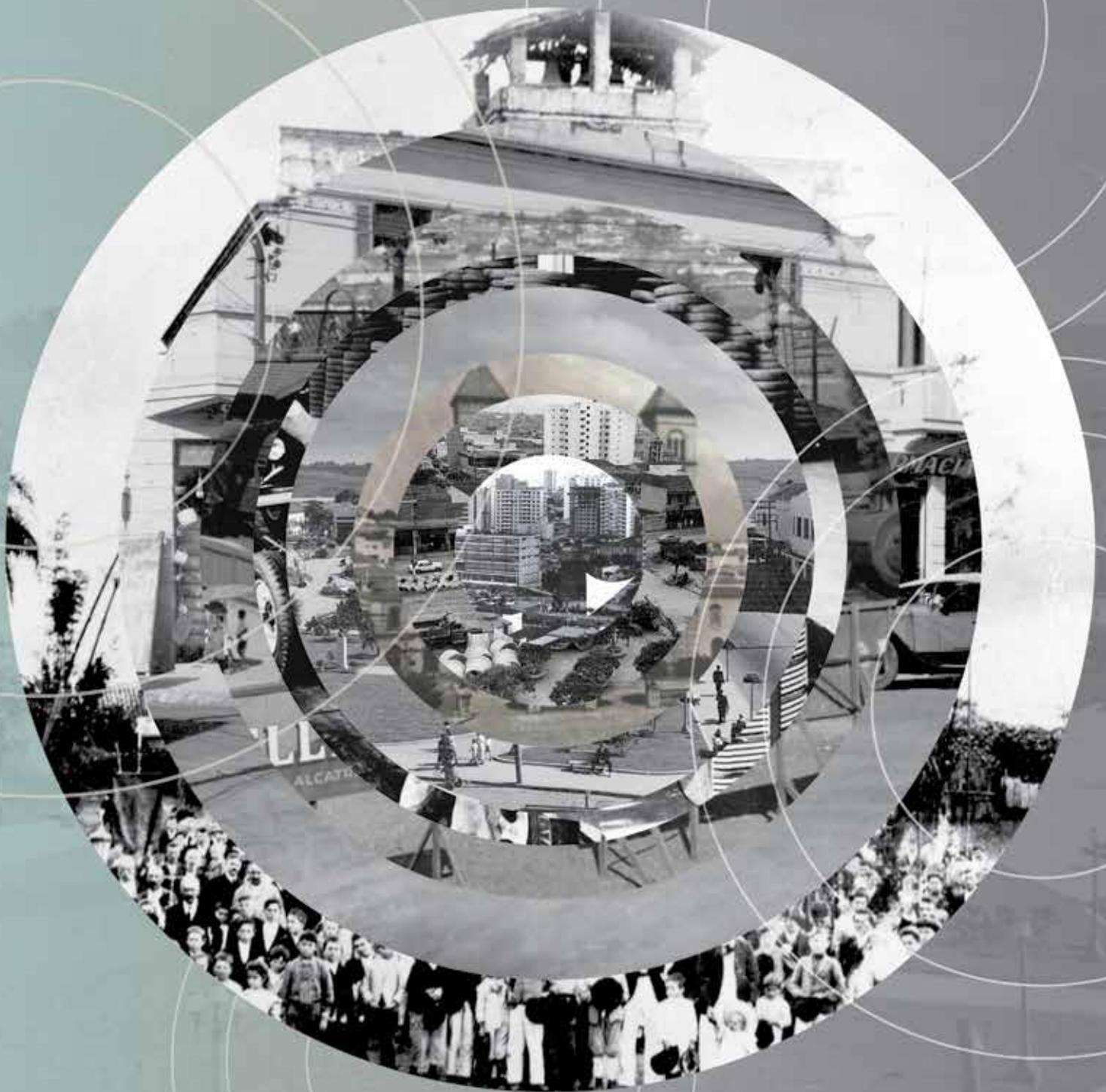
RAÍZES

São Caetano do Sul - Dezembro de 2018

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Ano XXX





Há 27 anos preservando sua memória

Revista

RAÍZES

Ano XXX – Número 58
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2018

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul – SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL
José Auricchio Jr.
SECRETÁRIO
MUNICIPAL DE CULTURA
João Manoel da Costa Neto

FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
PRESIDENTE
Charly Farid Cury
COORDENAÇÃO GERAL
Márcia Gallo

CONSELHO DIRETOR
Charly Farid Cury
(PRESIDENTE)
Anna Figueira
Breno Diorrener Pereira
Eva Bueno Marques
Francisco José Gripp Bastos
João Manoel da Costa Neto
João Tarcísio Mariani
Kátia Valéria Gomes de Souza
Luiz Domingos Romano
Márcia Gallo
Monica Iafrate
Wagner Antônio Natale
William Pesinato

CONSELHO CONSULTIVO
Cláudio Prieto
Issao Toyoda Kohara
Ivo Pellegrino
José Luiz Cabrino
José Ramos Vitorino
Maria José Amaral Pante
Mário Porfírio Rodrigues
Mauro Vincenzi Laranjeira
Newton Mori
Sueli Bimbachi
Teruo Fujita
Valdo Armindo Rechelo

REVISTA RAÍZES

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO
Cristina Toledo de Carvalho
e Paula Fiorotti

COMISSÃO EDITORIAL
Charly Farid Cury (PRESIDENTE),
Ana Luisa Nóbrega Cury, Ana Maria
Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo
Canhoni, Caio Bruno Siqueira de
Paula, Cristina Toledo de Carvalho,
Humberto Domingos Pastore,
Isabel Cristina Ortega, João Alberto
Tessarini, João Manoel da Costa Neto,
Mário Porfírio Rodrigues, Monica
Iafrate, Nelson Albuquerque Oliveira
Júnior, Paula Ferreira Fiorotti e
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO
Roberta Giotto

SERVIÇO DE
DIFUSÃO CULTURAL
Caio Bruno, Cristina Ortega,
Cristina Toledo de Carvalho, Paula
Fiorotti e Rodrigo Marzano Munari

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO
E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS
Antonio Reginaldo Canhoni

APOIO À PESQUISA
ICONOGRÁFICA
Jacqueline Nakagawa, Jussara
Ferreira Muniz e Monica Iafrate

CTP E IMPRESSÃO
SPgraf

WWW.FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

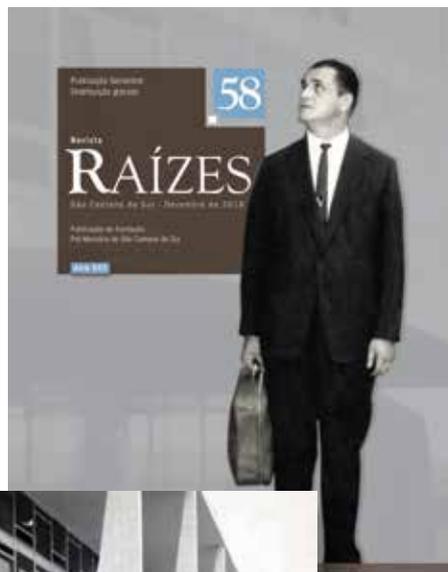
A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Paula Fiorotti

Sonhos. Objetivos. Planos. O que será que Hermógenes Walter Braidó continha na maleta que carregava quando de sua visita a Brasília, em 1960? Cumprindo seu mandato como vereador (1957-1961), Braidó acompanhou o então prefeito Oswaldo Samuel Massei em agenda na nova capital federal às vésperas de sua inauguração. Como vemos na imagem completa, que integra o acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, o grupo contava ainda com a participação de Dom Jorge Marcos de Oliveira (de batina clara), o primeiro bispo da Diocese de Santo André (o outro religioso não foi identificado). Na imagem, podemos ver que eles estão diante do Palácio do Planalto. Projetado por Oscar Niemeyer, foi inaugurado em 21 de abril de 1960, para ser sede do poder Executivo do país.

Braidó leva sua maleta e olha, admirado, para a edificação, uma das mais importantes obras da arquitetura de Brasília, senão do Brasil. Não podemos saber o que se passava na cabeça do político, que viria a ser prefeito de São Caetano do Sul por três vezes, mas a imagem nos dá um vislumbre de um cidadão com uma visão de progresso e de modernidade, que iria estruturar o pequeno município do ABC Paulista e deixar uma marca transformadora na história local.



Em uma parede de outro dos palácios que integram o projeto arquitetônico de Brasília, o Palácio da Alvorada, encontramos o discurso de lançamento da pedra fundamental de Brasília, que diz: “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável em seu grande destino”. Apropriamos-nos desta frase de Kubitschek que, imaginamos, compartilhava do mesmo ideal de Hermógenes Walter Braidó. E o grande destino de São Caetano do Sul está refletido na atualidade, na cidade que apresenta os melhores índices de qualidade de vida e de desenvolvimento humano do país.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA RAÍZES E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, SENDO MEMBRO DO CONSELHO MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E AMBIENTAL DE SÃO CAETANO DO SUL (CONPRESCS).

Charly Farid Cury

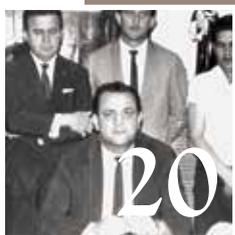
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Neste ano de 2018, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul segue com sua missão de criar, organizar, instalar e manter estabelecimentos e atividades voltados à preservação, manutenção e divulgação do patrimônio cultural local. E uma das principais ferramentas utilizadas para cumprir este papel na sociedade é a revista *Raízes*. Nesses 30 anos de publicação, muitas histórias já foram contadas. E, quando um cidadão compartilha sua história, ele exerce sua identidade cultural, sentindo-se pertencente a um grupo.

Este número de *Raízes* apresenta como tema principal, na seção *Em Foco*, a trajetória política de um dos mais marcantes prefeitos que já comandaram o poder Executivo municipal. Passamos por suas três gestões e relatamos como as iniciativas de cada período revolucionaram o cenário local. Seus investimentos nas áreas de saneamento básico, urbanização, educação, saúde, esportes e cultura estruturaram a cidade e projetaram São Caetano do Sul em direção ao futuro. Belas imagens do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, e outras cedidas pela família, também nos levam a momentos importantes da história do município.

Nossa estimada revista, mais uma vez, nos presenteia com muitos outros relatos. Teremos contato com a história de entidades como o Fundo Social de Solidariedade, os grupos de escoteiros da cidade e o Conselho da Comunidade Negra, na seção *Memória*. Um especial sobre a autonomia municipal, que completou 70 anos, nos apresenta as redações premiadas pelo concurso realizado nas escolas municipais para celebrar a data. Em *Homenagem*, damos adeus a Glenir Santarnecchi, grande colaborador da preservação da memória sul-são-caetanense e ex-presidente de nossa instituição. A seção *História Oral* apresenta a vida de Canhotinho, famoso cavaquinista do grupo Demônios da Garoa, e morador de São Caetano.

E não é só isso. Ainda há muito o que contar. *Raízes* continua com as seções *Curiosidades*, *Artigos*, *Cultura*, *Esportes*, *Poesias e Crônicas*, *Regionais*, *Memória Fotográfica*, *Raízes e Retratos* e *Registro*. Portanto, aproveite cada texto e cada imagem. Tudo foi produzido com muito cuidado e atenção pela equipe de produção editorial da Fundação Pró-Memória e por articulistas externos, aos quais devemos nossos agradecimentos pela expressiva contribuição.



■ EM FOCO

Hermógenes Walter Braido e sua trajetória
6 SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

A construção de uma cidade nova
10 **A primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969)**
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

20 **Reminiscências**
CAIO BRUNO

22 **“Braido voltou nos braços do povo!”: vida política e administração municipal entre 1973 e 1977**
RODRIGO MARZANO MUNARI

34 **Braido, prefeito de São Caetano do Sul pela terceira vez (1983-1988)**
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

40 **Memórias do chefe de gabinete**
CAIO BRUNO

44 **Memória Fotográfica Especial**



MEMÓRIA

54 **Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul em seus 25 anos de voluntariado**
MÁRCIA GALLO

64 **“Sempre Alerta!”**
CRISTINA ORTEGA

68 **Conselho Municipal da Comunidade Negra, um jovem ainda em formação**
ANDREIA MIGUEL PINTO E SONIA CORDEIRO

HISTÓRIA ORAL

72 **Roberto Barbosa ou, simplesmente, Canhotinho**
JOÃO BOSCO DOS SANTOS

ESPECIAL AUTONOMIA

76 **Uma gama de idealistas da autonomia e um Gama de admiradores dos autonomistas**
JOÃO TARCÍSIO MARIANI

79 **Redações**

HOMENAGEM

85 **O irrequieto cidadão Domingo Glenir Santarnecchi**
HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

CURIOSIDADES

88 **Você sabe quem foi?**
CRISTINA ORTEGA



ARTIGOS

90 **Os gêmeos da índia Domingas – S. Caetano, 1781**
JOSÉ DE SOUZA MARTINS

97 **Numa manhã de agosto, um tiro ecoou no subúrbio: suicidou-se o presidente Getúlio Vargas**
RODRIGO MARZANO MUNARI

CULTURA

105 **Arte como Apoio Terapêutico**
NAIR ALVES DUARTE

ESPORTES

108 **Como a fênix, surge o novo São Caetano Esporte Clube**
NARCISO FERRARI

112 **América F.C. e o futebol de várzea do Bairro Barcelona na década de 1960**
RENATO DONISETE PINTO

POESIAS E CRÔNICAS

116 **“Turma do Ponto” Peripécias de uma grande turma de São Caetano no final do século 20**
MARCOS EDUARDO MASSOLINI

REGIONAIS

120 **A contribuição de um ribeirão-pirense para Mauá**
EMÍLIA DA SILVA BARBOSA

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

133 **RAÍZES E RETRATOS**

137 **REGISTRO**



Hermógenes Walter Braido e sua trajetória

Filho de João Nicolau Braido e Elvira Carmela Maria Paolillo Braido, Hermógenes Walter Braido nasceu em São Caetano do Sul no dia 16 de março de 1927. Era descendente de imigrantes italianos que chegaram ao então Núcleo Colonial local em 1877. Seus avós paternos, Giovanni Braido e Tereza Braido, eram procedentes das regiões de Vitorio Veneto e Castellabate di San Marco, respectivamente. Giovanni foi um dos primeiros cultivadores de uva e produtor de vinho da localidade.

Walter Braido teve três irmãos: Wanda, Nelson e Teresinha. Seu pai, João Nicolau, ficou conhecido como *Paraná*, jogador de futebol consagrado do São Caetano Esporte Clube, esporte ao qual se dedicou durante boa parte de sua vida. O nome Hermógenes, aliás, teria sido dado ao filho Walter para homenagear um futebolista, tamanha era a paixão de João Nicolau pela modalidade.



A família iniciou sua atividade econômica com uma olaria, que ficava na Vila Alpina, em São Paulo. Posteriormente, no local, passou a atuar no ramo de industrialização de sebo e osso, firmando-se, ao lado do irmão Andrea, como um dos pioneiros nesse setor. Mais tarde, os irmãos a transferem para São Caetano. Após a mudança, a unidade fabril passou a se chamar Agroquímica Braido, quando se observa a ampliação de sua produção. O controle da empresa foi transferido para os filhos de João Nicolau, com Nelson Braido à frente dos negócios.

Aluno do Grupo Senador Fláquer, nos primeiros anos de sua vida escolar, Walter Braido, quando contava com 12 anos, foi matriculado na Escola Industrial Getúlio Vargas, de onde saiu apto para o exercício da profissão de torneiro mecânico. As primeiras empresas pelas quais passou foram uma oficina mecânica, em Vila Bela, Metalquímica Glória e Fábrica Bandeirantes, que produzia tapes e se localizava na Mooca.

Na fábrica da família, Braido desempenhou algumas funções, que compreendiam desde o recolhimento e transporte de matéria-prima, passando pelo controle das caldeiras e venda dos produtos, até a gestão das finanças. Com o intuito de melhor gerenciar os negócios familiares, o futuro prefeito de São Caetano do Sul matriculara-se em um curso de Orga-

nização Racional do Trabalho, que lhe conferiu o certificado de técnico em Administração de Empresas.

Simultaneamente às atividades administrativas, Walter Braido dedicou-se ao comando de instituições esportivas como o Vila Bela F. C. e o São Caetano Esporte Clube, agremiação por ele presidida em duas ocasiões: 1950 e 1953-1954. Deixou também seu contributo para o segmento esportivo municipal, por ocasião do trabalho desenvolvido como presidente da Comissão Municipal de Esportes, função assumida em 1956. No período em que esteve à frente de tal comissão, o município se fez representar nas grandes competições estaduais, obtendo honrosas colocações nos Jogos Abertos do Interior e nos Jogos do Litoral.

As experiências advindas dessa época criaram condição para que Braido aumentasse o seu anseio de engajar-se na vida político-partidária sul-são-caetanense, ainda mais após uma primeira tentativa, sem êxito, quando de sua candidatura a vereador para o período correspondente à segunda legislatura municipal (1953-1957). Nas eleições seguintes, concorrendo pelo Partido Democrata Cristão (PDC), legenda que o projetou politicamente, Walter Braido obteve 418 votos, sendo alçado à Câmara Municipal (1957-1961). Era o início de sua vitoriosa trajetória política na cidade.

Corintiano fervoroso, teve a sua vida fortemente ligada a São Caetano,

(..) As experiências advindas dessa época criaram condição para que Braido aumentasse o seu anseio de engajar-se na vida político-partidária sul-são-caetanense

sobretudo à antiga Barra Funda, denominação pela qual ficou conhecido, no passado, o atual Bairro da Fundação, berço da família Braido na cidade. Em 4 de maio de 1950, Hermógenes Walter Braido casou-se com Maria Sarmuksnis. Pertencente a uma família de origem lituana, a futura primeira-dama do município, após o matrimônio, passou a adotar o nome de Maria Braido. O casal teve uma filha, Márcia Braido, casada com João José Dario. Desta união, nasceram os três netos de Walter e Maria Braido: Marcelo, Márcio e Marcela.

Com uma bagagem política constituída por três mandatos como prefeito e uma passagem pela Assembleia Legislativa (no decênio de 1970), Walter Braido, ao retirar-se da vida pública (muito embora nunca tenha perdido o perfil de líder, cultivado ao longo de sua caminhada de três décadas como administrador público), passou a se dedicar, exclusivamente, à Agroquímica Braido e à família. Possuidor de um círculo respeitável de amigos, Braido promovia descontraídos encontros em um local que ficou bastante conhecido em São Caetano, a *Casinha* (situada na Rua Rio Grande do Sul, no espaço onde, antigamente, funcionara a Fábrica Trentini). Ali, políticos, admiradores e amigos encontravam o ex-prefeito para longas conversas e troca de ideias.

Hermógenes Walter Braido faleceu no dia 15 de novembro de 2008. O seu legado para a história política de São Caetano do Sul é incomensurável, conforme ratificam os registros apresentados nesta edição de *Raízes*. **(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul) R**



O jovem Hermógenes Walter Braido posa para fotos na área da olaria da família, na Vila Alpina, em São Paulo, em 1948



Registro do casamento de Hermógenes Walter Braido e Maria Sarmuksnis, realizado no dia 4 de maio de 1950



1.

1.

Braido e sua filha Márcia durante passeio da família em Poços de Caldas (MG), em dezembro de 1952

2.

Braido e sua esposa ao lado da filha Márcia Braido, que se casou com João José Dario em 20 de novembro de 1973, em cerimônia realizada na Igreja Matriz Sagrada Família

3.

O casal Walter e Maria Braido (ao centro) na comemoração das Bodas de Ouro dos pais do ex-prefeito, Elvira Carmela Maria Paolilo Braido e João Nicolau Braido, realizada em 7 de fevereiro de 1975



2.



3.

Cristina Toledo de Carvalho

A construção de uma cidade nova

A primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braidó (1965-1969)

Nas últimas edições de *Raízes*, mais precisamente nas que abordam, em sua seção *Em Foco*, as temáticas da dança, das artes plásticas e dos cinquentenários da Fundação das Artes e do Instituto Municipal de Ensino Superior – Imes, atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), respectivamente nos números 49, 51, 56 e 57, encaminho reflexões acerca do que venho chamando de ideal de município sul-são-caetaneense. Integrantes de um projeto de maior envergadura, o qual diz respeito à minha pesquisa de doutorado na área de História Social, iniciada este ano na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), tais reflexões abarcam questões que perpassam diferentes aspectos do processo de constituição da vida municipal da localidade, como os atinentes aos seus principais pilares de sustentação e projeção. Assim, marcas e diretrizes que tenham contribuído para a formação de uma possível identidade local e para a ascensão da cidade nos cenários regional e nacional são consideradas em meus estudos.

Ao seguir nesta perspectiva, acabei por dar grande atenção ao período condizente à primeira gestão de Hermógenes Walter Braidó como prefeito de São Caetano do Sul (1965-1969). Embora tenha assumido também em outras duas ocasiões (1973-1977 e 1983-1988) o comando do Executivo municipal, Braidó deixou uma marca indelével no território do município durante o transcorrer daquela sua pioneira administração. Inúmeros eram os desafios e muita coisa estava ainda por ser feita na cidade, quando de sua chegada à prefeitura, em 1965.¹ Entre os itens que exigiam tratamento prioritário na agenda da municipalidade, estavam os concernentes à expansão da rede de água e esgoto, à educação e à saúde. Isso sem falar da necessidade imperiosa de implantação de uma política de reurbanização que pudesse atender às demandas relacionadas, principalmente, à iluminação, limpeza, calçamento e à pavimentação de vias públicas. A esses reclamos somariam outros, como os referentes à adoção de uma mais eficiente coleta de lixo e à promoção da retificação de córregos e rios, medida considerada imprescindível para as



Acervo/FPMSCS

Posse de Walter Braido como prefeito de São Caetano do Sul, no dia 4 de abril de 1965. Braido foi sucessor de Anacleto Campanella na chefia do Executivo municipal. Ambos aparecem em destaque na imagem

Acervo/FPMSCS



Slogan que popularizou a primeira gestão do prefeito Braido (1965-1969) em destaque em placa instalada no Bairro São José: São Caetano do Sul, “onde escola não é problema”

pretensões de combate às enchentes, problema com o qual a municipalidade vinha, há bastante tempo, às voltas.

Almejando dar encaminhamento a todas essas pautas, o governo de Walter Braido estabeleceu um verdadeiro canteiro de obras em cada setor da urbe, de modo que o lema *Cidade Nova*, escolhido para designar a gestão, expressou, sem exagero, a filosofia administrativa então em curso em São Caetano. Aliado da gestão Braido, na qualidade de órgão divulgador dos atos da prefeitura, o *Jornal de São Caetano* veiculava, com frequência, os feitos da administração. Em síntese, o periódico exaltava as transformações pelas quais o município vinha passando, o que fazia dele uma “cidade em revolução.”²

Em 1967, o mencionado jornal foi enfático ao apresentar um panorama do quadro urbano local, passados dois anos do início do mandato de Hermógenes Walter Braido: “(...) os serviços públicos, além de racionalizados, foram ampliados. Atualmente, já não existe mais ruas sem calçamento em S.C.S, sem rede de esgoto, sem rede domiciliar de água e sem iluminação.”³

Inúmeros outros textos, com o mesmo teor, ganhariam ainda espaço no *Jornal de São Caetano*, merecendo um destaque especial os que se referem ao assunto educação. Carro-chefe do primeiro mandato de Braido, o segmento educacional absorveu os maiores investimentos e realizações de sua gestão, que, por força disso, notabilizou-se pelo *slogan*: “São Caetano do Sul, cidade onde escola não é problema.” Beneficiada pela concessão de verbas e pela celebração de convênios com o governo estadual, a política municipal impressa à área da educação foi alvo de reconhecimento e elogios, como os proferidos pelo secretário dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo, para quem a localidade sul-são-caetanense era, na época, o município “mais bem dotado de escolas de todo o Brasil.”⁴

A administração Braido promoveu, portanto, um modelo de governo que construiu um novo cenário em São Caetano do Sul, detentor de traços e elementos típicos do que se pode chamar de modernidade. Por tal razão, o diálogo com o período correspondente ao seu primeiro mandato é de suma importância para a compreensão do chamado ideal de município, uma vez que uma parte dos caminhos a partir dos quais esse ideal foi gestado configurou-se durante aquela administração.

Por tudo que representou, o governo do prefeito Walter Braido, inserido na conjuntura dos primeiros anos da ditadura militar brasileira, é um marco dentro da história política desenrolada após o surgimento do município sul-são-caetanense, em 1948. Em termos das forças que disputavam, até então, a hegemonia junto ao quadro político local, as quais eram protagonizadas pelos grupos liderados por Anacleto Campanella e Oswaldo Samuel Massei, a chegada de Braido à chefia da municipalidade ampliou o horizonte político de São Caetano, na medida em que o alçou a uma cena que vinha sendo polarizada, desde 1953, pela dupla Campanella – Massei.

Além dessa questão, a sua primeira gestão é possuidora de outras singularidades, firmando-se como ponto de partida para o alavancamento da cidade. Se, hoje, São Caetano do Sul apresenta-se como um município que ostenta números que o colocam entre as localidades brasileiras com os melhores índices de qualidade de vida e de desenvolvimento humano, foi porque, no decorrer de um processo, houve uma conjugação de fatores e condições que permitiu o estabelecimento de políticas, caminhos, orientações e estratégias em favor do desenvolvimento e da modernização da cidade. Para tanto, não há dúvida de que as realizações promovidas pela administração de Hermógenes Walter Braido, entre os cruciais anos de 1965 e 1969, ajudaram, incisivamente, a deflagrar esse processo de crescimento de São Caetano do Sul.

O município, quando de sua chegada ao posto de prefeito, era um acanhado subúrbio, que possuía um rol extenso de graves problemas. O cotidiano local era marcado pela insalubridade, em um “(...) triste espetáculo dos detritos escorrendo pelas calçadas”⁵, que denegria a paisagem urbana e expunha a população local à contaminação e à mortalidade. Inúmeras outras questões pertinentes à infraestrutura cla-

mavam por soluções. No âmbito educacional, a situação era igualmente precária. Com o objetivo de sanar a falta crônica de vagas nas escolas, o governo tratou de erigir, em cada bairro, estabelecimentos de ensino. Essa ação, aliás, firmou-se como a marca registrada do primeiro mandato de Walter Braido, colocando o município na vitrine nacional do setor e projetando-o para além do país. A participação da municipalidade na Conferência Internacional de Planejamento Governamental, em Bangkok, na Tailândia, em 1967, não deixa mentir. Única representante do Brasil e da América do Sul, a delegação sul-são-caetanense, sob o comando do então assessor de imprensa da prefeitura, Alécio Strabelli, apresentou, na ocasião, uma tese⁶ sobre os resultados obtidos por meio do planejamento que o poder público municipal vinha empreendendo junto à área educacional.

Em linhas gerais, foram apontadas até aqui as principais iniciativas da gestão Braido, bem como as esferas nas quais tais iniciativas se encontram inseridas. Reafirmando informações divulgadas em textos publicados nas edições de *Raízes* citadas no início, este artigo traz, a seguir, um panorama das realizações que marcaram o primeiro mandato do prefeito Walter Braido, es-

Construção do reservatório de água da Rua Xingu, no Bairro Santa Maria, uma das principais obras da administração Braidó

miuçando dados e destacando números que fornecem uma amostragem do significado de sua administração para São Caetano.

Como nos demais, que também trazem à baila aspectos da referida gestão, o presente artigo canaliza algumas reflexões suscitadas por minha pesquisa de doutorado, sem perder de vista os meandros e as problemáticas que engendraram a constituição do que eu chamo, simbolicamente, de ideal de município em São Caetano do Sul, para a qual contribuiu, decisivamente, o primeiro mandato de Hermógenes Walter Braidó.

Rede de água e esgoto – De acordo com Braidó, em entrevista concedida a Aleksandar Jovanovic, na primeira metade da década de 1990, São Caetano do Sul não tinha mais do que 10% de rede de esgoto, na época em que ele assumiu a prefeitura.⁷ A reversão de tal situação tornou-se meta prioritária, ao longo dos dois primeiros anos de seu governo. “Atacamos, de início, o saneamento e, em 20 meses, colocamos a cidade com 100% de rede de água e esgoto”⁸, afirmou.

Para implementar uma obra dessa extensão e importância, diversas ruas tiveram de ser interditadas e uma soma vultosa de investimento foi necessária, correspondente, na ocasião, à quantia de, aproximadamente, três bilhões de cruzeiros velhos.⁹

Em relação ao abastecimento de água, a situação não era também das melhores, conforme elucidou: “(...) faltava água, porque a rede física era insuficiente; havia apenas uma caixa d’água para cinco milhões de litros, no Bairro Oswaldo Cruz.”¹⁰ Inaugurado em 6 de novembro de 1966, esse reservatório foi sucedido por outros dois: o da Rua Boa Vista,



Rua Boa Vista durante a fase inicial de suas obras de pavimentação. Em 1965, quando Walter Braidó chegou à prefeitura, uma parcela significativa das vias públicas da cidade não estava pavimentada. Foto de 20 de outubro de 1966

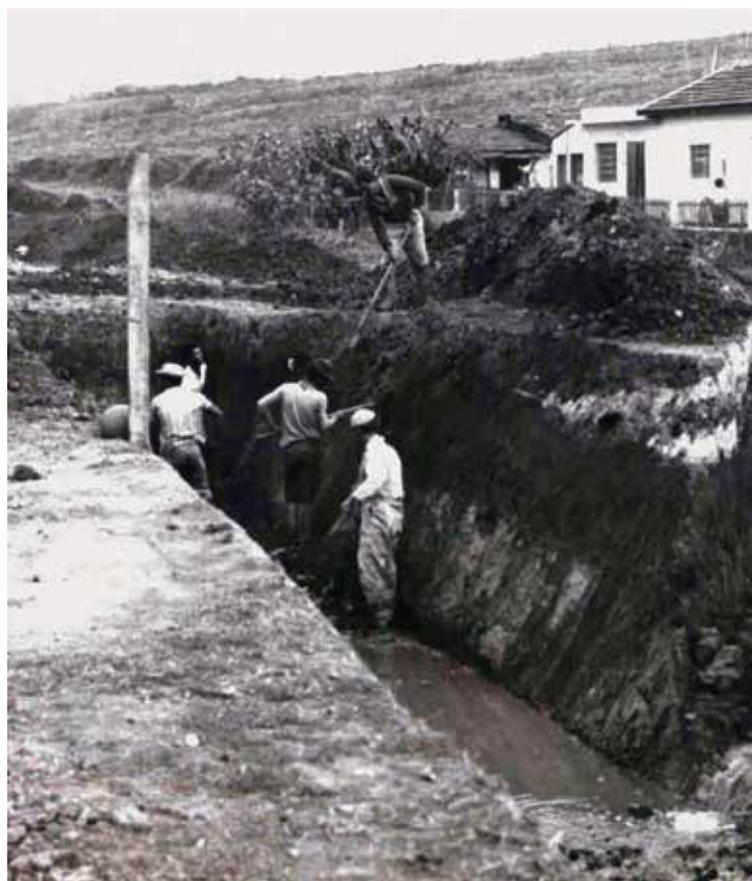
no Bairro Nova Gerty, e o da Rua Xingu, no Bairro Santa Maria, ambos com capacidade de armazenamento de 20 milhões de litros de água.¹¹ As obras destinadas à promoção da ampliação do abastecimento de água na cidade foram realizadas a partir de etapas, com o respaldo do governo do Estado. Conforme informou a publicação *Cidade Nova* (lançada em março de 1969 com o propósito de divulgar as principais ações da gestão Braidó, no momento de seu encerramento),

Em fins de outubro de 1968, o governador do Estado, em pleno Paço Municipal de SCS, assinava com os três prefeitos da região, os termos do convênio que possibilitaria a construção das obras da Terceira Etapa da Água. Em 4 de março de 1969, o governador do Estado, dr. Roberto Costa de Abreu Sodré, assinava contrato para a execução das obras, num montante de NCr\$3.970.000,00 (Três milhões e novecentos e setenta mil cruzeiros novos).¹²

Pavimentação – Em 1965, uma parcela significativa das ruas do município não estava pavimentada. As vias públicas necessitavam de calçamento e de vários outros cuidados para que pudessem tornar-se transitáveis. Segundo consta, o cenário central da cidade contrastava, nitidamente, com o das regiões mais periféricas, cujas ruas lamacentas, sem guias e sarjetas, constituíam o retrato da precariedade urbana local no quesito concernente à infraestrutura. Em 1969, a prefeitura relatava:

Bairros inteiros ganharam roupagem nova. É o caso de Vila Olímpica que tinha em 1965 apenas cinco por cento de suas ruas pavimentadas. Em igual situação estavam Vila Nova, Gizela, Julia, Marlene, Boqueirão, Jardim Santo Antonio, Vila Oswaldo Cruz e parte de Vila Gerti. São Caetano possui trezentas e vinte ruas aproximadamente. Pois bem, a administração Walter Braidó levou a pavimentação e repavimentação a trezentas delas.¹³

Iluminação pública – Os números dão também ideia de como estava São Caetano, no tocante ao setor de iluminação pública, em 1965. Metade das ruas de localidades como Vila Boqueirão, Vila Olímpica, Vila Nova, Marlene e Gisela não dispunha desse recurso. O governo, além de tratar da implantação de tal melhoramento, promoveu também a substituição da iluminação





convencional pela de lâmpadas de mercúrio. “Já no segundo aniversário da administração em 1967, cêrca de setenta ruas, as mais centrais já possuíam iluminação moderna a vapor de mercúrio.”¹⁴

Combate às enchentes – Ações integradas criaram condição para a solução do crônico problema das enchentes na cidade. O trabalho exigiu da gestão um planejamento detalhado e longo, que compreendeu a limpeza, a retificação e a canalização de rios e córregos, bem como a construção de seis pontes amplas para o devido escoamento de grande volume de água.

Além dessas iniciativas, o plano de combate às enchentes abarcou ainda a suspensão total do nível de algumas ruas do Bairro São José, assim como o seu aterro. Convênios com a prefeitura de São Paulo foram celebrados, tendo em vista a viabilização de determinadas obras, como as alusivas às retificações dos rios Tamanduateí e Meninos.

A antiga Vila Boqueirão (atual Bairro Mauá) recebeu atenção especial do governo. A sua precária infraestrutura demandou a realização de várias ações por parte do poder público municipal



Acervo/FPMSCS

Controle e eliminação de favelas - Em razão de uma contundente expansão urbana, algumas marcas foram deixadas nos vários cantos do território sul-são-caetanense. Articulada a um expressivo desenvolvimento industrial, a urbanização colocou em relevo problemas decorrentes de uma ocupação desordenada das áreas. Desse modo, os esforços do poder público municipal convergiram para a concretização de ações que primavam pelo extermínio de favelas, tipo de moradia que, na época, corria o risco de espalhar-se por alguns pontos da localidade, principalmente em direção a regiões que ainda tinham terrenos baldios.

Retificação do Córrego do Moinho, iniciativa integrante do plano de combate às enchentes implementado por Braido, em seu primeiro mandato como prefeito

Eram centenas de barracos. Além dos de ordem higiênica, eram inúmeros os problemas de ordem social criados com a proliferação de tais choupanas. Eram centenas de seres humanos vivendo em condições humilhantes para a criatura humana. Tornava-se necessário dar a essas criaturas a oportunidade de se integrarem no meio social, dando-lhes moradias decentes e condignas. Destinando dinheiro suficiente para pagar os primeiros aluguéis em residência de alvenaria e bem mais decentes [...] Os caminhões da Prefeitura transportaram as mudanças gratuitamente. Uma vez mudadas as famílias [...] os barracos foram derrubados. [...] ¹⁵

A orientação higienista do governo de pôr fim às favelas, em um período de efetiva modernização da cidade, revela dois aspectos marcantes. O primeiro deles aponta para questões sociais que salientam a existência de um quadro de pobreza e de desigualdades, principalmente em bairros afastados do centro do município, mais vulneráveis à proliferação de habitações que fugiam dos padrões urbanísticos desejáveis. O outro aspecto, por outro lado, choca-se com o primeiro ao alinhar-se a um ideal propagado por enunciados imagéticos e discursivos de exaltação ao município, que põem em tela o processo vitorioso de construção da urbe sul-são-caetanense, ocultando uma realidade de percalços, precariedades e carências. Entre tais enunciados, encontram-se expressões que, ainda hoje, são proferidas por moradores e difundidas pelos meios de comunicação, como as que se referem a São Caetano do Sul como “cidade mais desenvolvida do país”, “cidade de primeiro mundo”, “cidade que não tem favelas”, dentre algumas outras.

Saúde – Esse segmento recebeu também grande atenção da gestão, canalizando investimentos e obras importantes, como as seguintes: construção e reestruturação de postos de puericultura, edificação do Palácio da Saúde Dr. Pirajá da Silva, na esquina das avenidas Goiás e Senador Roberto Simonsen (constituído pelo Centro de Saúde e Dispensário de Tuberculose, ambos departamentos estaduais), construção do Hospital Infantil Márcia Braidó (inaugurado durante o segundo mandato do prefeito Braidó) e do pronto socorro, cuja inauguração aconteceu em agosto de 1968. Instalado em um prédio situado na esquina das ruas Vital Brasil e Peri, a unidade de saúde havia funcionado antes em outros endereços, como, por exemplo, no edifício do extinto Hospital Bartira, que ficava na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro.

Saliente-se ainda que, no decorrer da primeira administração de Walter Braidó, uma soma de quase um bilhão de cruzeiros velhos foi destinada para o estabelecimento de convênios com o Hospital São Caetano, tendo em vista o atendimento de pessoas carentes.¹⁶

Educação e cultura – Carro-chefe da gestão, o setor educacional da cidade foi alvo de uma marcante transformação em todos os níveis, da pré-escola ao ensino superior. O desafio que se impôs, logo após a ascensão de Braidó à prefeitura, foi o do enfrentamento da falta de vagas nas poucas escolas locais. Neste sentido, o governo estipulou como meta o atendimento das necessidades de cada bairro, de modo que não fosse preciso à criança tomar condução ou realizar um grande percurso rumo ao estabelecimento de ensino. O objetivo era, portanto, dotar cada localidade do município com prédios escolares. Estudos foram realizados e uma planificação, executada. Não demorou muito para os resultados aparecerem. Em 1968, as vagas ofertadas já chegavam a 20 mil, um expressivo salto em comparação com a tímida marca apresentada pelo município em 1965, algo em torno de três mil.¹⁷

A construção de novos edifícios gerou um aumento significativo do número de parques infantis (dos 19 totalizados em 1969, 16 foram construídos durante a administração Braidó), grupos escolares e ginásios. Destes, dos 11 que estavam em funcionamento naquele ano, dez foram ativados durante o seu governo.¹⁸ Isso sem falar do ensino profissionalizante, que também recebeu impulso no decorrer do período. É interessante notar as justificativas dadas, então, para o investimento dispensado a esse ramo. O perfil industrial de São Caetano teve papel determinante frente à observância desse apoio, conforme deixa claro o excerto a seguir:



Numa era em que somente a especialização profissional poderá salvar o trabalhador da estagnação, do salário insuficiente, porque na era da tecnologia, só tem valor o trabalhador especializado, em S. Caetano do Sul, cidade proletária por excelência, não se conceberia a estruturação do ensino, sem dar destaque e importância ao Ensino Profissional.¹⁹

A criação de condições para a permanência da população escolar nos estudos foi concretizada a partir de uma política de concessão de bolsas. Segundo registros, em 1968, a dotação destinada a atender a essa política ultrapassou a casa dos 500 mil cruzeiros novos, quase meio bilhão de cruzeiros velhos. Naquele mesmo ano, o prefeito remeteu à Câmara proposta relativa à disponibilização de bolsas a todos os estudantes que comprovassem impossibilidade de custear os seus estudos. Assim, cerca de 400 bolsas fo-

ram reservadas aos ensinos médio, profissional e superior. Para a compra de materiais, 200 bolsas, aproximadamente, foram também disponibilizadas.²⁰

No tocante ao ensino universitário, as estatísticas não eram promissoras, quando da chegada de Walter Braido à prefeitura, em razão da quase inexistência de instituições do gênero na localidade. Para suplantar o problema, o governo tratou de encetar iniciativas que propiciassem, sobretudo, a instalação de estabelecimentos de ensino superior no município, como as relacionadas à celebração de convênios, por exemplo. A partir deles, o poder público obrigava-se a ceder terrenos e/ou edifícios, tendo em vista a vinda daqueles estabelecimentos para a cidade. Foi sob essa condição que instituições como a Faculdade Paulista de Serviço Social (1966) e a Escola Superior de Administração de Negócios - Esan (1967) chegaram à localidade.

O prefeito Hermógenes Walter Braido no momento em que discursava no evento de lançamento da pedra fundamental do Hospital Infantil Márcia Braido, em 1966

Acervo/Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Orlando Moretto



No decorrer do primeiro mandato de Braido, foram construídos 16 parques infantis (atuais Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEIs), por ocasião da política educacional empreendida junto a todos os níveis de ensino. Nesta imagem, flagrante da inauguração do Parque Infantil Orlando Moretto, no dia 16 de julho de 1967. Em destaque, desatando a fita, a primeira-dama Maria Braido (à esquerda) e Eloiza Colato Moretto, esposa do patrono da escola

Acervo/FPMSCS



Em dezembro de 1967, uma exposição de maquetes foi promovida pela administração para divulgar os projetos que estavam sendo implementados. Na foto, o prefeito Walter Braido aparece, em primeiro plano, ao lado de Carvalho Pinto, então senador pelo Estado de São Paulo. Na sequência, estão Cláudio Musumeci (diretor da Fazenda) e Odilon de Souza Melo, vice-prefeito

Além de imprimir um modelo de gestão no âmbito educacional, o governo de Walter Braido promoveu o delineamento de uma política cultural que foi decisiva para a realização de projetos e ações. A organização de um aparato burocrático para gerir e respaldar os assuntos de interesse foi também providencial para a viabilidade de tal política, uma vez que, dentro da diretoria municipal de Educação, havia uma seção destinada, exclusivamente, à cultura. Nascia, assim, o Departamento de Educação e Cultura (Depec). Sob a chefia de Oscar Garbelotto, o aludido departamento tornou-se um dos mais dinâmicos setores da gestão, privilegiando distintas modalidades de um vasto leque artístico, tais como dança, música, teatro e artes plásticas.

Foi sob tal contexto histórico que se observou o surgimento de instituições municipais renomadas e conhecidas nacionalmente, como a Fundação das Artes, criada pela lei de nº 1.671, de 25 de abril de 1968. Por ter se firmado como um espaço para onde convergiam diferentes linguagens artísticas, num misto de centro de ensino e entidade difusora das artes,

a instituição responderia, a contento, ao que estava posto pela municipalidade, no que tangia aos âmbitos de educação e cultura: promover a expansão integrada de ambos os segmentos, de modo que se pudesse criar condição não só para o surgimento e a profusão de estabelecimentos da rede oficial de ensino, mas também para a incorporação de instituições encarregadas da transmissão de conteúdos e currículos extrascolares, nas mais diversas especialidades, cumprindo, assim, o disposto nos termos do artigo 1º da lei de nº 1.533, de 1º de fevereiro de 1967: “Fica o Prefeito Municipal autorizado a criar, instalar e manter cursos de expansão cultural gratuitos, anexos aos estabelecimentos de ensino ou entidades particulares do município.”²¹

Vale ressaltar que outras iniciativas que almejavam a promoção da expansão cultural em São Caetano foram patrocinadas pela gestão Braido, destacando-se os eventos de cunho literário e cênico, além dos salões de arte contemporânea (iniciados em 1967), concertos sinfônicos e dos espetáculos de dança clássica. Para acompanhar todas essas ações, a necessidade de criação de uma estrutura condizente que pudesse viabilizar e alimentar a organização de números e apresentações da área tornou-se latente. A construção de teatros, auditórios e outros espaços afins passou, desse modo, a aparecer como pauta na agenda política local.

Ao prestar conta das realizações verificadas durante o seu primeiro mandato como prefeito, Hermógenes Walter Braido assim se pronunciou:

Em inícios de 1965 assumimos a Prefeitura de São Caetano do Sul. Não se pode dizer que a nossa cidade se achava em piores ou melhores

condições do que as cidades vizinhas, da região ou mesmo do Estado. O nosso propósito era melhorá-la. Dar condições mais humanas de vida para o povo sulsancaetanense. Rasgamos... novas avenidas... Construímos pontes... Retificamos rios e Córregos... Asfaltamos ruas... Levantamos hospitais... Plantamos escolas... Instalamos faculdades...

Desenvolvemos, enfim, um Programa de governo que, seguido à risca durante estes 4 anos, trouxe um só resultado: A CIDADE NOVA.²² **R**

NOTAS

¹ Walter Braido chegou ao comando da prefeitura sul-são-caetanense com a chancela dos 22.420 votos que recebera na eleição realizada no dia 7 de março de 1965. O segundo colocado nesse pleito municipal foi Joaquim Jácome Formiga, com 12.774 votos. JORNAL de São Caetano. São Caetano do Sul, ano XIX, n. 1.061, p. 3, 13 mar. 1965.

² JORNAL de São Caetano. São Caetano do Sul, ano XXII, n. 1.184, 1ª. página, 30 jul. 1967.

³ CIDADE nova. Por que? *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XXII, n. 1.184, p. 2, Suplemento Especial Comemorativo aos 90 anos de São Caetano do Sul e aos 21 anos do *Jornal de São Caetano*, 30 jul. 1967.

⁴ POR QUE em S. Caetano do Sul escola não é problema. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XXII, edição extra, p. 2, 3 ago. 1967.

⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Cidade Nova*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, mar. 1969, p. 30.

⁶ O Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul possui um exemplar dessa tese. Em sua edição de n. 15 (jul. 1997), a Revista *Raízes* apresentou, no texto intitulado “A educação de São Caetano já passou pela ‘Tailândia’” (p. 33-34), os principais assuntos nela contidos.

⁷ JOVANOVIĆ, Aleksandar. Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 4-10, jul. 1994, p. 5.

⁸ *Ibidem*, p. 5.

⁹ JORNAL DE SÃO CAETANO. *Suplemento Especial*. São Caetano do Sul, p. 38, set. 1968.

¹⁰ JOVANOVIĆ, Aleksandar. Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 4-10, jul. 1994, p. 5.

¹¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Cidade Nova*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, mar. 1969, p. 25.

¹² *Ibidem*, p. 26.

¹³ *Ibidem*, p. 30.

¹⁴ *Ibidem*, p. 29.

¹⁵ *Ibidem*, p. 23.

¹⁶ *Ibidem*, p. 20.

¹⁷ JORNAL DE SÃO CAETANO. *Suplemento Especial*. São Caetano do Sul, p. 24, set. 1968.

¹⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Cidade Nova*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, mar. 1969, p. 10.

¹⁹ *Ibidem*, p. 11.

²⁰ *Ibidem*, p. 16.

²¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Lei n. 1.533. São Caetano do Sul, 1 fev. 1967. Disponível em: www.administracao.saocaetanodosul.sp.gov.br/cidadania-leis/consulta.php. Acesso em: 26 ago. 2015.

²² BRAIDO, Hermógenes Walter. Prestando contas. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. *Cidade Nova*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, mar. 1969.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É DOUTORANDA NO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA DA PUC/SP E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL POR ESTA MESMA UNIVERSIDADE. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E AUTORA DO LIVRO *MIGRANTES AMPARADOS: A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO JUNTO A NORDESTINOS EM SÃO CAETANO DO SUL (1950-1965)*, PUBLICADO POR TAL INSTITUIÇÃO EM 2015.

MEUS AGRADECIMENTOS A JOÃO JOSÉ DARIO E MÁRCIA BRAIDO PELA DISPONIBILIZAÇÃO DAS FONTES QUE SERVIAM DE BASE PARA A ELABORAÇÃO DESTE ARTIGO.

Reminiscências

Reunião administrativa realizada por Braidó (à direita, de camisa branca) em sua primeira gestão (1965-1969). Oscar Garbelotto é o segundo, a partir da esquerda, em segundo plano

Oscar Garbelotto é o que podemos chamar, sem dúvida alguma, de testemunha ocular da história. Exercendo diversos cargos na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul ao longo de quase 60 anos (sendo, inclusive, um dos fundadores e primeiro presidente da Fundação Pró-Memória, em 1991), o advogado e professor participou ativamente das gestões de Hermógenes Walter Braidó à frente do município. Na primeira, por exemplo, foi chefe de gabinete (1965) e o primeiro

Acervo/FPMSCS



diretor do recém-criado Departamento de Educação e Cultura (1965-1969). Já no segundo governo (1973-1977) foi diretor do então Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (Imes), atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

É do período inicial Braidista, quando São Caetano altera suas marcas de subúrbio cultivadas desde a autonomia em 1948 e passa pelo processo de modernidade e ampliação maciça dos serviços públicos, que Garbelotto compartilha algumas reminiscências e lembranças de algumas características de Braidó pouco retratadas.

Neste texto, não vamos focar os grandes feitos da época, como a verdadeira revolução na educação municipal com a construção de dezenas de escolas, da Fundação das Artes e da Uscs, nem falaremos da ampliação da rede de esgoto e da pavimentação de ruas. Os relatos aqui são de pequenos episódios do dia a dia dessa primeira administração de Braidó, que teriam ficado na poeira do tempo, se não fosse a prodigiosa memória de Oscar Garbelotto.

Prefeito por três mandatos e até hoje quem por mais tempo ficou no comando da prefeitura (14 anos), Braidó tinha a imagem de uma pessoa centralizadora e de pulso firme. Mas, para quem convivia cotidianamente com ele, nem sempre era assim. Conta-nos Garbelotto: “Acima de tudo, Braidó era um apaixonado por São Caetano. No convívio diário era uma pessoa humilde que nunca se deslumbrou com o poder, mas o exercia em sua plenitude. Era um estudioso dos grandes temas de ações públicas”.



Políticos em reunião com o prefeito Walter Braido (sentado, ao centro). A partir da esquerda, em pé, foram identificados: Oscar Garbelotto, Odilon de Souza Mello, Armando Furlan, Osvaldo Martins Salgado e Pasqual. Sentado, à direita, aparece Floriano Leandrini

Como prova da flexibilidade e de que era um político modernizador, nosso entrevistado relembra uma questão levantada durante a construção do Teatro (então chamado de auditório) Paulo Machado de Carvalho, inaugurado em 1968. Na ocasião, ao conversar com um dos arquitetos da obra, Garbelotto se surpreendeu com a imponência do local – que fora construído apenas para sediar formaturas. “Na qualidade de diretor do Depec, levei ao prefeito a sugestão de que lá também fosse palco para espetáculos culturais, fiz contatos e até uma agenda de atrações. Ele aceitou na hora e me deu liberdade para fazer as alterações necessárias”, explicou.

O articulador além das fronteiras - Além de triprefeito, Braido foi vereador entre 1957 e 1961 e deputado estadual de 1971 a 1973, mas suas articulações políticas além de São Caetano começaram ainda em

seu primeiro mandato como chefe do Executivo. Ligado à Aliança Renovadora Nacional (Arena), o partido dos apoiadores do governo militar, Braido estreitou relações com os governadores do Estado de São Paulo da época de seu primeiro mandato. Garbelotto relembra que Adhemar de Barros (1963-1966), Laudo Natel (1966-1967) e Roberto Abreu Sodré (1967-1971) eram presenças constantes em São Caetano. Na época, os chefes do poder Executivo estadual realizavam reuniões com os prefeitos do ABC em São Caetano e também encontros individuais com Braido, que tirava proveito desse bom relacionamento para trazer benefícios à cidade.

“Abreu Sodré, por exemplo, era de casa. Tinha uma ótima relação com o prefeito, despachava aqui por dias. Com essa hospitalidade e desenvoltura política, Braido conseguia muitas parcerias e retribuía em

homenagens. Dois exemplos disso são: o batismo do Colégio da Vila Barcelona, em 1967, com o nome de Idalina Macedo Costa Sodré, mãe do governador de então e, ainda, em 1974, quando nomeou de Zilda Natel, a creche localizada também no atual Bairro Barcelona. Zilda era a esposa do governador Laudo Natel”, explicou.

Breves relatos como esses mostram que Hermógenes Walter Braido é, sem dúvida, um dos maiores políticos já surgidos em terras sul-são-caetanenses. Empreendedor, gestor, modernizador e articulador. Não alçou voos maiores na política (chegou a dizer que foi deputado estadual em 1971, “contrariado”), por pura opção. Até o fim de sua vida, em 2008, se manteve influente e consultado por todos os atores da cena política da cidade. **(Caio Bruno) | (Entrevista realizada por Cristina Toledo de Carvalho e Monica Iafrate) R**



TE NOS CANDIDATOS DA ARENA
BRAIDO

Hermógenes Walter Braido, ao microfone, discursando em comício da Arena, partido pelo qual se candidatou às eleições para a prefeitura de São Caetano do Sul em 1972. Podem ser identificados, da esquerda para a direita, Bruno Aggio, Argemiro de Barros Araújo, Sebastião Lauriano dos Santos, Braido, Claudio Musumeci, Francisco Alves e Giro Striani

Rodrigo Marzano Munari

“Braido voltou nos braços do povo!”:

“**B**raido voltou nos braços do povo”: assim anunciava uma manchete do *Jornal de São Caetano*, de 3 de fe-

vereiro de 1973, noticiando a posse do prefeito eleito na Câmara Municipal, que teria sido “pequena para conter a multidão que compareceu” à cerimônia¹, conforme expressou o ilustre periódico sul-são-caetanense que, aliás, muito contribuiu para a campanha do candidato então escolhido pela maioria dos municípios. Hermógenes Walter Braido já administrara a cidade durante quatro anos (1965-1969) e deixara bem marcados alguns *slogans* que definiam a filosofia de sua gestão: “Cidade Nova”, “Cidade onde escola não é problema”... Bordões que não eram apenas uma propaganda de campanha ou um projeto político-administrativo, visto que se baseavam em uma série de realizações materiais que beneficiaram a população do município e contribuíram, decisivamente, para reconduzir Walter Braido à prefeitura de São Caetano do Sul em 1973.

vida política e administração municipal entre 1973 e 1977

Após deixar a administração municipal, em 1969, elegendo Oswaldo Samuel Massei como seu sucessor, Braido não se afastou das lides políticas, pois fora convidado pelo então governador de São Paulo, Abreu Sodré, para presidir uma entidade autárquica estadual, o extinto Fumest (Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias), e, em 1970, “sem muita vontade”, concorreu e foi eleito deputado à Assembleia Legislativa do Estado, com cerca de 50% dos votos válidos da cidade.² O ano de 1972 era de eleições municipais em São Caetano. Naquele contexto, Braido manifestaria o seu desejo de se afastar da vida pública sul-são-caetanense, esforço que se mostrou infrutífero em vista dos arranjos partidários que se concretizaram e, sobretudo, da sua “popularidade” no seio da vida municipal, fatores que faziam dele o principal concorrente à prefeitura.

Em âmbito nacional, a ascensão de Braido ao governo municipal coincidiu com o período da ditadura militar brasileira (mais propriamente uma ditadura civil-militar, em razão de ter recebido apoio de vários setores da sociedade, como parte expressiva do empresariado e das classes médias), iniciada com o golpe de Estado de 31 de março de 1964, que destituiu o presidente João Goulart. A institucionalização do regime e de sua arquitetura autoritária se deu por meio dos chamados “Atos Institucionais”, decretos jurídicos de caráter centralizador que se sobrepunham à Constituição Federal. Objetivando controlar o sistema eleitoral e neutralizar as máquinas partidárias herdadas da democracia populista, e atendendo às pressões da “linha dura” militar, o governo do marechal Castelo Branco promulgou, em 27 de outubro de 1965, o Ato Institucional nº 2 (AI-2), que extinguiu o pluripartidarismo e criava dois únicos partidos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena) – governista – e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – congregando a oposição, embora limitada em sua organização e no campo das manifestações públicas.³

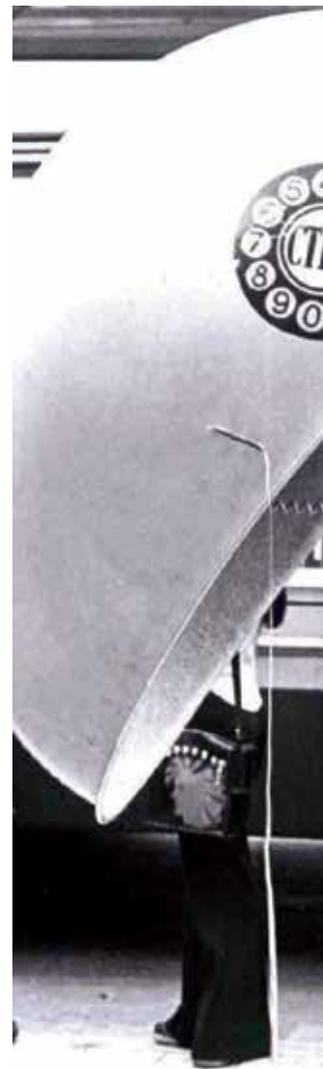
Levado pelo governador do Estado, Adhemar de Barros (1963-1966), Walter Braido alistou-se na Arena, sigla pela qual concorreria às eleições municipais de 15 de novembro de 1972, que o conduziriam ao segundo mandato na prefeitura de São Caetano. Sua intenção, como afirmou o próprio Braido em entrevista publicada em 1994⁴, não era apresentar-se candidato a essas eleições, mas pressões políticas o impeliram a tomar tal decisão. Em sua edição de 26 de agosto de 1972, o *Jornal de São Caetano* noticiava, com júbilo, a realização da convenção municipal da Arena, acontecida a 23 de agosto. Na ocasião, Braido, já conhecedor dos resultados que o consagravam candidato, subiu à tribuna da Câmara Municipal para agradecer a confiança nele depo-

sitada, asseverando por diversas vezes, segundo o periódico, que não era essa a sua vontade:

Já em 1970, fui candidato a deputado contra minha vontade, já que considerava encerrada a minha carreira política em 1969, quando entreguei a Prefeitura a Oswaldo Samuel Massei.

Diante da ausência de líderes novos, para pacificar a política sancaetanense, atendi aos insistentes pedidos dos amigos. Agora, novamente, desejava ardentemente que homens novos, novos líderes aparecessem para disputar a prefeitura.⁵

Dos 45 convencionais reunidos para a escolha, por voto secreto, dos candidatos a prefeito e vice-prefeito, 41 confiaram suas escolhas ao deputado Braido, não ensejando nenhuma possibilidade para o pedido de registro de outras chapas para sublegendas. A sublegenda foi uma das invenções da legislação eleitoral do regime militar, mecanismo pelo qual um mesmo partido poderia apresentar mais de um nome para concorrer a um cargo em disputas majoritárias. Os votos dos candidatos de cada partido seriam somados e aquele que obtivesse mais votos seria o vitorioso. A finalidade deste instrumento era acomodar nos dois partidos existentes, a Arena e o MDB, as lideranças locais e estaduais oriundas dos diversos partidos que foram extintos pelo AI-2. De acordo com essa legislação, numa eleição para prefeito poderiam concorrer até seis nomes, três da Arena e três do MDB, todos disputando o mesmo cargo.⁶



Não foi o que aconteceu, em 1972, no interior da Arena municipal, que lançou por votação quase unânime o seu único candidato à prefeitura de São Caetano: Hermógenes Walter Braido, que enfrentaria Floriano Leandrini, postulante lançado pelo MDB. Argemiro de Barros

do eleitorado de São Caetano do Sul.⁸ O povo da cidade dera-lhe a oportunidade de “continuar a obra paralisada em 1969”.⁹ O *Jornal de São Caetano*, acolhendo com entusiasmo a vitória do recém-eleito, afirmava que Braido era o único candidato do ABC que já tinha sua posse garantida,



Acervo/FMASCIS

No dia 20 de dezembro de 1973, o prefeito Walter Braido, em companhia de Arno Traeger e José Jorge Pereira, que então eram, respectivamente, presidente e diretor de operações da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC), fez a primeira ligação telefônica do aparelho público (orelhão), instalado na Praça Primeiro de Maio, junto ao antigo Paço Municipal de São Caetano do Sul

Araújo, diretor do Departamento de Educação e Cultura (Depec) no governo Massei, foi o nome escolhido pelos convencionais para vice-prefeito na chapa do candidato arenista. Tão esmagadora quanto a votação na convenção seria aquela resultante dos votos apurados nas eleições de 15 de novembro: Braido é eleito o novo prefeito com 53.213 votos⁷, o que correspondia a quase 90%

pois que em outras cidades da região a sorte dos candidatos eleitos ainda não estava decidida, em virtude da tramitação de recursos, impetrados por adversários perante a Justiça Eleitoral, contra a diplomação dos prefeitos escolhidos.¹⁰

Efetivamente realizada, conforme o previsto, em 31 de janeiro de 1973, a posse do prefeito sul-são-caetanense aconteceu com “o



Arquivo/FMASC



Arquivo/FMASC

O prefeito Hermógenes Walter Braido, Claudio Musumeci e João José Dario com o então governador do Estado de São Paulo, Laudo Natel (1971-1975)

Prefeito Braido e políticos de São Caetano do Sul visitam Paulo Egydio Martins, governador do Estado de 1975 a 1979, no Palácio dos Bandeirantes

auditório e o plenário da Câmara Municipal completamente lotados”, proferindo as suas primeiras palavras o novo administrador da cidade. Referindo-se à sua anterior administração, Braido atribuía aos frutos de seu trabalho a expressiva votação que o reconduzira à prefeitura: “O povo entendeu que cumprimos, item por item, as promessas feitas em praça pública. As obras de saneamento, água, esgotos e a pavimentação. Construimos escolas. Elas que eram privilégio de poucos, passaram a ser direito de todos”.¹¹

E concluía, em seu estilo característico, com palavras ácidas dirigidas aos opositores políticos: “Ainda existem alguns recalçados e frustrados. Mas,

vamos dizer aos cães vadios, que apesar de seus ladridos a caravana vai passar e muito faremos em favor de São Caetano do Sul, de seu povo e para o Brasil”.¹²

A popularidade inquestionável de Walter Braido, razão básica que o levaria a assumir sua segunda gestão com alto índice de confiança, residia numa característica que parece revestir-se de mero estereótipo, mas que tinha um sentido muito concreto para a população que o elegera: Braido era um “homem de obras”, que atacara diretamente alguns problemas fundamentais que a cidade da época apresentava, sobretudo nas áreas de infraestrutura, saneamento, saúde e educação. Seus investimentos em cada um desses campos, durante sua primeira administração, “construíram” uma cidade que, em grande parte, é a cidade cujas feições elementares hoje conhecemos. O quadriênio que vai de 1973 ao início de 1977 seria, assim, definido como um governo de “continuidade”, prosseguindo na obra iniciada de modernizar a cidade, uma São Caetano que, em termos simbólicos, passaria do nível de *subúrbio* ao âmbito da *modernidade*.¹³ Não foi à toa que, já em seu *Boletim Especial* de 1973, o setor de Relações Públicas da Prefeitura Municipal declarasse: a nova administração “vai modernizar a cidade. Vai preparar São Caetano do Sul para o seu Centenário”.¹⁴ Essa data comemorativa aconteceria em 1977, fazendo memória dos 100 anos daquela que é oficialmente considerada

a “origem” do município, isto é, a fundação do Núcleo Colonial de São Caetano.

Logo que tomou posse, o prefeito compôs a sua nova administração. A estrutura do Executivo municipal e os ocupantes de cada um de seus cargos, cada qual respondendo por um campo de atuação importante para o desenvolvimento da cidade no decorrer da segunda gestão Braido, definiram-se pela seguinte forma: Luiz Antonio Cicaroni, chefe de gabinete; Claudio Musumeci, assessor econômico-financeiro; Antonio Carlos de Abreu Hildebrand e Plínio de Assis, assessores jurídicos; Domingo Glenir Santarnecchi, chefia de Relações Públicas; José Luiz Salvador Victor Marinaro, diretor de Administração; João José Dario, diretor de Educação e Cultura; Isaac Luiz Zveibel, diretor de Obras e Serviços Municipais; João Colognesi, diretor da Fazenda; Antonio Menezes do Bonfim, diretor de Saúde e Assistência Social e presidente do Conselho Municipal da Saúde; Enéas Chiochetti, diretor de Assuntos Jurídicos; Mamor Sugo, diretor do Setor de Planejamento Integrado; Luiz Roberto Martinez, diretor do Departamento de Águas e Esgotos; Oscar Garbelotto, diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior; Plínio de Assis, diretor do Instituto de Previdência e Assistência Social Municipal; João Luiz Paschoal Bonaparte, presidente da Comissão Municipal de Esportes; Francisco Locoselli, presidente da Fundação Municipal da Saúde; Verino Segundo Ferrari, presidente da Fundação das Artes; e Altevir Vargas Anhô, diretor do Centro de Pesquisas e Processamento de Dados.¹⁵

A segunda gestão de Walter Braido levantou como bandeira, mais uma vez, o lema “Cidade Nova” ao iniciar a execução de um projeto arrojado e de grandes proporções em nível de infraestrutura municipal. Grandes obras no setor viário foram anunciadas logo nos primeiros dias após a posse do prefeito (...)

Com essa equipe, constituída logo no início de seu mandato, e acrescida de diversos outros nomes que contribuíram de muitos modos para as realizações da prefeitura, Braido levou adiante seu programa de governo. Tendo a seu lado, além da equipe técnica, alguns amigos e companheiros de caminhada, como Mariano Gutierrez, seu “fiel escudeiro” e “churrasqueiro”¹⁶ particular, que trabalhava na Garagem Municipal e foi um homem atuante nas questões de interesse de São Caetano, pois, em todas as tardes, como uma espécie de “auditor”, reunia-se com o prefeito para relatar problemas da cidade e discutir toda espécie de melhoria que pudesse ser útil ao desenvolvimento local.¹⁷

A segunda gestão de Walter Braido¹⁸ levantou como bandeira, mais uma vez, o lema “Cidade Nova” ao iniciar a execução de um projeto arrojado e de grandes proporções em nível de infraestrutura municipal. Grandes obras no setor viário foram anunciadas logo nos primeiros dias após a posse do prefeito, ganhando destaque nas páginas do *Jornal de São Caetano* o ambicioso plano de “alargamento da Av. Goiás e o início da Cidade Nova”.¹⁹ Esta avenida, principal via de comunicação intermunicipal de São Caetano, caminho obrigatório de quem, vindo de São Paulo, demandasse o município de Santo André, já se mostrava insuficiente para o número de veículos que por ela trafegavam diariamente, a inícios da década de 1970. Ela media, então, apenas 12 metros de largura. Segundo pesquisas realizadas pela prefeitura, um tráfego tão intenso quanto o da Avenida Paulista da época em relação à quan-

Vista panorâmica do alargamento da Avenida Goiás, empreendimento iniciado pelo governo Braido com desapropriações e obras de remanejamento da rede de esgotos. Vemos, ao lado direito, a Rua Goitacazes e, ao centro, a Praça dos Estudantes, diante do antigo Paço Municipal. Foto da década de 1970



Arquivo/PMASCS



Construção do Hospital Infantil Márcia Braido, localizado na esquina das ruas Rio de Janeiro e Luiz Louzã. Construído durante a primeira gestão do prefeito Walter Braido, foi colocado em funcionamento apenas em 1973

Arquivo/PMASCS

tidade de ônibus que transitavam em cada sentido, situação que se afigurava um problema para o poder local. Diante desse quadro, Braido deu o pontapé inicial para o processo de alargamento da avenida, que exigia, além de vultosos recursos, a solução de impasses relativos às desapropriações que deveriam ser feitas e, posteriormente, a realização de todas as obras de infraestrutura necessárias ao combate das enchentes que assolavam o Centro e os bairros próximos ao antigo Paço Municipal e à estação ferroviária. Procedeu-se também a um remanejamento completo das redes de água e esgotos, instaladas sob o passeio da avenida, para evitar escavações futuras nas pistas.

O resultado dessas obras grandiosas foi a ampla avenida de 36 metros de largura, com duas pistas, cada uma com três faixas, canteiro central e passeios laterais, complementada por um avançado sistema de iluminação e arborização. A Goiás tornava-se, desse modo, uma avenida adaptada às exigências do tráfego e aos reclames da “modernidade”, da “Cidade Nova” que se queria estabelecer. A Goiás deveria tornar-se – como é ainda hoje – um dos cartões-postais de São Caetano do Sul, uma cidade moderna em comparação

não só com os demais municípios brasileiros, mas também com outras importantes cidades do mundo. Isso deveria se expressar em termos de infraestrutura e serviços oferecidos à população.

Alguns números do final da gestão (1977) permitem explicitar o êxito dos investimentos destinados aos setores referidos. Em fins de janeiro daquele ano, São Caetano contava com 30.515 ligações de água em residências e indústrias; as ligações de esgotos, na mesma ocasião, eram da ordem de 30.800. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município era o único do Brasil a contar com redes de água e esgotos em todas as suas ruas. O trabalho de estender essas redes a quase todas as residências da cidade iniciou-se durante a primeira administração Braido, eliminando uma causa de disseminação de muitas moléstias. A partir de 1973, o prefeito determinou uma revisão de todo o sistema, procedendo a reformas e ampliações nas áreas em que o mesmo precisasse de algum reparo, cooperando com a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), criada em 1973, por meio de convênios, a fim de que os serviços já implantados fossem conser-

vados e ampliados conforme as necessidades do município.

No início do ano de 1977, São Caetano do Sul tinha 549 ruas, 30 praças e jardins e 15 logradouros públicos, todos dotados de pavimentação asfáltica ou de paralelepípedos. A maioria das vias públicas, principalmente as que se situavam nos bairros próximos aos leitos de rios, contava com galerias de águas pluviais, numa medida contra as enchentes. Era a única cidade brasileira inteiramente dotada de iluminação pública, utilizando lâmpadas de vapor de mercúrio, sistema empregado nas maiores cidades do mundo.

A “Cidade onde escola não é problema”, estampa marcante da primeira administração Braido, não deixaria de ser uma marca forte do período 1973-1977, haja vista a ampliação do número de escolas e parques infantis e os investimentos aplicados na área da educação. Essa política educacional baseava-se em uma orientação pragmática, que visava construir e expandir uma rede escolar que – partindo dos denominados parques infantis, grupos escolares, ginásios, colégios, cursos profissionalizantes e faculdades – possibilitasse a cada criança e a cada jovem encontrar em sua própria vila ou bairro as escolas que pre-

tendesse cursar. Em sua segunda gestão, Braido construiu mais quatro parques infantis (futuras Escolas Municipais de Educação Infantil), deixando, ao sair da prefeitura, um número de 26 parques em funcionamento, praticamente dois para cada um dos bairros da cidade. No tocante ao ensino propriamente escolar, esperava-se garantir que um estudante não precisasse percorrer mais do que 800 metros para encontrar um estabelecimento de ensino de 1º ou 2º grau (hoje escolas de ensino fundamental ou médio) em São Caetano, que oferecia milhares de vagas para atender à demanda crescente em razão do aumento populacional.

Outros destaques de sua administração foram as escolas profissionalizantes, que objetivavam, fundamentalmente, preparar a juventude para o mercado de trabalho e, em especial, para o pujante parque industrial da cidade e da região. Em

Outros destaques de sua administração foram as escolas profissionalizantes, que objetivavam, fundamentalmente, preparar a juventude para o mercado de trabalho e, em especial, para o pujante parque industrial da cidade e da região.

1975, foi inaugurado o Colégio Técnico Industrial Jorge Street em prédio pertencente à prefeitura municipal, originalmente construído, na primeira gestão de Walter Braido, para abrigar a Faculdade de Tecnologia Alfredo Rodrigues. Seu objetivo era formar técnicos qualificados em Ferramentaria, Eletrotécnica, Instrumentação e, futuramente, Eletrônica. Além disso, a cidade possuía o Colégio Comercial Municipal Professora Alcina Dantas Feijão, vinculado ao sistema estadual de ensino e subvencionado pela prefeitura de São Caetano do Sul. Propunha-se formar técnicos de nível médio em Contabilidade e, em seu curso de primeiro grau, voltava-se para a sondagem de “aptidões” de prática e habilidade comerciais. Este colégio, que se situava na confluência das avenidas Paraíso e Visconde

de Inhaúma, foi transferido, durante a segunda gestão Braido, para o prédio da Rua Capivari, nº 500, onde se encontra até hoje.

Ainda no campo da educação, pode-se dizer que a administração Walter Braido, em seu segundo período de governo, não se ocupou somente da expansão física da rede escolar. Em sintonia com novas ideias educacionais e mais atualizados métodos didático-pedagógicos, o governo procurou “modernizar” a estrutura de ensino, por meio da atuação do Departamento de Educação e Cultura (Depec), chefiado pelo professor João José Dario. As políticas desse órgão, além da concessão de bolsas de estudo a estudantes mais pobres, também se voltavam para o oferecimento de merenda escolar de qualidade e assistência dentária aos alunos dos parques infantis e grupos escolares da cidade, entre outras atividades

desenvolvidas em prol da comunidade escolar.

A saúde das crianças tinha a seu favor uma das grandes obras de Braido, concluída logo no primeiro semestre depois de seu retorno à prefeitura, em 1973. Trata-se da inauguração do Hospital Infantil Márcia Braido. Construído ainda na primeira gestão deste prefeito, o prédio destinado a cuidar da saúde infantil permaneceu fechado durante quatro anos. Em um trabalho intensivo realizado ao longo de cinco meses, de fevereiro a julho de 1973, Braido determinou reformas de caráter geral para recuperar instalações e equipamentos prejudicados pela inatividade. Em 28 de julho daquele ano, foi inaugurado o primeiro hospital infantil do Estado de São Paulo, pioneiro no tratamento especializado deste segmento da população, que até hoje pres-



ta seus serviços à comunidade sul-são-caetanense e a toda a região. Em sentido mais amplo, a estruturação governamental da área da saúde em São Caetano do Sul procurou assegurar assistência médica a todas as faixas etárias, do pré-natal à “velhice desamparada”, por meio de um conjunto de serviços que contemplavam sete postos de puericultura, o Pronto Socorro Municipal, hospitais gerais e especializados (que atendiam pessoas carentes graças ao programa assistencial da prefeitura), um Centro de Prevenção e Tratamento do Câncer Ginecológico e um Centro de Saúde ligado ao governo do Estado (encarregado de iniciativas para a prevenção de doenças contagiosas e para a fiscalização sanitária do município).

Se não é possível destacar aqui todas as realizações pelas quais primou o governo Braido durante a década de 1970, não se pode, entretanto, deixar de fazer referência a um assunto que mereceu especial atenção da prefeitura nesses anos: o incentivo ao desenvolvimento das práticas esportivas. Pressupondo que a promoção



Inauguração de parque infantil localizado no antigo Núcleo Residencial Bandeirantes, no Bairro Mauá. Por decreto municipal de 19 de fevereiro de 1975, recebeu a denominação de Helena Musumeci (hoje EMEI Helena Musumeci), sendo inaugurado em 10 de maio desse mesmo ano. Ao microfone, João José Dario, diretor do Departamento de Educação e Cultura

Prefeito Walter Braido com o presidente da Comissão Municipal de Esportes e responsável pela execução do Planesporte, João Luiz Paschoal Bonaparte (ao centro), e o então diretor do Departamento de Educação e Cultura, João José Dario

dessas atividades não depende simplesmente de uma inclinação nata dos indivíduos para o esporte, mas requer uma ampla estrutura de base, que inclui tanto recursos materiais (como prédios, equipamentos e instalações) como humanos (professores especializados), Walter Braido fincou os alicerces de um audacioso projeto denominado *Planesporte*, executado sob o comando de João Luiz Paschoal Bonaparte, presidente da Comissão Municipal de Esportes, com o auxílio de um qualificado grupo técnico.

Entre outras medidas que tencionavam difundir as práticas esportivas entre crianças e jovens, o projeto determinava a construção e reforma das quadras nas escolas de 1º grau, além da formação de um corpo docente capacitado, a fim de possibilitar a implantação de aulas de Educação Física nos grupos escolares, ginásios e colégios. As escolinhas esportivas, mantidas pela municipalidade, preparavam os interessados para a prática de distintas modalidades (futebol, basquete, vôlei, natação, atletismo, handebol, xadrez, tênis de mesa e de campo e judô), adquirindo papel central na formação de centenas de atletas sul-são-caetanenses. Algumas competições então realizadas tinham ampla repercussão na imprensa, como as Olimpíadas do Tijucussu Clube e as Olimpíadas do Primário, que movimentavam os alunos dos estabelecimentos de ensino da cidade. Foi ainda instituído o Laboratório de Aptidão Física para fornecer assistência técnica e elevar o desempenho dos atletas, garantindo-lhes todas as orientações necessárias. Mas o *Planesporte* não parava por aí, pois seu objetivo explícito era levar o esporte ao alcance de todos, isto é, para todos os bairros e vilas de São Caetano do Sul. De acordo com Nelson Perdigão, que era, na

quela época, assessor da presidência da Comissão Municipal de Esportes, o plano teve de ser bastante ampliado para modificar a paisagem dos clubes esportivos do município:

Diante da grandiosidade do projeto *Planesporte*, havia a necessidade de estendê-lo aos clubes de futebol que viviam em extremas dificuldades. Precisavam de uma orientação para que pudessem alcançar os objetivos de cada entidade. Como o plano de governo Cidade Nova tinha como escopo a construção de centros esportivos, a intenção era a de instalar um em cada bairro, por meio das fusões de seus clubes de futebol. Assim, a COF [Comissão de Orientação do Futebol] passou a ser a sigla da Comissão de Orientação das Fusões.²⁰

Com as fusões dos diversos clubes existentes nos bairros da cidade surgiram oito novas agremiações, procedendo-se à construção das unidades de recreação e esportes, dotadas de toda a infraestrutura necessária (ginásio coberto, campo de futebol, piscinas, dependências administrativas, áreas livres, etc). No governo de Walter Braido foram construídos cinco centros esportivos: Centro Recreativo Esportivo União dos Amigos de Vila Prosperidade, Associação Beneficente Recreativa Esportiva de Vila Barcelona, Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Santa Maria, Clube Recreativo Esportivo Tamoyo e Centro Recreativo Esportivo Fundação. Três outros vieram na administração seguinte (1977-1982), completando o projeto: Centro Esportivo e Recreativo Gisela, Centro Esportivo e Recreativo Águias de Nova Gerte e Centro Esportivo Recreativo Vila São José.²¹

Com seus investimentos nesse projeto, Braido projetou uma cidade integrada por meio

do esporte, não só a partir da participação das comunidades locais na gerência dos centros esportivos instalados em cada bairro, mas também pelo viés simbólico de elevação dos valores esportivos, que levavam o nome de São Caetano do Sul a competições de nível estadual, nacional ou internacional. O que se fez no campo do esporte, em outras palavras, foi o que se procurou estabelecer em todas as áreas do sistema administrativo: construir uma cidade “moderna” e, tanto quanto possível, pioneira em projetos de desenvolvimento dos segmentos de esporte, educação e cultura. Esses campos eram especialmente relevantes, pois por meio deles não se erigia apenas uma cidade, uma vez que também se construía um povo: criava-se uma consciência da identidade e da unidade sul-são-caetanaense, como uma espécie de “grande família” que se destacava – e claramente se diferenciava – de outras famílias ou comunidades regionais, a despeito da identidade maior que congregava o ABC – concepção muito viva em meados da década de 1970 – em torno da ideia de industrialização e de progresso econômico do país.

Eleito em 1972 com enorme popularidade, Braido seguiria na mesma linha que o consagrou vitorioso ao término de sua primeira gestão, privilegiando um conjunto de realizações concretas que remodelaram a cidade nos mais diversos âmbitos. Apesar disso, não fez seu sucessor na prefeitura, em uma das curiosas reviravoltas da política municipal. O fato explica-se pelas conjunturas e definições partidárias locais, como também, sobretudo, por um movimento político mais abrangente que se desenvolvia no Brasil da época. O MDB, tornando-se importante força eleitoral, crescia em todo o país à medida que o regime militar mostrava si-

gnais de esgotamento, na esteira do processo de lenta abertura política conduzido pelo governo do general Ernesto Geisel (1974-1979). Não foi diferente para o MDB de São Caetano, que teve um crescimento extraordinário nesse período, o que contribuiu significativamente para a eleição, em 1976, do prefeito Raimundo da Cunha Leite, que derrotara o candidato lançado por Braido, Antonio José Dall’Anese. Mas esse não foi o ponto final da trajetória de Hermógenes Walter Braido na cidade de São Caetano do Sul... Ele e seu grupo político voltariam à tona, com força total, nos pleitos seguintes. **R**

NOTAS

¹BRAIDO VOLTOU NOS BRAÇOS DO POVO! *Jornal de São Caetano* de 3 de fevereiro de 1973, ano XXVII, n.º 1765, p. 1. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

²A respeito da sua experiência como deputado estadual, conferir entrevista de Hermógenes Walter Braido concedida a JOVANOVIĆ, Aleksandar. Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 7, jul. 1994.

³NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. Coleção “Discutindo a História do Brasil”, coordenação de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado. São Paulo: Atual, 1998, p. 20.

⁴JOVANOVIĆ, Quarenta anos de política, na análise de Walter Braido, art. cit., p. 7.

⁵CONVENÇÃO DA ARENA DECIDIU: BRAIDO É CANDIDATO. *Jornal de São Caetano* de 26 de agosto de 1972, ano XXVIII, n. 1742, p. 3.

⁶Sobre a legislação eleitoral vigente na ditadura militar, ver NICOLAU, Jairo. *Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 104-118.

⁷ASCÊNCIO, Yolanda. *Meio século de Legislativo em São Caetano*. 2ª edição revista e ampliada. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 1999, p. 25.

⁸Ou, mais especificamente, 87% dos eleitores da cidade, segundo biografia do prefeito inserida em “Boletim Especial” da administração Hermógenes Walter Braido, elaborado pelo Setor de Relações Públicas da Prefeitura Municipal no ano de 1973. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

⁹Ibidem.

¹⁰BRAIDO, O ÚNICO ELEITO DO ABC QUE TEM SUA POSSE GARANTIDA. *Jornal de São Caetano* de 20 de janeiro de 1973, ano XXVII, n.º 1764, p. 3.

¹¹Braido empossado prefeito de S. Caetano. *Jornal de São Caetano* de 3 de fevereiro de 1973, ano XXVII, n.º 1765, p. 3.

¹²Ibidem.

¹³Representativo dessa discussão em torno da ideia de “modernidade” e da construção de um ideal de município é o artigo de CARVALHO, Cristina Toledo de. A criação da Fundação das Artes e a modernidade em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 56, p. 7-17, dez. 2017.

¹⁴PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. “Boletim Especial” elaborado pelo Setor de Relações Públicas no ano de 1973. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

¹⁵Suplemento Especial do *Diário do Grande ABC*, datado de 28 de julho de 1974, p. 5. Acervo particular de Hermógenes Walter Braido e família. O “Organograma da Prefeitura Municipal” consta também do “Boletim Especial” citado na nota anterior.

¹⁶A descrição é de JOVANOVIĆ, Aleksandar. Três cenas de bastidor político. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, p. 31, dez. 1989.

¹⁷A referência à atuação de Mariano Gutierrez foi feita por João José Dario, esposo de Márcia Braido e genro de Walter Braido, em entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul a 19 de setembro de 2018.

¹⁸As informações que se seguem, referentes à segunda administração Walter Braido, constam principalmente das revistas produzidas pela Prefeitura Municipal durante o período, quais sejam: *Cidade Nova*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1974. *São Caetano do Sul – Grandes Municípios Brasileiros*. São Paulo, Diagrama/Visão, ano II, n. 6, jun. 1976. *São Caetano do Sul – 1º Centenário*. São Caetano do Sul, Olinto, ano XV, n. 20, 1977. Foi consultado também o boletim de distribuição interna da Arena de São Caetano do Sul, de 27 de outubro de 1976. Acervo particular de Hermógenes Walter Braido e família.

¹⁹O ALARGAMENTO DA AV. GOIAS É O INÍCIO DA CIDADE NOVA. *Jornal de São Caetano* de 24 de fevereiro de 1973, ano XXVII, n.º 1769, p. 1.

²⁰PERDIGÃO, Nelson. Há quatro décadas, o Planesporte dava novo rosto ao esporte de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 49, p. 77, jul. 2014.

²¹Ibidem.

RODRIGO MARZANO MUNARI

É HISTORIADOR. ATUALMENTE É DOUTORANDO EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), ONDE SE FORMOU BACHAREL, LICENCIADO E MESTRE EM HISTÓRIA. COLABORADOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, ATUA NA ÁREA DE PESQUISA.

Braido, prefeito de São Caetano do Sul pela terceira vez

(1983-1988)

Acervo/FPMSCS



Foto do dia 15 de novembro de 1982, tirada na Garagem Municipal (na época, localizada na Rua José Benedetti), durante a apuração dos resultados do pleito municipal em que Walter Braido elegeu-se prefeito de São Caetano do Sul pela terceira vez, com 31.046 votos. Em primeiro plano, a partir da esquerda, Alécio Strabelli, Bruno Aggio, Lavinho de Carvalho (vice-prefeito eleito), Braido e Sebastião Lauriano dos Santos (vereador reeleito)

Quando Walter Braido chegou, pela primeira vez, ao posto de prefeito de São Caetano do Sul, em 1965, a cena política nacional vivia o alvorecer do período ditatorial militar. A sua pioneira gestão desenrolou-se no contexto do processo da montagem e do recrudescimento do regime¹, o qual teve, no ano de 1968 (um dos mais expressivos daquela gestão), o seu ponto mais severo, em razão da entrada em vigor do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Por outro lado, o seu terceiro mandato à frente do Executivo sul-são-caetanense assistiu às mobilizações em prol da redemocratização da vida política brasileira, sob a bandeira do movimento *Di-*

retas Já (reivindicativo de eleições presidenciais diretas), e à sua consolidação, após duas décadas de governos de exceção no âmbito federal.

No frigidar da situação, a ascensão de Walter Braido ao comando da municipalidade, naquela primeira metade da década de 1980, deu-se no calor de tal conjuntura política, representando, em termos locais, a possibilidade de retomada da filosofia administrativa que pautara as suas duas primeiras gestões. O ideal de uma “cidade nova” voltaria a ecoar em São Caetano.

Assim sendo, os pilares que forneceram sustentação àquelas duas gestões anteriores ganhariam também importância frente ao cenário que o seu terceiro (e último) mandato como prefeito propunha edificar. Segmentos como o da educação, saúde e infraestrutura receberam grande atenção, ocupando, de forma destacada, a agenda municipal. As ações observadas nas referidas áreas vieram a contribuir para a configuração de um quadro urbano que possuía, integralmente, pavimentação asfáltica, iluminação pública e rede de água e esgoto. Segundo consta, São Caetano do Sul foi a primeira cidade da Grande São Paulo a instalar, em todo o seu ter-

ritório, iluminação a vapor de sódio, considerada, então, mais potente e econômica. Tal medida foi adotada a partir de 1985.²

Nessa época, devido às suas atraentes condições estruturais, o município começou a apresentar uma tendência à verticalização, em face da chegada contínua de novos moradores, “atraídos por diversos fatores, sobretudo pela infraestrutura completa, por mais de dois mil estabelecimentos comerciais de grande, médio e pequeno porte, e a eficiência das redes escolar e de Saúde.”³

Não à toa que, por força do aumento populacional que passou a acometer a cidade na ocasião, o seu índice de concentração demográfica já se apresentava, no final do decênio de 1980, como um dos mais elevados da América Latina (algo em torno de 12 mil habitantes por quilômetro quadrado).⁴

Eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com a marca de 31.046 votos,⁵ Hermógenes Walter Braido foi conduzido à chefia da prefeitura local pela terceira vez, fato, na época, inédito na cidade e região.⁶ Com o desafio de sanar a situação desfavorável na qual se encontravam as finanças da cidade e de promover a melhoria dos serviços municipais

em geral, Braido tomou posse no dia 1º de fevereiro de 1983. Em seu programa de governo, constavam propostas que dialogavam com as implementadas por suas duas gestões anteriores, de maneira que setores tratados prioritariamente em tais mandatos vieram a ocupar também importante espaço em sua terceira administração, canalizando investimentos, cuidados e ações de incremento.

Na esfera educacional, em face da estrutura alicerçada, a meta era criar condições materiais para que o munícipe em idade escolar pudesse não só ter acesso às instituições de ensino existentes, mas nelas permanecer, ao longo de seus estudos.

A prioridade concedida à Educação nas três gestões do prefeito Walter Braido não se manifestou, apenas, com a construção de uma privilegiada infraestrutura. A concessão de bolsas de estudo (3.800 em todos os níveis, em 1988), entrega de uniformes escolares para os alunos das 27 Escolas Municipais de Educação Infantil e material escolar, inclusive para alunos da rede estadual, reflete a preocupação constante de oferecer condições para que todos tenham acesso e oportunidades iguais na Educação.⁷

Tal orientação verificou-se também em relação à merenda escolar, fornecida aos alunos das redes municipal e estadual e a entidades assistenciais. O seu cardápio rico em proteínas e vitaminas recebeu reconhecimento por parte da Secretaria de Estado da Educação. Paralelamente, o Departamento de Educação empreendeu inovações pedagógicas, como a alusiva à criação de uma brinquedoteca, considerada pioneira no gênero.⁸ Isso sem falar de iniciativas que promoveram, por meio de reformas físicas e da adoção de projetos, a dinamização de instituições e cursos criados por Braido durante a sua primeira gestão (1965-1969), como os cursos municipais de balé e de línguas e a Fundação das Artes. Modernizadas, tais instituições ampliaram o seu leque de cursos e o seu número de alunos.

No tocante à área da saúde, a proposta de inovar e modernizar os serviços norteou as realizações verificadas no setor. Uma das principais delas consistiu no estabelecimento de um sistema de descentralização do atendimento à população, tendo em vista agilizar a prestação de serviços e melhor distribuir as demandas que, antes, concentravam-se no Pronto Socorro Municipal, situado na esquina da Rua Peri com a Avenida Vital Brasil Filho. Assim, sete ambulatórios médicos foram abertos.

O Hospital Infantil Márcia Braido, idealizado durante o primeiro mandato de Walter Braido, teve o seu quadro de funcionários ampliado e as suas dependências reformadas. Em 1988, a unidade hospitalar já apresentava 16 consultórios e novas especialidades médicas. O mesmo ocorreu com o Pronto Socorro, que recebera novos leitos e ambulâncias.⁹

No âmbito tributário, a terceira administração de Braido foi responsável pela concessão de isenções do pagamento de taxas e impostos municipais a moradores que se encontravam, por exemplo, em determinadas situações. Des-

O prefeito Hermógenes Walter Braido com integrantes do Corpo de Bombeiros, em foto de 1987



ta forma, proprietários de imóveis atingidos por enchentes (problema que afetava a cidade há décadas) estavam entre os beneficiados pela mencionada política de isenção, assim como os cidadãos cujas casas não ultrapassassem o valor de 400 mil cruzados seriam isentos do pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Municípios que apresentassem um consumo hídrico inferior a dez metros cúbicos estariam também entre os beneficiários da política em questão, sendo dispensados do pagamento das contas de água. Para Walter Braido, medidas como estas eram necessárias “para aliviar o bolso do contribuinte num quadro de elevação constante das tarifas e preços em todos os setores.”¹⁰

A inovação marcou ainda os ramos de lazer e de esportes durante a última gestão de Braido. Por meio de uma política que objetivava a promoção do bem-estar do segmento populacional integrante da chamada terceira idade, o governo criou o Centro Esportivo e Recreativo



Arquivo/PMS/CS

para a Terceira Idade (atual Centro Integrado de Saúde e Educação da Terceira Idade – Cise) Dr. Moacyr Rodrigues, pioneiro do gênero na cidade. Com uma estrutura dotada de salão de jogos, pistas esportivas, vestiários e ambulatórios médicos, a entidade ofertaria as condições básicas para a boa integração social dos moradores idosos da cidade.

Prezando também a integração dos cidadãos sul-são-caetanenses de outras faixas etárias, a prefeitura lançou o Programa Esportivo Comunitário (PEC), com vistas à massificação da prática esportiva e à promoção de uma saudável sociabilidade entre os seus beneficiados.¹¹

Na esfera cultural, Hermógenes Walter Braido, em seu terceiro mandato, empreendeu, entre outras realizações, reformas nos teatros Santos Dumont e Paulo Machado de Carvalho, duas importantes casas de espetáculos culturais da municipalidade. No que concerne ao patrimônio histórico e à memória, não se pode

deixar de citar a iniciativa relativa à transferência do Museu Histórico Municipal,¹² que, desde a sua reabertura, em 1977, estava instalado em modesta dependência situada no Bosque do Povo (Parque Municipal José Alves dos Reis), na Estrada das Lágrimas, para o Palacete De Nardi, casarão do final do século 19 que servira de residência para a família do imigrante italiano Celeste De Nardi. Ações de recuperação foram observadas junto à edificação, tendo em vista torná-la apta para sediar o Museu. No dia 29 de dezembro de 1988, era inaugurada a sua nova sede, localizada na Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122, no Bairro da Fundação.

Outra iniciativa verificada no campo da memória condiz à inauguração do monumento em homenagem aos imigrantes italianos, obra de autoria do escultor Miguel Locoselli. Instalado, originalmente, na confluência da Avenida Guido Aliberti com a Rua Baraldi (hoje encontra-se na confluência daquela avenida com a Goiás), foi

fundido em bronze, apresentando 3,20 metros de altura, aproximadamente. A cerimônia de inauguração aconteceu no dia 28 de julho de 1988, como parte integrante da programação dos festejos dos 111 anos da cidade. Entre as autoridades presentes, estava Federico Baroschi, presidente da província italiana de Cagliari (situada na região da Sardenha), por ocasião da oficialização do convênio entre São Caetano do Sul e a cidade de Iglesias, pertencente àquela região. Tal tratado, por meio do qual as duas cidades foram declaradas irmãs (*gemellaggio*), previa a troca contínua de experiências entre as localidades, nos ramos cultural, social e econômico. Vale lembrar que Iglesias constituiu-se na terceira cidade-irmã de São Caetano do Sul. As outras duas foram Thiène, com a qual o chamado *gemellaggio* fora firmado durante a segunda administração de Walter Braido, e Vittorio Veneto, cuja irmandade com o município sul-são-caetanense remonta ao ano de 1984, já no período da terceira gestão do prefeito Braido.

Baroschi, na oportunidade, teceu justificativas, ao falar da importância da celebração do convênio com São Caetano:

Iglesias possui tradição industrial milenar, além de grande experiência nas áreas de mineração e metalurgia. Podemos colaborar muito com o governo brasileiro, desde que haja interesse por parte das autoridades, principalmente dentro da indústria automobilística, que é nossa grande paixão.¹³

Braido com representantes de um grupo de escoteiros no início de sua terceira gestão

Com a inauguração do Monumento aos Imigrantes Italianos, a propagação de uma memória voltada ao enaltecimento da italianidade impunha-se como uma ação hegemônica frente ao processo de constituição identitária da cidade. A concepção de que os mesmos foram os fundadores de São Caetano começou a materializar-se e a ganhar força já em 1927, quando da realização das comemorações do cinquentenário da chegada do grupo pioneiro de italianos ao então núcleo colonial local. A inauguração, naquele ano, da placa de mármore que está fixada na fachada do templo da Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação, a qual contém os nomes dos primeiros imigrantes instalados no referido núcleo, é um símbolo emblemático da memória triunfalista italiana¹⁴ disseminada, na localidade, desde então. Desta maneira, a homenagem prestada aos imigrantes, durante o terceiro e último mandato de Walter Braido, eleva-se ao patamar de manifestação de tal triunfalismo.

Embora fosse possuidora de uma hegemonia, a memória italiana em São Caetano, no final da década de 1980, punha-se ao lado de outras. O crescimento da cidade, o aumento de sua população e a emergência de outros sujeitos históricos em seu cotidiano contribuíam para essa pluralidade memorialística e, conseqüentemente, para a eleição de seus marcos representativos. Constitui reflexo disso a inauguração de uma placa de bronze, na Praça dos Imigrantes (atual Praça dos Imigrantes - Oswaldo Martins Salgado, no cruzamento das avenidas Presidente Kennedy e Tijucuçu), em homenagem a várias



Acervo/PPMSCS

correntes imigratórias que ajudaram na construção da cidade, como a espanhola, a portuguesa, a nipônica, a ucraniana, entre outras. A imagem de Padre Cícero, inaugurada em julho de 1988, na antiga Praça dos Nordestinos, que se situava no local onde hoje se encontra a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Leandro Klein (Rua Prestes Maia, nº 100, Bairro Nova Gerty), é outro exemplo que se enquadra nesse contexto. Localizada, atualmente, no Espaço de Lazer e Recreação José Agostinho Leal (Avenida Tietê, s/nº), é uma homenagem aos migrantes oriundos do Nordeste.

Para encerrar, cumpre transcrever um trecho de um texto de autoria do jornalista Alécio Strabelli, publicado em novembro de 1988, às vésperas do encerramento da terceira administração de Braido.

(...) Imaginem São Caetano sem a nova Avenida Goiás, sem as marginais do Rio Tamanduateí, do Rio dos Meninos, sem a Avenida Kennedy, a Tijucuçu, sem a nova Visconde de Inhaúma, sem água encanada, sem esgotos domiciliares, sem guias e sarjetas, sem calçamento, sem faculdades nem grupos escolares, sem parques infantis, nem praças, nem árvores nas ruas, sem garis, nem “margaridas”, sem Hospital Infantil, creches e postos de puericultura, sem Centros Recreativos...

Inauguração da Escola Municipal Integrada (EMI) Fernando Pessoa, em 1988. Os primeiros estabelecimentos desse gênero, na cidade, surgiram durante o terceiro mandato de Braido. A proposta dos mesmos reside na oferta de atendimento integral a crianças já em seus primeiros meses de vida

(...) Qual a cidade brasileira que concede bolsas de estudos a todos estudantes, que isenta de impostos e taxa de água as residências mais modestas, que subvenciona as entidades de utilidade pública, sem distinção de credo ou conotação política, que oferece vagas em escolas públicas, em todos os níveis, a quem deseja e tem competência?¹⁵

O panorama que o aludido texto traça a respeito das principais realizações das três gestões do prefeito impõe-se como fonte de reflexão para as discussões que cercam o processo de formação do chamado ideal de município sul-são-caetanense, no qual os governos de Hermógenes Walter Braido ocupam lugar de inquestionável destaque. **(Cristina Toledo de Carvalho)** 

NOTAS

¹ Informações detalhadas sobre o regime militar brasileiro podem ser obtidas junto à *Coleção Ditadura*, de Elio Gaspari. Composta por cinco volumes, tal coleção prima por ser um trabalho de referência acerca da temática, para além do universo acadêmico.

² PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Uma cidade de números privilegiados. *São Caetano do Sul 40 anos*, São Caetano do Sul, nov. 1988, p. 2.

³ *Ibidem*, p. 2.

⁴ *Ibidem*, p. 2.

⁵ RESULTADOS gerais para a prefeitura de São Caetano do Sul. *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 338, p. 5, 20 e 21 nov. 1982.

⁶ BRAIDO volta nos braços do povo! *Folha de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 338, p. 3, 20 e 21 nov. 1982.

⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Bolsas de estudo, material e uniformes. *São Caetano do Sul 40 anos*, São Caetano do Sul, nov. 1988, p. 6.

⁸ _____. Uma cidade de números privilegiados. *São Caetano do Sul 40 anos*, São Caetano do Sul, nov. 1988, p. 2.

⁹ _____. Hospital Infantil, atuação pioneira. Pronto-Socorro amplia atuação. *São Caetano do Sul 40 anos*, São Caetano do Sul, nov. 1988, p. 17.

¹⁰ _____. IPTU isento para valor de até Cz\$400 mil. *São Caetano do Sul 40 anos*, São Caetano do Sul, nov. 1988, p. 21.

¹¹ Para mais informações sobre a estruturação do cenário esportivo de São Caetano do Sul, em especial durante o período de implantação do Projeto de Desenvolvimento Esportivo (Planesporte), no decorrer da segunda gestão de Walter Braido (1973-1977), consultar: LAGE, Ana Luísa; SÁLVATOR, Talita Scotá. São Caetano: uma cidade com vocação para o esporte. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 54, p. 8-22, dez. 2016; e PERDIGÃO, Nelson. Há quatro décadas, o Planesporte dava novo rosto ao esporte de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 49, p. 76-81, jul. 2014.

¹² É oportuno lembrar que o início da história do Museu Histórico Municipal remete ao ano de 1959, quando, por força do Decreto 716, de 30 de novembro, foi criado. No dia 23 de julho de 1960, oito meses após sua criação, suas instalações foram inauguradas na Rua Baraldi, 929, esquina com a Rua Rio Grande do Sul. O seu primeiro diretor ou encarregado-conservador, designação dada ao cargo, na época, foi José de Souza Martins.

¹³ BRAIDO inaugura monumento em homenagem aos italianos (recorte de jornal, acervo/família Braido Dario), sem paginação, 29 jul. 1988.

¹⁴ Para a compreensão das questões que envolvem o assunto, recomendo a leitura de: MARTINS, José de Souza. O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 18-23, jan. 1991. Reflexões complementares podem ser extraídas de: CARVALHO, Cristina Toledo de. Os 300 anos da Capela de São Caetano: um convite à reflexão. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 55, p. 29-39, ago. 2017.

¹⁵ STRABELLI, Alcício. Moleque raçudo conquista chave de casa no grito. *São Caetano do Sul 40 anos*, São Caetano do Sul, nov. 1988, p. 37.



Acervo/FPMSCS



Inauguração do Monumento ao Padre Cícero, em julho de 1988, na antiga Praça dos Nordestinos. Hoje, a obra se encontra no Espaço de Lazer e Recreação José Agostinho Leal. Na foto, foram identificados Luiz Olinto Tortorello, Maria Braido, Walter Braido e Maurílio Teixeira Martins (vereador, na ocasião)

Acervo/Família Braido Dario

O prefeito Walter Braido discursa durante a cerimônia de inauguração do Monumento aos Imigrantes Italianos, no dia 28 de julho de 1988. Em segundo plano, aparece o jornalista Aleksandar Jovanovic. Obra do escultor Miguel Locoselli, o referido monumento, de, aproximadamente, 3,20m de altura, foi, originalmente, instalado na confluência da Avenida Guido Aliberti com a Rua Baraldi



Caio Bruno

Memórias do chefe de gabinete

Chefe de gabinete de duas das três gestões de Hermógenes Walter Braido à frente da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul (1973-1977 e 1983-1988), Luiz Antônio Cicaroni foi integrante do núcleo central do governo durante esses mandatos. Dentista de formação, importante personalidade do meio político e também do movimento estudantil-cultural da cidade quando jovem, Cicaroni é a pessoa que mais tempo ocupou esse cargo (além do período Braidista, ele desempenhou a função nos governos de José Auricchio Júnior entre 2007 e 2012) na história do município.

Nesta entrevista a *Raízes*, Cica, como é conhecido, relembra alguns fatos e histórias desses anos de trabalho ao lado de Braido. Confira agora o bate-papo:

Raízes - Como o senhor conheceu Braido e se tornou seu chefe de gabinete?

Cicaroni - No final dos anos de 1960 e começo da década de 1970, o país vivia uma efervescência comportamental, artística e política muito grande, e claro que São Caetano do Sul não ficou de fora. Sempre tive participação nas atividades culturais locais, e no ano da eleição em que Braido se tornou prefeito pela segunda vez (1972), eu era presidente do Centro Acadêmico que ficava ali no segundo andar do Edifício Vitória. Era uma reunião de estudantes universitários e também do atual ensino médio na qual levávamos ações, convívio social e montávamos espetáculos teatrais, geralmente com cunho questionador.

Certa vez o grupo de teatro, liderado por mim (a essa altura já na Rua Baraldi), montou uma peça chamada *A Ordem do Dia*. Nesse texto, criticávamos algumas organizações da sociedade sul-são-caetanense como o Rotary, Lions, Apami e a Prefeitura, principalmente na questão da saúde pública.

O Braido soube disso por meio do Claudio Musumeci (ex-vereador e diretor da Fazenda) e quis assistir à peça. Pediu-nos uma sessão reservada, mas nós fizemos aberta ao público. No dia, após o fim do espetáculo, ele pegou uma cadeira, subiu no palco e disse: “Vamos debater essa questão então”. A partir daí, logo depois ele se elegeu prefeito e - acredito que por influência do

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Luiz Antônio Cicaroni, durante entrevista concedida à *Raízes*, em novembro de 2018

Musumeci, que era muito meu amigo, me chamou para ser seu chefe de gabinete.

Isso mostra a visão perspicaz que ele tinha, querendo se aproximar do movimento estudantil e, de certa forma, trazer para perto os jovens e seus anseios e questionamentos.

Raízes - Aí vem 1973 e se inicia o segundo mandato de Braidó. O que podemos destacar desse período, em sua opinião?

Cicaróni - O primeiro ponto que resolvemos foi a inauguração do Hospital Infantil Márcia Braidó, que estava pronto desde a primeira gestão dele e - acho eu - por motivos políticos, o prefeito anterior (Oswaldo Samuel Massei) manteve fechado. Fazíamos as reuniões para a abertura do hospital, no gabinete mesmo. Eu secretariei todas elas. Fizemos a reforma, reparos e inauguramos em julho de 1973.

Um importante feito que realizamos e que pouco é falado foi o Projeto Cura (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada). Essa ação contou inclusive com empréstimo junto ao então Banco Nacional de Habitação (BNH) e consistia na estruturação completa do Jardim São Caetano e de parte do Bairro São José. Asfalto, iluminação, saneamento básico. Essas localidades, em época de chuvas, eram completamente inviáveis. Ninguém entrava e ninguém saía. É claro que no decorrer dos anos, e das administrações, outras obras foram feitas em complemento.

Nesse segundo governo, lembro-me também da construção de escolas e o foco no esporte com o *Planesporte*, com a união de clubes e a entrega dos centros esportivos.

Raízes - Logo no primeiro ano de governo, teve início a duplicação da Avenida Goiás. Uma obra importante para o futuro, mas que, na época, foi taxada por alguns como faraônica. Como foi todo o processo?

Cicaróni - Esta era uma ideia que Braidó tinha desde a época da campanha, em 1972. Já naquela época o trânsito estava carregado e se fez necessário fazer o alargamento da avenida chamada na época de Nova Goiás. Foram feitos os estudos técnicos, as explicações necessárias e buscamos recursos junto ao Banco do Brasil e ao Fundo de Desenvolvimento Urbano. Ao contrário do que se pensa, não foi uma obra complicada do ponto de vista de desapropriações.

Primeiro porque, da pista sentido São Paulo, que era a original, não foi mexido em nada e, na época, fizemos um levantamento, e, do outro lado (onde a avenida foi alargada), havia poucos imóveis a serem desapropriados, e essa ação foi comandada com maestria pelo setor jurídico da prefeitura.

Quanto à questão de ser uma obra faraônica talvez se deva ao fato de ser um assunto recorrente durante as eleições de 1976. O tempo se encarregou de mostrar que não correspondeu à verdade.

Raízes - Por falar na eleição sucessória, Braidó não conseguiu fazer seu sucessor. O vencedor foi Raimundo da Cunha Leite, do MDB. Como foi essa campanha?

Cicaróni - Naquela época, ainda havia o instituto da sublegenda, que era um artifício da lei eleitoral durante o governo militar. Havia somente dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e cada um podia lançar três chapas. De nosso lado, lançamos Antônio José Dall'Anese, Gentil Monte e Odilon de Souza Mello. O MDB lançou Raimundo da Cunha Leite, Oscar Leite e José Jayme Tavares Soares. Naquela época havia uma grande onda nacional a favor do MDB e perdemos a eleição.

Prefeito Hermógenes Walter Braido e equipe analisam planta do prédio do Fórum. Foram identificados, a partir da esquerda: Claudio Musumeci, Braido e Luiz Antônio Cicaroni (os três com camisa clara). Foto da década de 1970

Raízes - Aí chegamos a 1982 e Braido se candidata a prefeito, vence a eleição pela terceira vez e você retorna à chefia de gabinete. Como foi esse terceiro mandato?

Cicaroni - A eleição foi acirrada, afinal enfrentamos a máquina do governo. Tínhamos ainda a sublegenda e mais um artifício do período militar, o voto vinculado. O eleitor deveria votar em todos os candidatos de um mesmo partido, de governador a vereador, senão o voto seria anulado.

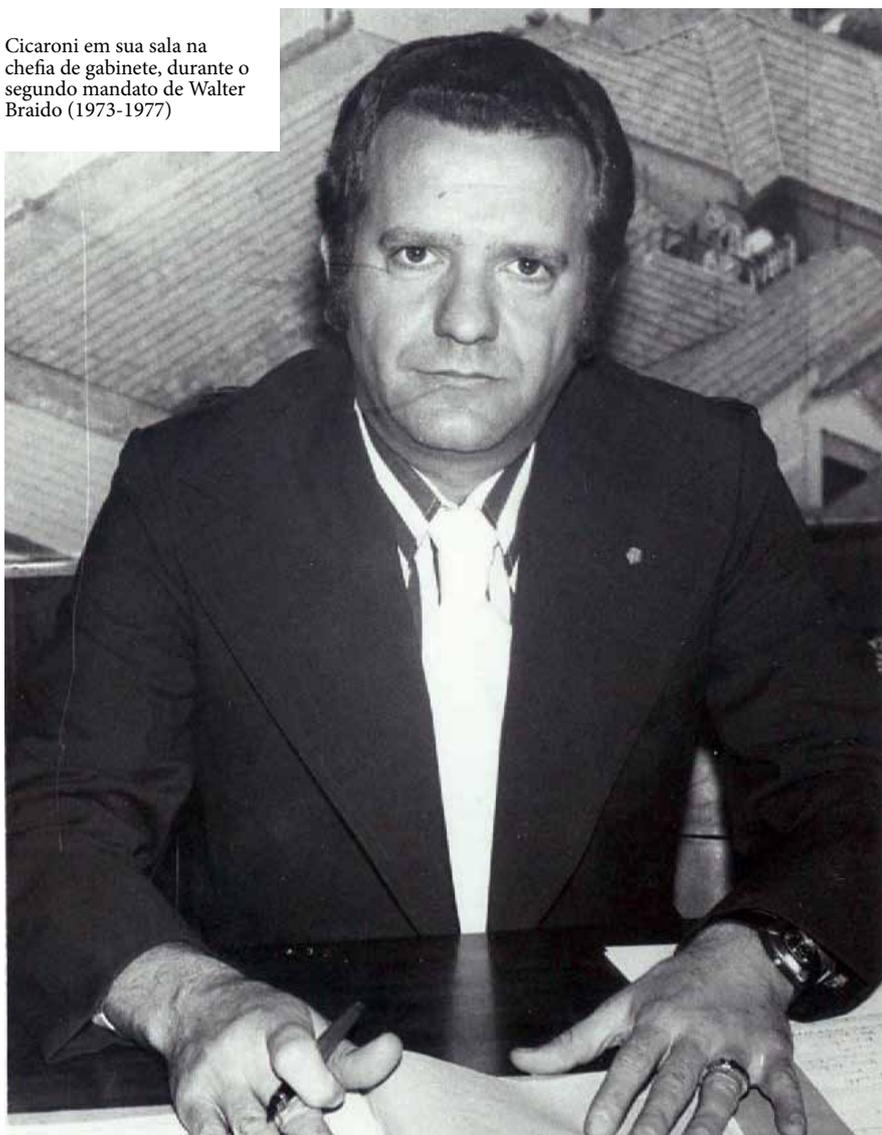
Vencido o pleito, Braido me convidou para ser novamente chefe de gabinete. Esse terceiro mandato foi mais tranquilo, do ponto de vista operacional e de realizações. Estávamos mais experientes e não havia tanta urgência nas coisas. Houve foco na distribuição de material escolar, manutenção da saúde e da educação, novas escolas e o primeiro centro da terceira idade, o Moacyr Rodrigues.

Raízes - Como era trabalhar com Braido?

Cicaroni - Trabalhar com ele era uma coisa muito boa, um grande aprendizado. Apesar de ser uma pessoa fechada, era de muito bom convívio. Era um chefe exigente que delegava, cobrava resultados, mas confiava em sua equipe. Para mim, é mais que um amigo, é um ídolo até hoje.



Cicaroni em sua sala na chefia de gabinete, durante o segundo mandato de Walter Braido (1973-1977)





Prefeito Hermógenes Walter Braidó entrega subvenções para entidades de São Caetano do Sul nos anos 1970. Foram identificados: Gentil Monte, Claudio Musumeci, José Agostinho Leal, Hermógenes Walter Braidó, Sebastião Lauriano dos Santos, Cristóvam Miguel Sanches e Luiz Antônio Cicaroni



Reunião do prefeito Braidó e de seu vice Lavinho de Carvalho (à esquerda) com os vereadores Oswaldo Martins Salgado e Antônio José Dall'Anese, em seu gabinete nos anos 1980. Cicaroni aparece em pé, ao lado de Braidó

Raízes - E no âmbito pessoal, como era a relação?

Cicaroni - Ótima. Tínhamos amizade e conversávamos muito sobre os mais diversos assuntos. Lembro-me de histórias muito boas no convívio pessoal, como as idas de fim de semana ao seu sítio com os amigos e o pessoal da prefeitura.

Em um desses passeios, aliás, estávamos na Avenida Guido Aliberti, com destino ao sítio, e ele viu um homem jogando vários objetos na margem do Ribeirão dos Meninos. Sofá, geladeira, etc, um verdadeiro descarte ilegal. Ele parou o carro e com aquele jeito dele, e altura, intimidou o rapaz, ordenando que parasse com aquilo, que era crime. O homem o reconheceu e pediu desculpas ao prefeito.

Raízes - Qual é o legado de Walter Braidó para São Caetano, na sua opinião?

Cicaroni - O legado de um homem que amou muito essa cidade e que abdicou de muitos momentos pessoais e profissionais em prol dela. Suas gestões foram exemplares, do ponto de vista gerencial, e o maior legado está aí até hoje. Dezenas de escolas, pavimentação, centros esportivos, saneamento básico, enfim, parte da estrutura municipal até hoje vem das gestões Braidó. Deixou sua marca na cidade com altivez e sem recorrer ao culto à personalidade. **R**

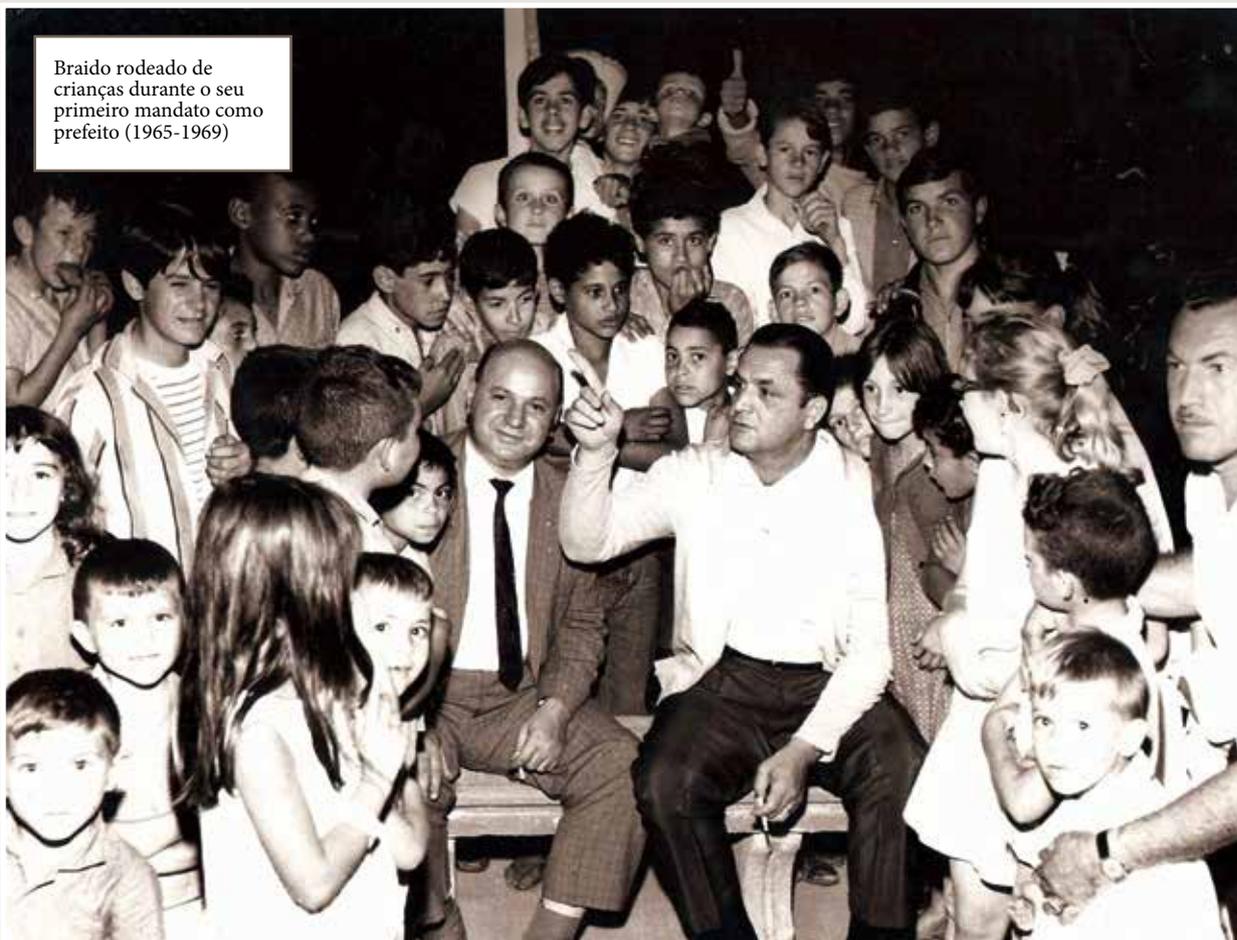
CAIO BRUNO

É JORNALISTA FORMADO PELA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, COM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM GESTÃO E CRISE EM REDES SOCIAIS PELO SENAC-SP E CURSOS LIVRES NA ÁREA DE GESTÃO CULTURAL. É PÓS-GRADUANDO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. ATUALMENTE É SUPERVISOR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.



Hermógenes Walter Braido durante sua campanha eleitoral à prefeitura de São Caetano, em 1964. Junto a ele, João Nicolau Braido, o Paraná, pai do então candidato Braido

Acervo/EPASCS



Braido rodeado de crianças durante o seu primeiro mandato como prefeito (1965-1969)

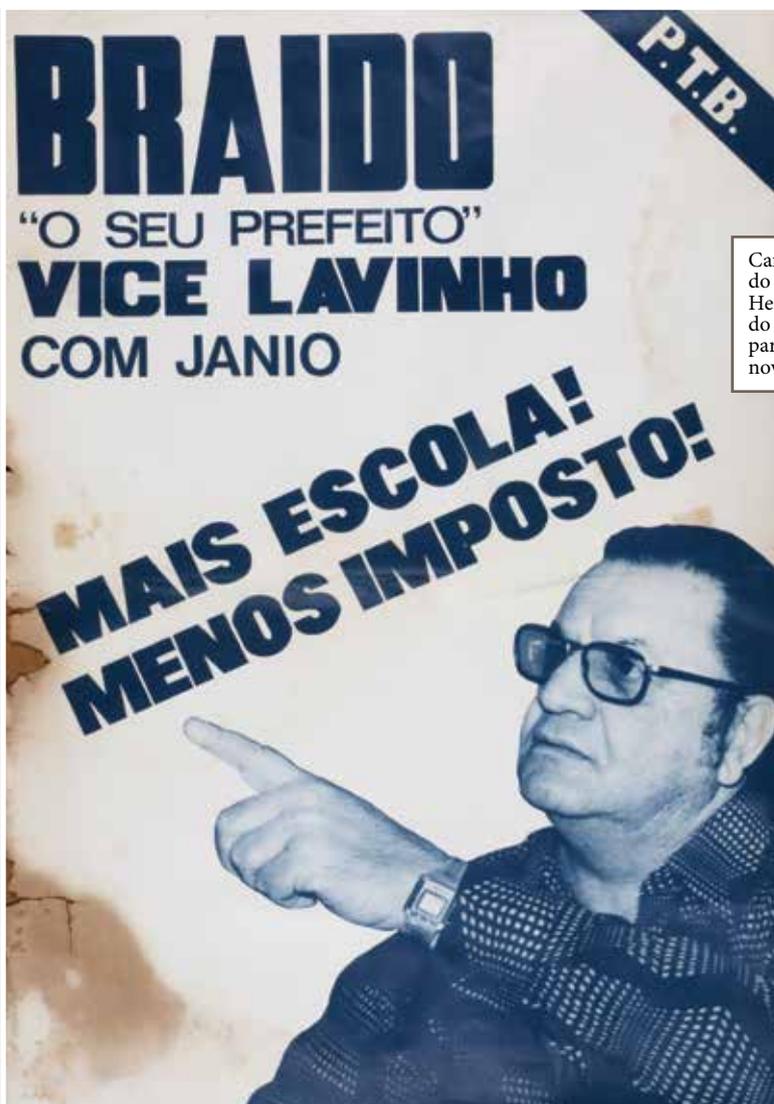
Acervo/EPASCS



Frente do convite para a inauguração do Centro Recreativo e Esportivo Francisco Fiorotti (atual CER Miguel Marcucci - ABREVB), realizada no dia 18 de janeiro de 1976, com a marca da gestão de Braido



Inauguração do Grupo Escolar de Vila Olímpica, um dos estabelecimentos de ensino construídos durante a primeira administração de Braido, que teve como carro-chefe o setor educacional



Cartaz da campanha do candidato a prefeito Hermógenes Walter Braido e do vice Lavinho de Carvalho para o pleito de 15 de novembro de 1982

Braido junto ao então governador de São Paulo, Roberto Abreu Sodré, em foto tirada em 3 de agosto de 1967, no Clube Comercial, que se encontrava sediado no quarto andar do Edifício Vitória (Rua Santo Antônio, nº 500). Na ocasião, a prefeitura e a delegacia de São Caetano do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) ofereceram um jantar em homenagem a Sodré, pelo encerramento dos festejos comemorativos ao 90º aniversário da cidade. Na foto também aparecem Oswaldo Samuel Massei, deputado estadual, na época (à esquerda), a primeira-dama Maria Braido e a mãe do prefeito Walter Braido, Elvira Paolillo Braido



O prefeito Walter Braido aplicando trote em um calouro. Durante a sua primeira gestão, o ensino superior ganhou impulso na cidade. Por meio da celebração de convênios e da cessão de terrenos e/ou prédios, a prefeitura criou condição para a instalação de instituições universitárias em São Caetano, tais como a Faculdade Paulista de Serviço Social e a Escola Superior de Administração de Negócios (Esan), estabelecidas no município em 1966 e 1967, respectivamente. Em 1968, a municipalidade inaugurou a então Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, que, posteriormente, tornar-se-ia Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes), hoje Universidade Municipal de São Caetano do Sul



Acervo/FMCS



Acervo/Família Braido-Dario

Inauguração do Estádio Distrital Vitório Dal'Mas, em 1968. A partir da esquerda, Vitório Dal'Mas, Antônia Braido Dal'Mas, Elvira Paolillo Braido, Maria Braido e Walter Braido



Hermógenes Walter Braido em foto tirada no dia 18 de junho de 1973, no início de sua segunda gestão como prefeito de São Caetano do Sul (1973-1977). Na oportunidade, Braido esteve presente no jantar promovido por ocasião da V Feira das Nações

Acervo/PMS/CS



Braido discursa durante a cerimônia de inauguração da Creche Zilda Natel, no dia 11 de março de 1975. Foram identificados, a partir da esquerda, Glenir Santarnecchi, Ubiratan Figueiredo (ao fundo), Padre Olavo Paes de Barros Filho, Sebastião Lauriano dos Santos, Oswaldo Martins Salgado, Zilda Natel e Maria Braido

Acervo/PMS/CS



Arquivo/EPNASC

Outro flagrante fotográfico registrado durante o evento de inauguração da Creche Zilda Natel. A partir da esquerda, o então governador de São Paulo Laudo Natel, Walter Braido, Maria Braido e Zilda Natel



Arquivo/Olindo Munari

Funcionários da prefeitura municipal, durante a segunda gestão de Walter Braido (1973-1977), num momento de descontração, em restaurante situado no Riacho Grande (distrito do município de São Bernardo do Campo). Da esquerda para a direita, em pé, aparecem Alberto do Carmo Araújo (Giba) e Pasqual Spachacuercia; sentados, Mariano Gutierrez, Orlando Munari, Victorio Marcucci e José Honório de Castro

Walter Braido proferindo discurso durante o evento de inauguração da Escola Municipal Integrada (EMI) Candinha Massei Fedato, no dia 26 de agosto de 1988, alguns meses antes do encerramento de sua terceira administração municipal

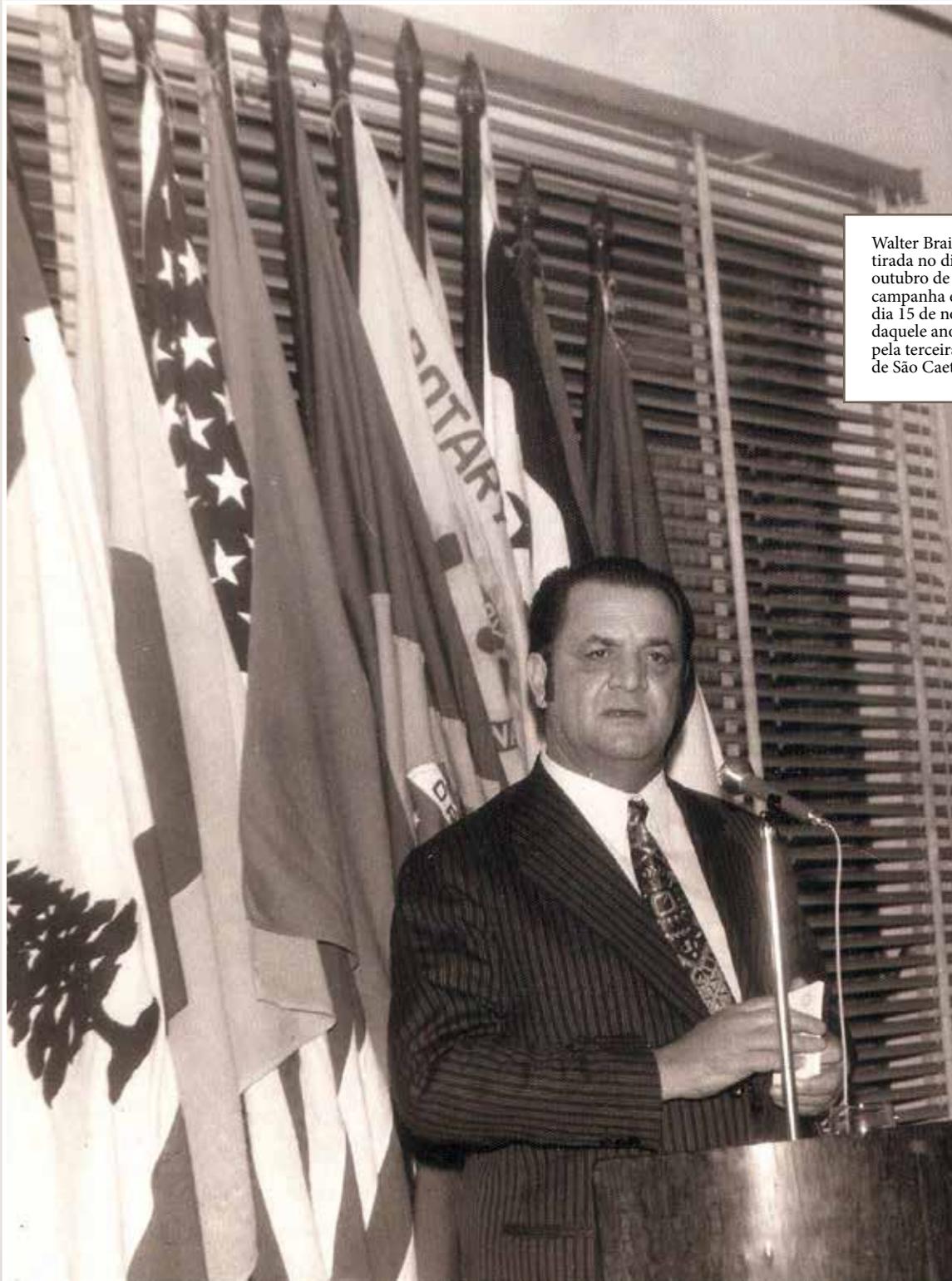


Acervo/PMMS

Sob outro ângulo, Braido aparece em destaque discursando na inauguração da referida Emi. Luiz Olinto Tortorello, então candidato a prefeito, acompanha atento



Acervo/PMMS



Arquivo/Família Braido, Durio

Walter Braido em foto tirada no dia 10 de outubro de 1982, durante campanha eleitoral. No dia 15 de novembro daquele ano, foi eleito, pela terceira vez, prefeito de São Caetano do Sul



Certidão do batismo de Hermógenes Walter Braido, realizado na Paróquia São Caetano, em 1928

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
PARÓQUIA DE SÃO CAETANO DO SUL
DIOCESE DE SANTO ANDRÉ
SÃO PAULO

CERTIDÃO DE BATISMO

Certifico, para fins exclusivamente religiosos, que no Livro de Batizados da Paróquia de São Caetano do Sul, do ano de 1.928 à fls. 69 sob n. 398 se encontra o termo seguinte:

A 4 de novembro de 1928 nesta Matriz de São Caetano do Sul o Rvmo. P.e. Alexandre Grigoli batizou solenemente a WALTER nascid. em S. Caetano do Sul aos 28 de fevereiro de 1927, filh. o legítimo de João Nicolao Braido e de Dna. Elvira Paulilo residentes em S. Caetano do Sul casados na igreja de S. Caetano Diocese de Sto. André

Foram padrinhos o Sr. Arthur Garbellotti e D.a. Thereza Piccolo

O Vigário João Batista Pelanda

Nada mais se continha em o referido assentamento que mandei fielmente copiar, e ao qual me reporto «in fids sacerdotis»

São Caetano do Sul, 3 de dezembro de 1965

Pe. José Antonio Zeldain



Pretecele nº 27.933/56



MINISTÉRIO DA GUERRA



(1) 2ª R.M. (1) 4ª C; R.
(Corpo ou Formação de Serviço)

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 3ª CATEGORIA

Nº 227372 (2) SÉRIE C

Certificado de reservista de Walter Braido, com data de 1956

Certifico que o cidadão HERMOGENES BRAIDO (1)
da classe de 1.927, (1) alistado no ano de 1.945 (1) pelo município
de Sante André, (1) Estado de S. Paulo, (1)
e incorporado no ano de _____, (1) é considerado reservista de 3ª categoria.

A) IDENTIFICAÇÃO

Filho de João Nicelau Braido (1)
e de Elvira Braido (1)
Natural de { Estado São Paulo (1)
de { Município Sante André (1)
Cidade (lugar) Sante André (1)
Data de nascimento 16-Março-1927 (1)
Instrução prim. final (1)
Outras notas func. eventual (1)
casado (1)



Cúti Branca (1)
Cabelo Cast. (1)
Olhos Cast. (1)
Altura 1,84 (1)
Nariz reto (1)
Rosto oval (1)
Bóca regular (1)
Sinais particulares não tem

4. C. R. - S/3
PICK-UP
Em 10/11/1956
Chefe da S/3 f. a.

ou
Impressão
digital
(polegar direito)
(1)



Hermogenes Braido.
(Assinatura do reservista) (2)

B) SERVIÇO ATIVO (1)

Unidade onde serviu _____
Tempo de serviço (incluído em _____, excluído em _____)
Especialidades _____
Graduação _____

(a) Augusto Rêno Weinmann
Cmt. do corpo ou chefe da formação de serviço

C) NOBILIZAÇÃO

Destino de mobilização _____
Residência B. São Francisco 142 (1)
(Cidade e, se possível, rua e número)

ANTONIO RIBEIRO WEINMANN
Cel. Chefe da 4ª C. R.

Em caso de mobilização deverá apresentar-se { Cidade (lugar) _____ (1)
Centro de Mobilização n. _____ (1)
No _____ dia de mobilização (1)
T. S. (2) S. Paulo _____ 3 de Outubro de 19 56
(a) _____
Chefe da Seção Mobilizadora n. _____

OBSERVAÇÕES:

A) Este certificado poderá ser substituído oportunamente pela-caderneta correspondente.
B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (civil, se aí não houver guarnição militar), a fim de obter meio de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que

Márcia Gallo

Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul em seus 25 anos de voluntariado

Neste ano de 2018, temos muitos motivos para comemorar o Jubileu de Prata do Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul, cuja data de criação é 9 de dezembro de 1993. A data se reveste de importância na medida em que as ações do Fundo ampliaram-se e se tornaram imprescindíveis à população que necessita de alguma assistência, muitas vezes constituindo-se no último recurso para as famílias necessitadas.

A caridade foi, desde os primórdios da ocupação das terras do Tijucuçu, um valor praticado pelos religiosos beneditinos. No registro da época do Núcleo Colonial e chegando aos dias atuais, a preocupação com o semelhante foi sendo transformada em mutualismo e filantropia, praticados por seus habitantes.

Encontramos referências históricas de ajuda ao próximo no artigo de José de Souza Martins, *A primeira esmola da história de São Caetano*, publicado na edição 57 da revista *Raízes* (julho de 2018), no qual há alusão ao seguinte relato:

No dia 22 de abril de 1760, uma quarta-feira, o padre-gastador do Mosteiro de São Bento, que cuidava das compras e pagamentos, anotou, no Livro da Mordomia, que havia dado meia pataca, 160 réis, de “esmola a um velho, nosso administrado, em São Caetano, estando muito enfermo”. [...] Administrado era designação abreviada do índio administrado, o índio em cativo. Mas cativo peculiar, muito diferente da escravidão do negro africano ou seu descendente. O negro era coisa e mercadoria, podia ser comprado e vendido. O administrado, não. (MARTINS, 2018, p. 99)

Além da pobreza, Martins elenca outros motivos para donativos dos beneditinos, tais como a doação de moedas para pessoas com surto de varíola, em 1761; a remessa de frango ou galinha para escravas recém-paridas, ou após um aborto, em 1762; ou como dote para que uma mulher conseguisse noivo e marido, em 1776. Esse costume era tradicional nas famílias de moças que tinham origem fidalga.

Auxílio mútuo e filantropia - Dando salto de mais de um século, o cenário que se vislumbra mostra as dificuldades pelas quais passavam as famílias dos colonos, que vieram da região do Vêneto para formar o Núcleo Colonial em São Caetano, em 28 de julho de 1877. Há notícias de muitas mortes entre colonos, logo nos primeiros dias após a chegada, do sentimento de isolamento e da falta de entes queridos que ficaram na Itália.

Roberto Belmonte Júnior, em artigo sobre Gaetano Garbelotto, publicado na edição de nº 35 da revista *Raízes*, pertencente a uma das famílias fundadoras, relata a participação de seu trisavô na criação de uma irmandade religiosa e de assistência social:

Em 8 de maio de 1879, seu nome aparece na imprensa paulistana: *Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo, assina Provisão aprovando os artigos do Compromisso que cria a Irmandade de São Caetano, na capela do mesmo nome. São fundadores da Irmandade os colonos Celeste Pantalo, Gaetano Garbelotto, Francesco Coppini, Giuseppe Ferrari e Giovanni Peruch. Ficando de propriedade da Irmandade um caixão coletivo decente para trasladar os defuntos ao cemitério, em São Paulo.*

Tal Irmandade foi criada devido a uma necessidade emergente, pois, já neste ano, apenas dois após a fundação no Núcleo Colonial, o governo Imperial desvinculou-se dessa colônia e, por sua vez, não lhe prestava mais assistência. (p. 45)

A única saída que restava aos colonos era a de se unirem para, coletivamente, resolverem as questões que se apresentavam, após o abandono

da tutela do governo imperial. Como a jornada de trabalho era longa e todos - homens, mulheres e crianças - trabalhavam, a ideia de se unirem em grupos ou sociedades, tendo em vista o auxílio mútuo e a organização de reuniões para fins culturais e sociais, foi tomando vulto.

Foi dessa forma que a população se organizou e manteve suas ações auxiliando os imigrantes de diferentes nacionalidades e os nativos. Na esteira desse processo, surgiram várias associações que serão denominadas a seguir. A primeira delas foi a Societá di Mutuo Soccorso Principe di Napoli. Henry Veronesi relata:

Em 11 de novembro de 1891, uma parcela daqueles italianos imigrantes, que tinham vindo de tão longínquas regiões da Itália, reuniu-se na igreja local e, depois de muita discussão e decisões, fundou a primeira sociedade da terra. Deram-lhe o nome de Societá di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, em homenagem ao futuro rei da Itália que, na época era príncipe. Essa sociedade, que só congregava italianos e filhos de italianos, tinha por objetivo dar assistência material, moral e cultural, e ainda promover festas aos seus associados. (VERONESI, 1991, p. 17)

À assembleia de criação da entidade, compareceram 110 pessoas, das quais 26 compareceram a primeira diretoria da sociedade, que reafirmava a exclusividade dos italianos e seus filhos na condução da vida cultural e social da cidade. Entre os objetivos estavam a assistência aos colonos e famílias em vários setores, além das atividades sociais, que guardavam a tradição trazida por eles. As ações da *Societá* adentraram

o século 20 e perduraram por seis décadas, sendo absorvidas pela Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano.

Passados 16 anos, no dia 15 de novembro de 1907, um grupo de moradores, que contava com portugueses, brasileiros e pessoas de outras origens, fundou a Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Segundo Veronesi, a fundação desta segunda entidade foi uma resposta à discriminação que outros segmentos da cidade, além dos italianos e filhos, sofreram por não poder se filiar e participar das atividades. A entidade, então, franqueou o ingresso a qualquer pessoa, independentemente de sua nacionalidade. Assim, as duas instituições caminharam com os mesmos objetivos, promovendo muitas festas para arrecadar fundos, mantendo uma banda de música cada uma, que participava dos eventos cívicos e religiosos da cidade.

Veronesi ainda registra a fundação de outras entidades, que foram sendo fundadas pelos grupos de moradores para atender necessidades de auxílio, conagração e lazer. Destacamos a fundação do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, em 11 de janeiro de 1922, com o objetivo principal de “proporcionar aos associados eventos sociais, como bailes, piqueniques, etc, e desenvolver a cultura, através do teatro”. (p. 18)

Apesar de não haver teatros na cidade, as peças eram representadas nas sedes sociais dos clubes, pois esses locais contavam com palcos e tinham grupos cênicos, sendo que as peças eram escritas por participantes dos grupos. Após algumas décadas, com a adesão de novos membros e desentendimentos entre eles, foi realizada uma assembleia geral, sendo aprovada a mudança do nome da agremiação para Clube Comercial, a partir de 1944. Tal instituição deixou de ser um clube que reunia a sociedade da cidade para tornar-se particular, com domingueiras frequentadas por quem adquiria o ingresso. O Clube Co-

mercial perdurou até 1956, ocupando o salão do 4º andar do Edifício Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antonio.

A etapa seguinte apresenta mudanças em São Caetano, que havia conquistado a sua autonomia política em relação a Santo André, por meio de um plebiscito realizado no dia 24 de outubro de 1948. Encontramos no texto de Cristina Toledo de Carvalho as características da cidade nesse período:

Embora apresentasse uma vantajosa situação econômica, em virtude de seu poderoso parque fabril, do qual faziam parte indústrias de projeção internacional, como a General Motors, as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo e a Cerâmica São Caetano, sua realidade, em termos de infraestrutura urbana, ainda era precária. Problemas com a rede de água e esgoto eram os mais preocupantes, visto que a população ficava exposta a doenças e epidemias, não podendo, sequer, recorrer a serviços médicos gratuitos, pois, naquela época, a municipalidade ainda não possuía uma unidade de pronto atendimento, muito menos um hospital. (CARVALHO, 2015, p. 24)

Mario Porfírio Rodrigues conta que, desde o início da década de 1940, a sociedade sul-são-caetanense, discutia a possibilidade de fundar uma Santa Casa em São Caetano e, a convite do *Jornal de São Caetano*, foi reunido um pequeno grupo de pessoas para encaminhar o assunto. Esse grupo também era unido pelo ideal autonomista, com destaque para o juiz de paz Accácio Novaes. As muitas reuniões tiveram como resultado a fundação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, no dia 7 de dezembro de 1946, e Novaes tornou-se o primeiro presidente do conselho deliberativo.

Nos estatutos da Sociedade no Capítulo I, no artigo 3º, parágrafo 1º, encontramos os objetivos:

A Sociedade manterá, desenvolverá e ampliará prédios especiais obtidos em doação, ou por aquisição, para neles instalar seu Hospital que se denominará Hospital Beneficente São Caetano, onde serão acolhidos enfermos pobres. Manterá ainda pavilhões para doentes a pagamento, cuja renda reverterá em benefício de doentes indigentes.

Durante oito anos de muita luta, a sociedade sul-são-caetanense se mobilizou, por meio de quermesses, festas, bailes e rifas beneficentes, além de doações em dinheiro e em mão de obra para, finalmente, em 25 de julho de 1954, ver inaugurado o primeiro bloco do Hospital Beneficente São Caetano, com muita festa. O hospital manteve suas atividades, construindo novos blocos e servindo à comunidade até o ano de 2010, quando fechou suas portas.

Um grupo de pessoas da colônia portuguesa e alguns amigos também se preocupavam com a falta de um hospital na cidade. Após várias reuniões, em 14 de novembro de 1949, nasce a Sociedade Portuguesa de Beneficência, com “o objetivo de tornar realidade o sentimento humanitário dos portugueses em benefício do povo”, como escreveu Humberto Pastore, na revista *Raízes* nº 28, de dezembro de 2003. O primeiro endereço foi uma sala do prédio nº 25 da Rua Santa Catarina, no Bairro Centro, local onde tiveram início as atividades e os diretores eleitos tomaram posse. “A contribuição dos sócios era somada aos fundos obtidos com as muitas campanhas, como as do Metro de Terreno, Metro de Areia, Cimento, além do Livro de Ouro. O resultado foi a compra de um terreno”. (PASTORE, 2003, p. 64 - 66)

As muitas festas portuguesas realizadas pelas senhoras esposas dos diretores, conselheiros e sócios, contribuíram para angariar fundos para a construção do hospital. Em 17 de novembro de 1957, a Sociedade inaugurou o primeiro

bloco do Hospital Nossa Senhora de Fátima, que permanece com suas atividades até hoje, ampliado e modernizado, atendendo a todas as áreas de cuidados à saúde.

Necessário se faz incluir neste rol de entidades a Sociedade Beneficente Brasil Unido, que também orientava suas ações a partir do mutualismo e da filantropia. “Fruto das articulações de um grupo de nordestinos com projeção socioeconômica em São Caetano do Sul, a entidade foi fundada em 2 de julho de 1950, com a finalidade precípua de amparar, moral e materialmente, nordestinos recém-chegados à cidade”. (CARVALHO, 2015, p. 19).

A fundação da Brasil Unido demonstra as mudanças que a população sofreu a partir de 1930, com a chegada de migrantes nordestinos, grupo importante no desenvolvimento da cidade. Além dos objetivos iniciais de amparo e filantropia aos nordestinos, a entidade ampliou seu foco, chegando “às campanhas de cunho altruísta como a campanha de combate ao câncer, a prestação de auxílio material às crianças pobres da cidade durante a celebração do Natal e aos nordestinos vitimados pela seca”.(p. 174)

Atualmente, a Sociedade mantém sua sede própria no Bairro Barcelona, tendo diversificado suas atividades, agora mais recreativas, e vem colaborando com outras entidades beneficentes da cidade.

Seguindo no tempo, mais uma entidade ligada à comunidade italiana é fundada: o Circolo Italiano de São Caetano do Sul, em 1954. Adequando sua denominação aos objetivos, em 1967, recebeu o nome de Circolo Assistencial Recreativo e Desportivo Italiano. Também permanece em atividade, oferecendo aulas do idioma italiano e de práticas esportivas.

Uma entidade de reconhecida importância é a Rede Feminina de Combate ao Câncer de São Caetano do Sul que iniciou suas ativida-

des em 1971. A finalidade da instituição era a de orientar sobre o câncer, arrecadar recursos e encaminhar os pacientes ao Hospital do Câncer, mas hoje já ampliou seu leque de ações, atuando em hospitais e realizando palestras e congressos.

Neste percurso, outras associações e entidades surgiram e colaboraram com as administrações municipais, sempre contando com voluntários. Registramos algumas a seguir: Clube Cerâmica São Caetano; Centro Social Roberto Simonsen, criado em 1925 pela Cerâmica São Caetano, que favoreceu o surgimento de várias atividades sociais e esportivas; Clube Teuto (Sociedade Cultural Esportiva Teuto Brasileira), atual União Cultural de São Caetano do Sul, fundado em 1929, realizando eventos sociais como bailes semanais, bailes carnavalescos e apresentações de teatro amador, segundo Mario Del Rey (2011); as atividades recreativas e culturais da comunidade católica, sob comando do padre Alexandre Grigolli, que realizou, em 1931, um festival teatral em benefício do Externato Santo Antonio, ocorrido nas dependências do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal; General Motors Esporte Clube (depois ADC General Motors), de 1935, inicialmente fundado como o Grêmio General Motors; Atlético Corinthians Futebol Clube (Corintinha), em junho de 1933; Clube Atlético Ipiranguinha, fundado em 1939; Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, atual CER Armando Furlan, fundado em 1944; e Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs).

Ações assistenciais do poder público - Do ponto de vista oficial, a São Caetano autônoma contou com as obras sociais promovidas pela esposa do primeiro prefeito da cidade, Ângelo Raphael Pellegrino (1949-1953), Nelly Pellegrino, que, a partir de 1949, passou a liderar trabalhos sociais para adultos e crianças, mesmo com a pouca estrutura governamental daquele momento. Foi

presidente de honra de uma campanha de Natal que beneficiou duas mil crianças do município, quando pôde contar com o apoio de várias senhoras da sociedade local na doação de roupas, brinquedos, frutas e doces.

As obras sociais de Aracy Torres Campanella, esposa do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957 / 1961-1965), também tiveram como foco as campanhas de Natal, com o apoio da comunidade e do Rotary Club. Liderando um grupo de pessoas da comunidade, preocupadas com a maternidade e a infância desamparada, fundou, em agosto de 1953, a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (Apami), sendo eleita sua primeira presidente. Em 1954, a instituição conseguiu inaugurar o primeiro posto de puericultura da cidade, em terreno doado pela prefeitura, sendo o marco inicial de importantes realizações. A Apami continua em atividade até hoje, cumprindo a missão de suas fundadoras.

Ainda na instância oficial, tivemos as ações de Ramona Dolores Massei, esposa do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961 / 1969-1973). Dolores presidiu a Apami, desenvolvendo campanhas de assistência à maternidade e principalmente à infância desamparada, oferecendo enxovais a bebês carentes. Participou ativamente de todas as campanhas para o Natal das Crianças Pobres.

Maria Braido acompanhou a tendência das primeiras damas que a antecederam, inclusive na presidência da Apami, conseguindo ampliar suas atividades durante as três gestões do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965-1969 / 1973-1977 / 1983-1988). Desenvolveu programas de solidariedade aos necessitados, graças a convênios assinados com fundos sociais de assistência do governo de São Paulo.

Primeira-dama de 1977 a 1982, a esposa do prefeito Raimundo da Cunha Leite, Maria Dulce Cerqueira Leite, também ocupou a presi-

dência da Apami e desenvolveu diversos projetos de solidariedade, beneficiando os menos favorecidos. “Liderou campanhas para doação de alimentos (cestas básicas) e também do agasalho, durante as estações de inverno, que contou com apoio de clubes de serviço, como Lions e Rotary Club”. (XAVIER, 2005, p. 9).

Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul: trabalho pela dignidade e cidadania -

O ano de 1968 foi, sem dúvida, um período de muitas transformações no Brasil e no mundo, principalmente nas áreas política e social. Foi em março daquele ano que o então governador do Estado de São Paulo, Roberto Costa de Abreu Sodré (31/1/1967 a 15/3/1971), assinou a lei estadual nº 10.064, que dispunha sobre a criação do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, com o objetivo de “prestar assistência econômica educacional e médico hospitalar aos necessitados; e manter a Assistência Social e o Posto do Governo e assistência econômica às entidades privadas que se dediquem a atividades educacionais e médico- hospitalares”.

A direção do Fundo era composta por sete membros, nomeados pelo governador para dois anos de mandato, em funções não-remuneradas consideradas de serviço público relevante, sob a presidência da esposa do governador do Estado, Maria do Carmo Abreu Sodré.

Somente 25 anos depois foi criado o Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul, na esteira das iniciativas anteriores, já citadas. Entidade ligada ao gabinete do prefeito, na época Antonio José Dall’Anese, tem como objetivo “a mobilização da comunidade para atender às necessidades e problemas sociais locais”. A criação se deu por meio da lei municipal nº 3.337, de 9 de dezembro de 1993.

Tal como o Fundo estadual, o Fundo de São Caetano era dirigido por um conselho deli-

berativo, presidido pela primeira-dama do município, podendo contar com entre nove e 13 membros, convidados pelo prefeito e representando setores da comunidade, com mandato de dois anos.

As atribuições do conselho deliberativo iam além da proposta do Fundo estadual, e estavam contidas no decreto de criação, conforme segue:

Artigo 3º - São atribuições do Conselho Deliberativo:

- I - fazer o levantamento das principais necessidades e aspirações da comunidade;
- II - levantar recursos humanos, materiais, financeiros e outros mobilizáveis na comunidade;
- III - definir e encaminhar soluções possíveis para os problemas levantados;
- IV - valorizar, estimular e apoiar iniciativas da comunidade voltadas para a solução dos problemas locais;
- V - promover articulações e atuar integralmente com unidades administrativas da Prefeitura Municipal ou outras entidades públicas e privadas.



A primeira-dama Ida Martha Dall’Anese, presidente do Fundo Social de Solidariedade, ao lado de atiradores do Tiro de Guerra participantes da Campanha do Agasalho de 1994, que distribuiu roupas e alimentos para mais de 1.300 crianças carentes

O primeiro conselho deliberativo, sob a presidência da primeira-dama Ida Martha Dall'Anese, foi composto pelos seguintes membros: Arcília Vidales Cambaúva (vice-presidente), Sandra Chieia (tesoureira), Nanci Maria Martinez Riera (secretária), Ana Maria Demambro, Edna Assanti Staciarini, Emanuela Bittencourt, Irene Maria Bertola Agostini, Márcia Gallo, Maria Aparecida Benta Apone, Maria Emilia Gomes, Maria Helena Tavares, Noemí M. R. Wiermann, Olga Raddi. Ainda fizeram parte do conselho, Nanci Silva Navarrete (assessora da presidência) e Rosana Escanho Monfré (contadora).

Nos primeiros meses, o trabalho foi intenso, no sentido de estruturar e organizar as ações da entidade, que contou com o auxílio do Centro de

Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (Cepam), da Fundação Prefeito Faria Lima. Data de julho de 1993 a primeira edição da Festa Italiana de São Caetano, quando o Fundo Social ainda caminhava informalmente, mas polarizando a organização do evento. Funcionando em uma sala no segundo andar do edifício da Câmara Municipal (Avenida Goiás, nº 600), tornou-se uma entidade reconhecida pela população por suas campanhas solidárias e eventos que comemoravam datas de reconhecimento a grupos da população, como Dia das Mães, Dia da Mulher, Natal das Crianças e outros.

A publicação *Realizações*, de 1996, apresenta o resumo das atividades do Fundo Social



Ida Martha Dall'Anese

1993-1996

Fundadora e primeira presidente do Fundo Social, dedicou-se às tarefas em favor de mães e crianças do município, bem como aos casos de assistência social não relacionados aos postos de puericultura. Promoveu cursos de capacitação para jardineiros, com materiais doados pelo comércio. Participou de campanhas de assistência aos portadores do vírus da Aids, de doação de leite e alimentos a famílias carentes e de campanhas do agasalho. Contou com o apoio da comunidade de clubes de serviço como Rotary Club e Lions Clube, entre outros, que participaram das quatro primeiras edições da Festa Italiana de São Caetano do Sul, iniciada em 1993. Faleceu em novembro de 2017, deixando como legado um caminho aberto para novas ações sociais e prática da solidariedade.



Avelina Santa Romanelli Tortorello

1997-2000 / 2001-2004

Avelina chefiou o Fundo Social por duas gestões. Dedicou-se ao trabalho social direcionado às crianças e aos idosos carentes, além de destacar o importante papel da mulher na sociedade. Criou a homenagem *Mulheres Notáveis do Ano*, relativa ao Dia Internacional da Mulher. Envolveu-se diretamente em várias atividades como as tradicionais feijoadas, preparadas por ela mesma para angariar fundos. Participou de inúmeras campanhas, criou uma brinquedoteca no Complexo Hospitalar Maria Braido, e recebeu diversas homenagens, como o prêmio *Destaque Mulheres Notáveis do Ano de 2004* e homenagem da Rede Feminina de Combate ao Câncer.

divididas por setores: *Municípios, Entidades, Secretarias, Campanhas, Eventos, Ações Coordenadas pelo Fundo Social, Projetos Integrados com o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo e Grupo de Voluntárias*. Merecem destaque as ações coordenadas pelo Fundo naquele período, como os cursos de jardinagem, com aulas teóricas e práticas para pessoas interessadas em exercer a profissão de jardineiro, e de corte e costura, para pessoas selecionadas pelas Sociedades Amigos de Bairro; o incentivo ao artesanato e ao lazer, por meio da oferta de materiais a senhoras aposentadas que necessitavam de rendimentos para compor a renda familiar; a reintegração do adolescente a grupos comunitários, com apoio,

especialmente, aos Patrulheiros Mirins e ao Grupo de Jovens da Pastoral do Menor; e o trabalho junto ao Grupo de Jovens da então Escola Municipal de Ensino Supletivo, com projetos de prevenção à Aids e ao uso indevido de drogas. Ao final da gestão, o Fundo Social havia reunido recursos e efetuaram a doação de três veículos tipo Kombi para três entidades, adquiridos com a renda de eventos.

A segunda gestão do Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul sofreu uma mudança quanto ao número de membros do conselho deliberativo. Por meio da lei nº 3.499, de 10 de janeiro de 1997, o prefeito Luiz Olin-to Tortorello altera a composição do conselho,



Maria da Graça Hereda Pinheiro

2013-2016

Deu continuidade às ações sociais, como a Campanha do Agasalho, que, ao final de três anos arrecadou mais de 265 mil peças e atendeu mais de 15 mil famílias. Encaminhou doações de associações, empresas, escolas e municípios a moradores em situação de vulnerabilidade e entidades assistenciais. Estendeu a oferta de cursos gratuitos de capacitação profissional ao período noturno e implantou novos cursos em artesanato e estética. No final de cada ano, o Bazar de Natal, expondo centenas de itens produzidos por alunas e voluntárias artesãs, comercializava os produtos para reverter a renda obtida à manutenção das aulas profissionalizantes.



Denise Reis Auricchio

2005-2008 / 2009-2012 / 2017-2020

Nas duas primeiras gestões, agregou ao rol de atividades já existentes outras ações que levaram a entidade a uma presença maior junto à população da cidade. Em sua gestão atual, tem procurado novas parcerias e conseguido adesão de empresas, da mídia e da população em geral. Seu trabalho tem demonstrado muito empenho na ampliação e diversificação das ações em prol da comunidade, tendo por objetivo a promoção da cidadania. Outra inovação foi a realização da Lojinha Solidária, há 2 anos, com intuito de humanizar a distribuição dos agasalhos doados na campanha. O repasse de recursos diretamente às entidades vem sendo feito com o resultado das promoções do Fundo.

Acervo/FPMSCS



Voluntários do Fundo Social de Solidariedade de São Caetano participam da I Festa Italiana de São Caetano do Sul, em 1993

Acervo/Márcia Gallo



Homenagens da Rede Feminina de Combate ao Câncer de São Caetano do Sul ao Fundo Social da cidade. A partir da esquerda, vemos: Márcia Gallo, Olga Meira, Ida Martha Dall'Anese (presidente do Fundo Social), Neuza Lacava (presidente da Rede), Elza Di Bella, Antonieta Sernagiotto e Nanci Navarrete (assessora da primeira-dama). Foto de 1996

Acervo/Márcia Gallo



Curso de corte e costura promovido pelo Fundo Social na sede da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (Apami), na década de 1990

acrescentando representantes da comunidade, entidades sociais e de benemerência, deixando a cargo da portaria nº 14.789, de 25 de fevereiro de 1997, a constituição do mesmo. Nesse ano, o conselho deliberativo passou a ser constituído por 45 membros, sob a presidência de Avelina Santa Romanelli Tortorello. A primeira-dama já havia atuado nos projetos oficiais da prefeitura durante a primeira gestão do marido (1989-1992) e ocupou o cargo de presidente nas duas gestões seguintes, já com o Fundo Social institucionalizado (1997-2000 e 2001-2004). Houve empenho em continuar organizando a Festa Italiana, evento que permanece até hoje. Ela também se dedicou à assistência a crianças e idosos.

Chegando ao século 21, encontramos o Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul e a entidade estadual totalmente diferentes daqueles das suas primeiras constituições. Tendo como espelho e contando com o apoio do Fundo Social do Estado de São Paulo, na figura de Lu Alckmin (esposa do governador Geraldo Alckmin), o Fundo de São Caetano vem se atualizando, com a intenção de tornar-se uma entidade cujos objetivos vão além da filantropia.

Ao longo dos governos, o Fundo recebeu nova e moderna sede (Rua Antonio Bento, nº 140, Bairro Santa Paula), com dependências amplas e compatíveis com a necessidade de atendimento à população. No mesmo local, também é possível realizar doação de alimentos, roupas em geral, produtos de higiene e outros materiais necessários à vida cotidiana das famílias carentes e entidades assistenciais do município.

A portaria nº 18.876, de 25 de maio de 2005, do prefeito José Auricchio Júnior, nomeia a diretoria do Fundo Social de Solidariedade - Gestão 2005-2008, ficando composta por: Denise Reis Auricchio (presidente), Anna Figueira (vice-presidente), Maria Elda Pulcinelli Pontes (tesoureira) e Gláucia Maria Di Tolla Cavassani (secretária). A mesma composição foi empossada para o segundo mandato do prefeito José Auricchio Júnior (2009-2012), por meio da portaria nº 23.127, de 3 de abril de 2009. Nesse período o Fundo estabeleceu novas parcerias com o Fundo do Estado de São Paulo, institucionalizando a capacitação como objetivo mais recente, sem deixar de lado o auxílio, as campanhas e os eventos.

No início de 2013, assume a presidência Maria da Graça Hereda Pinheiro, tendo Sonia Maria Franco Xavier, como vice-presidente, Maria Tereza Novelli Giorgetto, tesoureira, e Maria Elda Pulcinelli Pontes, como secretária, nomeadas pela portaria nº 28.243, de 1º de fevereiro de 2013. Neste período houve a continuidade das ações implementadas no período anterior.

No terceiro mandato de Auricchio (2017-2020), a primeira-dama Denise Reis Auricchio reassume a presidência, nomeada por meio da portaria nº 33.363, de 7 de março de 2017, tendo como vice-presidente Flávia Rodrigues Vidoski. Maria Luciana Veludo Toscano foi impossada tesoureira e Simone Giberne Fero Dal'Mas, secretária. Integram ainda o Fundo Social: Ana Maria Machado João Demambro, Ângela Bianca Peduto Garcia, Lilian Renata Toledo Andrade, Maria Aparecida Genga, Marlei Oratti Fim, Maria Helena Mazullis, Marina Rós Lopes, Olga Prata Figueiredo, Regina Célia Arengi Cid e Tereza Anhô.

A trajetória do Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul tem momento marcante, em 2005, com o início da gestão da primeira-dama Denise Reis Auricchio. Foi o começo de um perfil mais voltado à capacitação profissional e à colocação no mercado de trabalho, sem abandonar sua atuação na assistência social. Até a atualidade cerca de 10 mil pessoas foram capacitadas e se atualizaram profissionalmente por meio da entidade.

Também na gestão 2005-2012 foi introduzido o programa *Elas por Elas*, por meio do qual era realizada campanha de prevenção de câncer de mama. A programação continha palestra ministrada pela presidente do Fundo e, em seguida, era ofertado agendamento de consultas e exames.

As primeiras atividades eram no campo da padaria artesanal. Com o tempo, os cursos foram se modificando e novas vertentes foram surgindo. Hoje a entidade oferece 34 temas, dentro das escolas de moda, gastronomia, artesanato e construção civil. Atualmente o público masculino também é atraído

para as aulas, os quais buscam aprimoramento para a entrada ou reinserção no mercado. Outra atuação nesse sentido é promover cursos de crochê, arte em tecido e bordado livre nos Centros Integrados de Saúde e Educação da Terceira Idade do município.

O perfil assistencial da entidade permanece aquecido, com atendimento focado em famílias em situação de vulnerabilidade social e entidades assistenciais. O trabalho realizado inclui doação de cestas básicas, leite em pó, leite líquido, fraldas, enxovais de bebês e cobertores. Na Campanha do Agasalho de 2018, o Fundo também doou roupas de cama e toalhas de banho às entidades que funcionam em sistema de abrigo.

A Campanha do Agasalho teve uma inovação, nos anos de 2017 e 2018, quando foi criada na cidade a Lojinha Solidária. Assim, os agasalhos foram doados com mais dignidade, pois as famílias ao invés de receberem em casa, passaram a ir até o local e puderam escolher as roupas de preferência, tudo de forma gratuita.

Em 2018, pela primeira vez na história do Fundo Social, foi efetuado repasse financeiro a 19 entidades assistenciais cadastradas. A cerimônia de entrega dos valores foi batizada de *Dia Solidário*, quando foram disponibilizados às instituições um montante de R\$ 489 mil.

As estratégias de captação de recursos, bem como o desenvolvimento de parcerias, foram se transformando ao longo das décadas, mas a prioridade de oferecer auxílio ao próximo, em suas diferentes demandas e com humanização, continua sendo a razão pela qual tantas pessoas exercem o voluntariado, sem o que não seria possível oferecer dignidade e cidadania à população necessitada. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELMONTE JÚNIOR, Roberto. Meu trisavô, o fundador Gaetano Garbelotto. *Raízes*, nº 35, São Caetano do Sul, n. 35, p. 38-48, jul. 2007.
- BELMONTE JÚNIOR, Roberto. Meu trisavô, o fundador Gaetano Garbelotto. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 35, p. 38-48, jul. 2007.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. *Migrantes amparados*: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965). São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
- DEL REY, Mario. Clubes, locais, eventos e formas de diversão e lazer em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 44, p. 38-44, dez. 2011.
- MARTINS, José de Souza. A primeira esmola da história em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 57, p. 99-102, jul. 2018.
- PASTORE, Humberto Domingos. Uma sociedade portuguesa, com certeza! *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 28, p. 64-66, dez. 2003.
- RODRIGUES, Mario Porfírio. Accácio Novaes, personagem de nossa história. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 35, p. 93-96, jul. 2007.
- _____. 50 anos de Rotary: consolidação do ideal de servir. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 23, p. 38-41, jul. 2001.
- VERONESI, Henry. Foi uma vez uma sociedade... *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 17-24, jul. 1991.
- XAVIER, Sonia Maria Franco (Coord.). *Fundo Social de Solidariedade - Sensibilidade e Equilíbrio*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, ago. 2005.

MÁRCIA GALLO

É MESTRE EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA E SOCIEDADE PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP), DOCENTE DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS) E COORDENADORA GERAL E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA. É AUTORA DO LIVRO *A PARCERIA PRESENTE: A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NUMA ESCOLA DA PERIFERIA DE SÃO PAULO*, PUBLICADO EM 2009, E COAUTORA EM OUTRAS OBRAS SOBRE EDUCAÇÃO.

Cristina Ortega

“Sempre Alerta!”



Acesso/Sandra C. Monteiro

Integrantes do Grupo Escoteiro São Caetano, em foto de 9 de junho de 2007. A partir da esquerda, vemos: chefe Toshio, Gabriel Joia, Patrícia Moura, Patrícia Puccia, Laura, Renan, Jean, Lucas e chefe Sandra

São Caetano do Sul abriga quatro grupos de escoteiros. São mais de 350 crianças e jovens distribuídos entre o Grupo Escoteiro São Francisco de Assis, o Grupo Escoteiro João Ramalho, o Grupo Escoteiro São Caetano do Sul e o Grupo Escoteiro Alvorada.

O objetivo principal do escotismo é transformar jovens em cidadãos exemplares. Seus princípios giram em torno de deveres para com Deus (crença e vivência de uma fé, independentemente de qual seja), para com os outros (participação na sociedade, boa ação e serviço ao próximo) e para consigo próprio (crescimento saudável e autodesenvolvimento).

O dia 23 de abril é dedicado ao escoteiro, em homenagem ao seu padroeiro, São Jorge, conhecido como um santo guerreiro, uma vez que ele foi capitão do exército romano e logo cedo

ficou conhecido pelos seus atos de bravura. O escotismo foi fundado na Inglaterra por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, em 1907. É um movimento juvenil mundial, educacional, de voluntariado, apartidário e sem fins lucrativos. No Brasil, a organização, orientação e fiscalização estão afetas à União dos Escoteiros do Brasil, com sede no Distrito Federal, conforme a lei nº 9.497, de 23 de julho de 1928.

Baden-Powell idealizou a Lei Escoteira para que os jovens pudessem se orientar. Este código de conduta estabelece os seguintes artigos: 1) O escoteiro é verdadeiro e sua palavra é sagrada; 2) O escoteiro é leal; 3) O escoteiro é prestável; 4) O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros; 5) O escoteiro é cortês; 6) O escoteiro é respeitador e protetor da natureza; 7) O escoteiro é responsável e disciplinado; 8) O escoteiro é alegre e sorri diante das dificuldades; 9) O escoteiro é econômico, sóbrio, respeitador dos bens dos outros; 10) O escoteiro é íntegro nos pensamentos, palavras e ações.

Administrativamente, a União dos Escoteiros está distribuída em regiões e distritos escoteiros, aos quais estão vinculados os grupos escoteiros. Os quatro grupos de São Caetano do Sul estão ligados ao 11º Distrito Escoteiro. O coordenador das atividades dos quatro grupos é Toshio Kawakami.

“Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para cumprir meu dever para com Deus e minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer a Lei do Escoteiro.”

Promessa Escoteira

As crianças ingressam no escotismo primeiramente na Alcateia, quando são divididas em pequenos grupos de seis elementos (chamados matilhas), sendo admitidos meninos e meninas a partir de 6 anos e meio, que são denominados lobinhos. Cada matilha é representada por uma cor. O fundo de cena da Alcateia é baseado na história de Mogli, o menino lobo. Por meio da fábula, a criança vai trabalhar em equipe a socialização, seus deveres, desenvolvendo, dessa forma, toda a sua potencialidade. Ela obedecerá às leis do lobinho, fazendo uma boa ação todos os dias. O lema dos lobinhos é “Melhor possível”. A criança permanece na Alcateia até os 10 anos e meio de idade.

Nesta idade, ingressará na Tropa Escoteira, onde permanecerá até os 15 anos. Este ramo escoteiro é dividido em patrulhas, com oito jovens em cada uma. Cada patrulha possui um nome, alusivo a animais de nossa fauna. Nesta fase os participantes já realizam acampamentos, montam suas barracas, cozinham seu próprio alimento e participam de atividades de força fi-

Escoteiros do Grupo Alvorada participam do VII Desafio Sênior, no Rio Paraíba do Sul, de 14 a 16 de setembro de 2018



Acervo/Márcio Pahim

sica e de inteligência. É o “aprender-fazendo”. Por meio de atividades como, por exemplo, plantar árvores, o objetivo é entender a natureza; compartilhar bens pessoais com outros para compreender o que é solidariedade; cozinhar para o consumo próprio e depois limpar. O objetivo principal de cada projeto educativo é a formação do caráter.

Após os 15 anos de idade, o jovem segue para o ramo Senior, uma patrulha com seis elementos cada uma, com denominações representando tribos indígenas, acidentes geográficos ou vultos da história. A patrulha trabalha em cima de desafios físicos, espirituais, intelectuais e sociais. Seu lema é “Sempre alerta”.

Por último, o Clã Pioneiro, com jovens de 18 a 21 anos de idade. Eles se dividem em equipes de serviço e de interesse, e realizam projetos sociais e de vida, tanto para si próprios como também para os outros. Representa a preparação para a vida adulta. Seu lema é “Servir”.

Durante os acampamentos, os escoteiros reúnem-se em volta de uma fogueira, no chamado Fogo de Conselho, que consiste numa reunião artística ao redor do fogo, que pode acontecer na última noite dos acampamentos.

O Bastão Escoteiro, usado pelos ramos Escoteiro e Sênior, identifica cada grupo. Nesse bastão existe uma bandeirola com a figura do animal ou da tribo da sua patrulha. O lenço colocado ao redor do pescoço do escoteiro, e preso com um anel, faz parte da tradição do escotismo.

Os escoteiros se cumprimentam com a mão esquerda e o sinal dos escoteiros, que utiliza os dedos médio, indicador e anular unidos, simbolizando os três pilares da Promessa Escoteira (Deus, Pátria e o Próximo).

Os grupos reúnem-se aos sábados. Os adultos que dirigem os escoteiros são voluntários, a eles cabe a função de facilitar o processo de autoaprendizagem. Uma pequena mensalidade é cobrada e, para arrecadar fundos. Os grupos de

São Caetano, por exemplo, participam da Festa Italiana, evento beneficente realizado anualmente pela prefeitura municipal. Os grupos da cidade também recebem subvenção anual do poder público municipal.

Grupo Escoteiro São Francisco de Assis - Está localizado na Rua Santo Antonio, nº 4, sob o Viaduto dos Autonomistas. O espaço que abriga o Grupo São Francisco de Assis é uma concessão da prefeitura, ainda na gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961). É o grupo mais antigo do ABC, fundado em 16 de maio de 1950 por Antonio Martinelli, contando, na década de 1960, com a contribuição de Walter Pinto da Silva e Emília Pinto da Silva, para o seu crescimento. São 120 jovens inscritos neste grupo. Atualmente a presidente é Priscila Oriani de Carvalho, e os chefes dos grupos são Adalberto Fabiano Gobato, Anderson De Pieri da Silva e Adriel Gomes Borges.

Grupo Escoteiro João Ramalho - Localizado no Parque Botânico e Escola Municipal de Ecologia Presidente Jânio da Silva Quadros, na Rua da Paz, nº 10, no Bairro Mauá, obteve autorização para uso desse espaço em 1º de dezembro de 2014. Foi fundado pelo funcionário da General Motors do Brasil, chefe Gonçalves, no dia 14 de maio de 1952. O Grupo Escoteiro João Ramalho foi dez vezes considerado Grupo de Qualidade Padrão Ouro pela União dos Escoteiros do Brasil, e declarado de utilidade pública municipal. Participa do Conselho Municipal da Criança e Adolescência. A presidente do grupo é Patrícia Goulart Ambrozio. Os chefes dos ramos são Patrícia Imata, Fabiano Luis Goes, Patrícia Soncini e Beatriz Miessva Acerbi.

Grupo Escoteiro São Caetano do Sul - Surgiu a partir da fusão dos grupos escoteiros Itaipu e Davi. Antes da junção, em 1969, era chamado de Missão Católica Espanhola de São Caetano do Sul. Depois

Integrantes do Grupo Escoteiro São Caetano, em foto de 30 de novembro de 2008



tornou-se Itaipu, com sede na Rua Casemiro de Abreu. O Grupo Davi já era um grupo formado por pessoas que vieram do Grupo Escoteiro São Francisco de Assis e funcionava na Escola Estadual Rosalvito Cobra. Após a junção, em 1982, tornou-se o Grupo Escoteiro São Caetano do Sul, com sede na Cidade das Crianças, com entrada pela Rua Tibagi, no Bairro Santa Maria. Conta com aproximadamente 115 crianças e 30 adultos. Seu diretor-presidente é Toshio Kawakami. Os chefes de cada grupo são Fumie Goto Kawakami, Flávia R. Bozio, Sandra Cristina Monteiro e Camilo Andrea Angelucci.

Grupo Escoteiro Alvorada - Com sede na Estrada das Lágrimas, nº 320, no Parque Municipal José Alves dos Reis (Bosque do Povo), no Bairro Jardim São Caetano, nasceu de um dos primeiros clãs pioneiros autônomos do Estado de São Paulo, o Clã Pioneiro Pato Branco. Em 11 de junho de 2000 foi fundado o Grupo Escoteiro Alvorada, ocupando a sede atual em 2006, em caráter provisório, tendo, em 2018, sido concedida a permissão de uso do espaço. A presidência está a cargo do chefe Márcio Pahim. Os chefes que compõem os diversos ramos são Neiva Maria F. Pahim, Monica de Assunção Alves e Natan Rodrigues Alves.

O escotismo é uma grande fraternidade, contribuindo para a formação de jovens, ajudando-os a adquirir autoconfiança, olhando para o alto e para a frente. Sempre Alerta! 

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
www.escoteirosdoabc.com

CRISTINA ORTEGA

É PEDAGOGA E ADVOGADA. ATUALMENTE É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MEMBRO DE SUA COMISSÃO EDITORIAL. É ORGANIZADORA DO LIVRO SÃO CAETANO EM CRÔNICAS, EDITADO EM 2018 PELA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA.

Grupo Escoteiro Alvorada participa do XIV Acampamento Grupo Escoteiro, no Centro de Pesquisas e Gestão Sustentável Proambiente, em São Bernardo do Campo, nos dias 2 e 3 de dezembro de 2017



Indaba, uma reunião de planejamento semestral do Grupo Escoteiro João Ramalho, em 30 de junho de 2018



Alcateia do Grupo Escoteiro João Ramalho, no evento Rally Lobinho, em 29 de setembro de 2018

Andreia Miguel Pinto
e Sonia Cordeiro

Conselho Municipal da Comunidade Negra, um jovem ainda em formação

O Conselho Municipal da Comunidade Negra de São Caetano do Sul (Conescs) completa 20 anos em 2018, uma demonstração da preocupação e da disposição do poder público em apoiar e intermediar o interesse da população negra na luta para alcançar os espaços que lhe foram negados desde os primórdios de sua chegada ao Brasil.

Para se compreender a importância e a necessidade dos espaços criados e/ou conquistados pela comunidade negra, faz-se necessário um resgate histórico sobre a introdução e participação do negro na formação desta imensa colcha de retalhos social que é o povo brasileiro.

Esse povo é advindo de pessoas que foram escravizadas, e que até hoje sofrem com as consequências do processo abolicionista. Fato este descrito vastamente em nossa literatura e que não será abordado neste momento, porém sempre contribuiu e, de forma contemporânea, perpetua informações para nossa compreensão sobre o empenho da população negra na sociedade.

Você sabia que no passado São Caetano do Sul foi uma fazenda da Ordem de São Bento, que abrigou tanto indígenas quanto escravos, além da população local?

Após a escravidão, os descendentes que permaneceram deram origem a famílias, ainda residentes nesta cidade, além daqueles que migraram de outros Estados do país. Há dificuldades em se avaliar qual o número de negros, pretos ou pardos que existiam na cidade naquela época (segundo a descrição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Daquele período até hoje, ocorreram muitas ações na busca por espaços e integração social, tanto por parte dos imigrantes europeus que aqui se estabeleceram, como também pelos afrodescendentes, como Nicolau Tolentino, citado na obra *Dietário dos Escravos de São Bento*¹, de Luiz Gonzaga Piratininga Júnior.

Sobre as ações realizadas e com o objetivo de interação e socialização, conta-nos Eliel Rodrigues, figura atuante e responsável pela Associação Beneficente, Cultural e Esportiva Cruz e Souza² - fundada na cidade no ano 2000 e voltada para diversas atividades tanto educativas e culturais como recreativas - que sempre houve mobilização da comunidade negra na localida-

de. Mencionou que, em 1957, constatando a ausência de negros na igreja da qual participava, criou o Núcleo dos Cristãos Negros.

Seu pai, Silas Rodrigues, um pedreiro participante da igreja batista, realizava mutirões para construção de casas. Eliel Rodrigues acredita que isso possa ter contribuído para que seu pai fosse eleito o primeiro vereador negro na Câmara Municipal, na legislatura de 1957-1961.

Em 1958, havia, na Rua Sílvia, um local de encontro da comunidade, o Ás de Espada, fundado por um senhor chamado Baltazar. Posteriormente, surgiu a Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luiz Gama, no Bairro da Fundação, sendo oficialmente fundada em 1961, com José Tobias como presidente. Sua proposta estava voltada para atividades culturais e festas, sem distinção de cor ou credo.

Por estas e outras iniciativas, o Conescs despontou como uma proposta de adoção de um espaço público destinado ao exercício social desse pertencimento e à possibilidade de ampliação da participação, reconhecimento e inclusão nos diferentes segmentos sociais.

Foi fundado em 18 de março de 1998, com a finalidade de coordenar, desenvolver e promover estudos, debates e projetos pertinentes à integração da população negra na vida da comunidade, em todos os níveis de atividade; como também atuar junto aos poderes Executivo e Legislativo do município, na elaboração e execução de programas governamentais envolvendo questões de interesse da população negra.

Tem ainda, entre seus objetivos, o apoio a iniciativas e eventos que visam à integração do negro na sociedade, incentivando a participação da comunidade, além de apurar casos de práticas ou manifestações de cunho racista, fiscalizar e adotar providências necessárias à apuração dos fatos, e aplicação das sanções cabíveis pelos órgãos competentes.

Desde sua fundação, o Conescs passou por uma série de mudanças e dificuldades estruturais, finalmente superadas nos últimos dois anos, com a disponibilização de um espaço físico adequado para retomar e cumprir, de maneira mais efetiva, os seus objetivos.

Contribuíram para a estruturação do Conselho o empenho e apoio do poder público. A lei que criou o Conescs, de nº 3648, de 18 de março de 1998, de autoria da vereadora Suely Nogueira, foi alterada pela lei nº 5635, que dispõe sobre a paridade entre os representantes do governo e da sociedade civil, sendo oito de cada setor.

Promulgada em 16 de novembro 2006, a lei municipal nº 4446 decretou o dia 20 de novembro como feriado municipal em referência ao Dia da Consciência Negra, celebrado em todo o país. A Coordenadoria de Políticas Públicas para a Mulher e para a Igualdade Racial foi criada pela lei nº 4793, de 21 de maio de 2008.

Quanto à representatividade, cabe ressaltar que este conselho foi administrado por diversas pessoas, ativistas na cidade. De 2007 a 2009, o presidente do Conescs foi o advogado José Biraci de Oliveira, cuja atuação se fez expressiva por meio da realização de projetos como o Culto Ecumênico Afro (2008), a plenária municipal para conferência regional, apresentações culturais, desfiles e orientações de doenças prevalentes na raça negra (2009).

A médica Mara Cristiane Pereira Wetter presidiu o Conselho de 2009 a 2011. Podemos destacar a atuação do Conescs, nesse período, nas escolas municipais, por meio de um projeto que abordava a história afro-brasileira e debates sobre questões de raça no mercado de trabalho (2010). Foram realizadas, também, palestras sobre prevenção de doenças crônicas e anemia falciforme, oficina de design de turbantes (2010), o Seminário Regional Saúde da População Negra (2011) e Concurso Miss e Mister Beleza Negra, além do Dia de Sensibilização da Anemia Falciforme.

De 2013 a 2015, José Fernandes Silva, na presidência do Conescs, realizou eventos comemorativos alusivos a datas específicas, tais como dia 13 de maio (Abolição da Escravatura), 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) e promoveu a participação do grupo na I Festa Cultural Nordestina de São Caetano.

Tânia Ferreira do Nascimento, participante ativa de diversos encontros sobre as questões raciais, dentro e fora da cidade, membro do Conselho Estadual de Promoção de Igualdade Racial, foi presidente de 2015 a 2017. Realizou eventos para celebrar a abolição da escravatura, com o tema *Liberdade – A cultura de uma Raça*, que aconteceu no Teatro Santos Dumont, com apresentações teatrais e de grupos musicais e de dança. Nesse período, foram organizadas exposições e palestras sobre cultura afro-brasileira, incluindo a de capoeira, no Estação Jovem (2016), e *Pensamentos e Reflexões* (2017), com grupos teatrais, artesanato, oficina de turbantes e lançamento de livros. Foi coautora do sarau *Carolina de Jesus*, com Bruna Cândido, dirigido por Gabriel Cândido. Estruturou o primeiro desfile de moda afro, denominado *Sancafro*, com o coletivo de mulheres negras Baobá Lewa Segun Papo é das Pretas.

Em 2017, a Secretaria da Cultura do Estado, por meio da Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias, e em parceria com o Consórcio Intermunicipal do ABC e com o Conescs, realizou o 1º Festival de Cultura para Gêneros e Etnias, no Teatro Santos Dumont, com a participação de vários artistas, estilistas e palestrantes da região, com o objetivo de valorizar a pluralidade e diferenças culturais.

O Conescs também esteve representado na roda de conversa *Educar Hoje*, uma parceria entre o Serviço Social do Comércio (Sesc) e a Secretaria de Educação, com o tema *Educação Integral e Cidades Educadoras*, realizada no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns

(Cecape). O evento abordou a educação humanizada em suas múltiplas dimensões, e contou com uma palestra, ministrada pela presidente do conselho, sobre as leis 10639/03 (que versa sobre o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana) e 11635/07 (que trata da intolerância religiosa), com objetivo de ressaltar a importância e a contribuição do negro e do índio para nossa história.

A assistente social Andreia Miguel Pinto, coordenadora do Grupo de Trabalho Igualdade Racial do Consórcio Intermunicipal do ABC, é a presidente do Conescs na gestão 2018-2019. Ela elaborou e estruturou os documentos para atualização do regimento interno do conselho, e oficiou junto à Ordem dos Advogados do Brasil - 40ª Subseção São Caetano do Sul a criação da Comissão de Igualdade Racial, representada por Elisabete Montezano (presidente) e Bruna Cândido (vice-presidente).

No início de seu mandato, efetivou o projeto *Circulando o Caldo*, com a realização, em abril de 2018, da roda de conversa *Injúria Racial x Racismo*. Em maio desse ano, foi promovida uma palestra sobre racismo institucional, com relatos e experiências de cinco profissionais de áreas diferentes. Nesse mesmo mês, a cidade recebeu a exposição *Elifas Andreato – A Arte Negra na Cultura Brasileira*, por meio de uma parceria da Secretaria Municipal de Cultura e do Conescs com a Secretaria de Cultura do Estado, que ficou em cartaz no Espaço Cultural Casa de Vidro, da Fundação Pró-Memória. Em junho de 2018, o Conselho promoveu o lançamento do livro *Fala das Profundezas*, de Gabriel Cândido, também no espaço da Pró-Memória.

Junto às atividades relacionadas à igualdade racial, a presidente do Conescs participou e tornou-se mentora de um projeto denominado *Aceleradora de Carreiras*, desenvolvido pelo Grupo de Trabalho de Igualdade Racial do Grupo Mulheres do Brasil. O Conselho Municipal da Co-



José Biraci
de Oliveira
(2007-2009)



Mara Cristiane
Pereira Wetter
(2009-2011)



José Fernandes
Silva
(2013-2015)



Tânia Ferreira
do Nascimento
(2015-2017)



Andreia
Miguel Pinto
(2018-2019)

munidade Negra empenhou-se na organização de evento comemorativo do Dia da Consciência Negra, realizado em 24 de novembro, denominado *Afro Sanca*. Idealizado por um dos membros do Conselho, Valdete Ribeiro Dias, teve a intenção de trazer a cultura afrodescendente por meio de atrações musicais, oficinas, palestras, contação de histórias, teatro e gastronomia, numa grande festa integrativa.

O Conselho da Comunidade Negra de São Caetano do Sul possui um papel fundamental para a efetivação de políticas públicas em prol da comunidade negra, para fortalecê-la cada vez mais, alcançando os objetivos essenciais para o seu crescimento e para o desenvolvimento de ações que respondam às suas necessidades. Temos muito o que avançar e precisamos estar na mesma sintonia. Juntos lutamos para que haja justiça, igualdade, inclusão e respeito. Juntos somos mais fortes!

O Conselho da Comunidade Negra de São Caetano do Sul funciona na Avenida Goiás, nº 600, no Bairro Santo Antonio. As reuniões acontecem na última terça-feira de cada mês, sempre às 18h. **R**

NOTAS

¹PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. *Dietário dos Escravos de São Bento*: originários de São Caetano e São Bernardo. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.

²João da Cruz e Sousa (Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina, 1861 - Barbacena, Minas Gerais, 1898). Poeta e jornalista. Filho de escravos libertos pelo Marechal Guilherme Xavier de Sousa, recebe sólida formação secundária em sua cidade natal, aprendendo francês, inglês, latim, grego, matemática e ciências naturais. Autor de diversos textos defensores das causas negras.

Foto/PMSCS



Posse do Conselho da Comunidade Negra de São Caetano do Sul, realizada no dia 21 de novembro de 2017, na prefeitura municipal

Acervo/Conescs



Palestra sobre racismo institucional, promovida pelo Conescs em maio de 2018

ANDREIA MIGUEL PINTO

É BACHAREL EM SERVIÇO SOCIAL PELA FACULDADE TIJUCUSSU, PÓS-GRADUADA EM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PELA FACULDADE UNYLEYA W-PÓS, E PRESIDENTE DO CONSELHO DA COMUNIDADE NEGRA DE SÃO CAETANO DO SUL (2018/2019). É ASSISTENTE SOCIAL NA PREFEITURA DE SÃO CAETANO DO SUL, COORDENADORA DO GRUPO DE TRABALHO DA IGUALDADE RACIAL NO CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DO GRANDE ABC E COORDENADORA DO CENTRO DE INTEGRAÇÃO VITOR EDUARDO. É, AINDA, COORDENADORA DO CURSO PROMOTORAS LEGAIS POPULARES EM SÃO CAETANO DO SUL E MEMBRO DO GRUPO MULHERES DO BRASIL NO GRUPO DE TRABALHO IGUALDADE RACIAL.

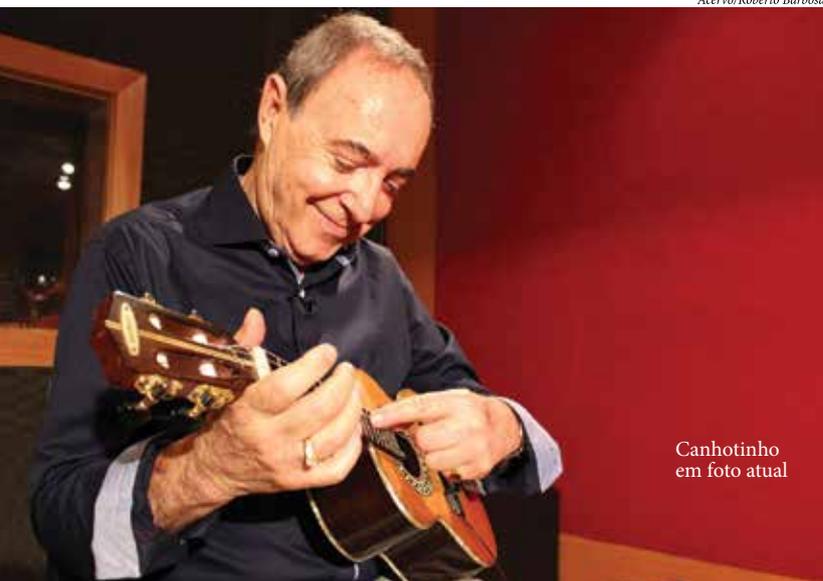
SONIA CORDEIRO

É BACHAREL EM PSICOLOGIA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ E PÓS-GRADUADA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. FOI DOCENTE NA REDE ESTADUAL PÚBLICA NAS CADEIRAS DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA E BIOLOGIA. POSSUI POESIA PUBLICADA NA ANTOLOGIA DO I CONCURSO DE POESIAS DA REVISTA LITERÁRIA, DO GRUPO EDITORIAL SCORTECCI (2010). FOI RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO LIVRO *EDUCAÇÃO E GESTÃO PARTICIPATIVA - BIOMAPA E HORTA NAS ESCOLAS - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM ESCOLA E COMUNIDADE*, DO CLUBE DE AUTORES (EBOOK, 2016), E PARTICIPOU DO LIVRO *DO VIVER E DA VIDA - UM SONHO A DOIS*, PUBLICADO PELA EDIORA CASA DO NOVO AUTOR (2018).

João Bosco dos Santos

Roberto Barbosa ou, simplesmente, Canhotinho

Acervo/Roberto Barbosa

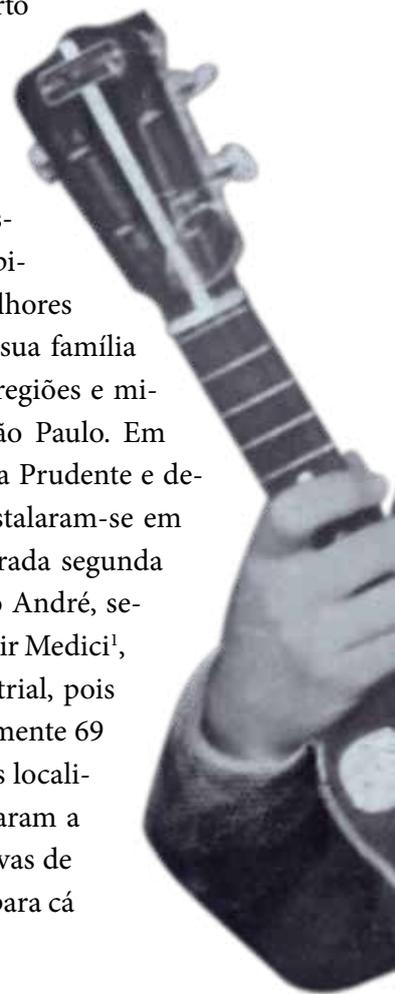


Canhotinho
em foto atual

Quem compareceu ao Teatro Paulo Machado de Carvalho, naquela noite de domingo, dia 1º de outubro de 2017, assistiu, maravilhado, ao show beneficente realizado pelo mais longevo conjunto vocal e instrumental brasileiro em atividade: Demônios da Garoa, grande intérprete de Adoniran Barbosa, com 75 anos de existência e que surgiu em São Paulo (capital), na década de 1940. Todos os presentes cantaram juntos os maiores sucessos do grupo, tais como: *Saudosa Maloca*, *Iracema*, *Trem*

das Onze e outros. O que pouca gente sabe é que um de seus integrantes reside em São Caetano do Sul há exatos 75 anos – mesma idade do famoso conjunto – e que, neste ano de 2018, está completando 80 anos de idade: Roberto Barbosa, o Canhotinho.

Roberto Barbosa nasceu em 14 de setembro de 1938, na aprazível cidade de Espírito Santo do Pinhal, distante 190 quilômetros da capital paulista. Em busca de melhores oportunidades de trabalho, sua família resolveu partir para outras regiões e mirou a área suburbana de São Paulo. Em princípio, vieram para a Vila Prudente e depois, mais precisamente, instalaram-se em São Caetano, então considerada segunda zona do município de Santo André, segundo o memorialista Ademir Medici¹, e em franca evolução industrial, pois já contava com aproximadamente 69 fábricas atuantes. As fábricas localizadas em São Caetano passaram a ser um forte atrativo para levas de migrantes e imigrantes que para cá



se dirigiam. Medici relata que São Caetano, naquele tempo, era a cidade das rosas e dos portões floridos, com telhados que serviam para abrigar os casais de namorados.

Chegaram à cidade em 1943, quando Roberto estava com cinco anos de idade. Sem condições econômicas para se estabelecer dignamente, a família viu-se obrigada a morar em condições extremamente precárias. Passou a ocupar uma moradia localizada às margens do Rio Tamanduateí, nas proximidades das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo². Na verdade, tratava-se de uma olaria abandonada. Vislumbrando um futuro melhor para a família, o pai de Roberto, Francisco Barbosa, conseguiu emprego em uma das primeiras fábricas de cerâmica da cidade, chamada Fábrica de Louças Adelinas, de propriedade do comerciante português Manoel de Barros Loureiro.



Ao atingir a idade ideal para iniciar os estudos, Roberto Barbosa foi matriculado no primeiro ano do Grupo Escolar Senador Flaquer, fundado em 1920. “Recordo-me que, por ser canhoto, sofri duras penas impostas pelos professores, para que aprendesse a escrever com a mão direita, o que me era dificultoso, eu não conseguia, de jeito nenhum!”, conta Barbosa, com ar nostálgico. Em tom de blague, comenta que, por causa disso, não desenvolveu a habilidade de escrever com a mão direita e nem com a esquerda. Nessa época, o jovem já ensaiava os seus primeiros passos como músico instrumentista. Aprendera a executar no seu instrumento, o cavaquinho, o Hino Nacional Brasileiro e depois de uma apresentação para alunos e professores, granjeou a simpatia de todos interrompendo de vez as sessões de “tortura” a que era submetido, por não saber escrever com a mão direita.

Em certa ocasião, retornando da missa na Igreja Nossa Senhora da Candelária, na companhia do irmão, Barbosa deparou-se com um circo instalado na região: era o Circo Teatro Irmãs Miranda. Nessa época residia no Bairro Nova Gerty, ainda em condições modestas, para onde a família havia se mudado pouco tempo antes. Ele queria ser músico. Não pensou duas vezes: dirigiu-se ao circo e ofereceu os seus serviços como tocador de cavaquinho. Foi convidado a se apresentar na sessão matinal, tendo agradado o suficiente para ser intimado a retornar à noite, quando faria nova apresentação. Como consequência, abandonou o emprego (trabalhava na empresa Panex) e se dedicou ao trabalho no circo, onde, além de se apresentar como cavaquinista, atuou como ator em diversas peças teatrais.

Barbosa descobriu-se um cavaquinista - autodidata, ressaltou-se - enveredando no profissionalismo, quando foi convidado pela Rádio Ca-

Canhotinho exibindo o cavaquinho dinâmico com o qual se apresentava no Circo Teatro Irmãs Miranda, em foto de 1954

cique de São Caetano do Sul para integrar o *cast* de músicos da emissora, que havia sido fundada em 28 de julho de 1958. A chamada “Rádio do Índio” ficava localizada na Rua Santa Catarina, nº 97, no centro da cidade, e contava com um auditório com capacidade para 400 pessoas, utilizado para programas menores. Operava nos 1.330 KHz, na frequência ZYR-41. Com o amigo Dioracy Reis Moura, o Joca Sete Cordas (o músico faleceu aos 70 anos, em 18 de novembro de 2009), e outros músicos que compunham o conjunto Canhoto e Seu Regional, acompanhava todos os grandes cantores brasileiros da época que se apresentavam na rádio, sem nenhuma remuneração.

Até o ano de 1961, Barbosa era conhecido como o Canhoto do Cavaquinho. Ocorre que outro músico famoso, em atividade há mais tempo, chamado Waldyro Frederico Tramontano (1908-1987) havia se notabilizado no meio artístico nacional usando o nome de “Canhoto do Cavaquinho”. Alertado de que não poderia, artisticamente, continuar utilizando aquele pseudônimo, passou a adotar o “Canhotinho”, por decisão própria. Nascia, desse modo, o Canhotinho do Cavaquinho.

O ingresso de Canhotinho no grupo Demônios da Garoa aconteceu de modo inesperado. Sergio Rosa, um dos componentes da formação atual, relata que o conjunto estava em busca de um músico para preencher a lacuna deixada pela saída do percussionista Francisco Paulo Galo, o Paulinho. Ele havia decidido deixar o conjunto para estudar Medicina, em Curitiba (hoje está estabelecido na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, como médico reumatologista). Na verdade, o próprio Paulinho foi encarregado de servir como intermediário para a contratação do novo componente. Canhotinho recebeu o convite, mas relutou em aceitá-lo, afinal, era empregado da TV Record, e estava satisfeito com o que fazia.

Mas os Demônios da Garoa não queriam abrir mão do músico e insistiram tanto até que ele tomou a decisão de participar de alguns ensaios. Só que a necessidade do grupo era contratar um violonista e cantor, e ele, embora tivesse um bom desempenho com o violão de seis cordas, não se sentia confortável. Impôs, então, uma condição: se juntaria ao grupo, desde que fosse para tocar o seu instrumento de devoção e prática, o cavaquinho. Arnaldo Rosa, pai de Sérgio, e seu irmão Claudio Rosa, fundadores do conjunto, concordaram, imediatamente, sem fazer nenhuma exigência. Corria o ano de 1962 e Roberto Barbosa, o Canhotinho, tornou-se o primeiro cavaquinista a integrar o conjunto Demônios da Garoa, no qual permaneceu durante 26 anos ininterruptos.

Pretendendo seguir carreira individual, após a gravação do seu primeiro disco como solista - e incentivado pelo produtor Waldir Silva, que trabalhava com Waldir Azevedo -, Canhotinho pediu afastamento do conjunto Demônios da Garoa, para também realizar um tratamento de saúde. Ficou ausente durante dez longos anos, retornando no ano de 1999, por ocasião do falecimento do amigo Arnaldo Rosa. Sérgio Rosa lembra, também, que a primeira gravação de um disco com a participação de Canhotinho ocorreu em 1964, dois anos após o seu ingresso no grupo. Foi o álbum *Trem das Onze*. Posteriormente, seguiram-se dezenas de outras gravações, todas elas de grande sucesso de audiência.

No período em que esteve afastado integrou um conjunto instrumental liderado pelo flautista Carlos Poyares, com o qual excursionou pelo exterior, fazendo inúmeras apresentações por diversos países do continente europeu. Ao mesmo tempo, dedicou-se ao ensino do cavaquinho e de outros instrumentos de corda em uma escola, chamada Brasileirinho, que fundou em



Grupo ao lado de Orlando Silva. Canhotinho é o primeiro, à esquerda. Foto da década de 1960



Demônios da Garoa em sua formação mais recente, em foto de 2016. Canhotinho é o segundo, a partir da direita

São Caetano do Sul, atividade essa que desenvolveu durante oito anos. Entretanto, devido ao grande número de compromissos profissionais assumidos, viu-se forçado a encerrar as operações da escola de música.

Nas últimas quatro décadas, Canhotinho vem sofrendo com graves problemas de saúde, com patologias que o têm abalado física e emocionalmente, impedindo-o até mesmo de desenvolver a sua atividade profissional. Eduardo Agostini, médico cardiologista - e também músico amador estabelecido em São Caetano do Sul - considera-o quase como um irmão mais velho e não quer vê-lo ausente dos palcos. Não foi sem razão que o submeteu à realização de cirurgia para implantação de três *stents*, após diagnosticar, via cateterismo, a necessidade de tal procedimento. Canhotinho também foi vítima de uma neoplasia - câncer de próstata - e foi submetido a uma prostatectomia radical, quando tinha cerca de 60 anos de idade, em 1998.

Canhotinho, exímio no cavaquinho e compositor intuitivo de primeira, autor de choros, canções, baiões e sambas, é músico respeitado e requisitado. Recebeu inúmeros troféus e homenagens que lhe foram agraciados pelas mais diversas entidades de cunho sociocultural. Uma dessas honrarias merece destaque: o título de Cidadão Sul-são-caetanense, que lhe foi outorgado

pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul, no dia 27 de setembro de 2000, por iniciativa do então vereador Eduardo Agostini, num reconhecimento por toda a trajetória percorrida em prol da música instrumental brasileira de qualidade.

Vale lembrar que Canhotinho reside no município desde o ano de 1943. A solenidade, realizada no auditório da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, foi das mais concorridas e contou com a presença de mais de 400 pessoas, entre fãs, admiradores e colegas de profissão. Após o ato solene, o músico foi homenageado com uma recepção nas dependências do Esporte Clube São José, ainda no município, quando os companheiros do grupo Demônios da Garoa subiram ao palco e, em deferência especial ao laureado e integrante do grupo, entoaram os seus maiores sucessos, para alegria dos presentes. **R**

NOTAS

¹MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização*: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.

²O Grupo Matarazzo arrendara, em 1912, as quatro fábricas da antiga Pamplona, que produzia sabões e óleos vegetais em São Caetano. Em 1990, todo o complexo químico, localizado em São Caetano do Sul, foi desativado.

JOÃO BOSCO DOS SANTOS

É GRADUADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO E MESTRE EM COMUNICAÇÃO E MERCADO PELA FUNDAÇÃO CÁSPER LÍBERO. JORNALISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO APOSENTADO, É FUNDADOR E PRIMEIRO PRESIDENTE DO ROTARY CLUB DE SANTO ANDRÉ-ALVORADA. É PORTADOR DA COMENDA PAUL HARRIS, DE ROTARY INTERNATIONAL E DA MEDALHA CÍVICA REGENTE FEIJÓ, NO GRAU DE CAVALEIRO, OUTORGADA PELA CÂMARA BRASILEIRA DE CULTURA. MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO, ONDE OCUPA A CADEIRA 28, PUBLICOU VÁRIOS LIVROS DE CRÔNICAS.

João Tarcísio Mariani

Uma gama de idealistas da autonomia e um Gama de admiradores dos autonomistas

São Caetano do Sul comemorou dignamente a memória dos autonomistas neste ano de 2018, quando completamos 70 anos de nossa emancipação. A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul foi a entidade que deu início às manifestações comemorativas pelo feito daqueles jovens bravos e idealistas, responsáveis pelo episódio de 24 de outubro de 1948, no final do ano passado, com a publicação da *Agenda Histórica 2018*, exclusivamente focada na autonomia. Também coube à instituição encerrar as solenidades dos 70 anos com chave de ouro, por meio da entrega de uma lembrança significativa aos quatro autonomistas remanescentes: Mário Porfírio Rodrigues, Mário e Ettore Dal'Mas, e Desiree Malateaux Netto.

Assim como um grupo de idealistas amantes de São Caetano alcançaram a autonomia, também, agora, outra equipe, entusiasta e admiradora do movimento, está disposta a não permitir que se diminua, ou pior, que se esqueça, o feito emancipacionista. São pessoas que se dedicam a fazer com que as comemorações, não apenas as dos 70 anos, mas de todos os anos, sejam motivo para enaltecer a liberdade e a cidadania para nós conquistadas e legadas.

Vamos nos reportar ao ano de 1998, quando a autonomia municipal completou o seu cin-

quentenário, e foi realizado o primeiro almoço comemorativo, contando com a presença dos 20 autonomistas vivos na época. No ano seguinte, se reuniram novamente, só que agora na residência de Mário Porfírio Rodrigues. A partir de então, esses almoços foram se repetindo para comemorar a data histórica de nossa emancipação e, em todos esses encontros anuais, Ivo Pellegrino, filho do primeiro prefeito da cidade (Ângelo Raphael Pellegrino), e Domingo Glenir Santarnecchi (falecido em 18 de maio de 2018), jornalista e memorialista, compareceram como convidados especiais de Mário Porfírio Rodrigues.

A cada ano que se encontravam, inevitavelmente, alguns dos autonomistas iam falecendo, até que chegaram a apenas seis companheiros. Por isso mesmo, no almoço de 2002, Ivo Pellegrino conversou com Rodrigues e sugeriu que se convidassem os filhos e parentes dos líderes autonomistas falecidos para os encontros anuais.

A ideia era muito boa, mas demorou a ser implementada, de tal modo que somente alguns anos mais tarde, conseguiu-se juntar ao grupo mais alguns parentes e amigos dos autonomistas. Isto permitiu que em 2007, graças ao entusiasmo pela ideia de perpetuar a memória do movimento autonomista, fosse fundado o Instituto Renovador do Movimento Autonomista (Irma), que, durante cerca de dois anos, reuniu simpatizantes do feito de 1948.

Infelizmente, o Irma encerrou suas atividades e o registro documental dessa entidade foi encaminhado para arquivo na Fundação Pró-Memória. Mas a ideia dos encontros não havia perecido, tanto que, no final do ano de 2012, após troca de e-mails entre Hermano Pini Filho, Oscar Garbelotto e Mário Porfírio Rodrigues, foram organizadas reuniões no Centro de Memória e Documentação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com um grupo de pessoas para “Falar de São Caetano”.

Enquanto se decidia a data para a primeira reunião, Hermano Pini Filho, residente em Campinas, informou que não seria possível contar com sua presença, pois estava muito doente. Pini Filho, infelizmente, faleceu em 2013, antes que houvesse aquele primeiro encontro.

Mário Porfírio Rodrigues e Oscar Garbelotto, apesar desse impacto triste, não se abateram e decidiram levar avante a ideia. Iniciaram reuniões mensais e convidaram Mário Dal’Mas, Ivo Pellegrino, Domingo Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore, Morisa Garbelotto (filha de Oscar) e João Tarcísio Mariani.

Logo, se juntaram mais alguns amigos ao grupo, com a chegada de Desiree Malateaux Netto, autonomista, Milka e Francisco Soeltl, e Wagner Natale. No início, as reuniões foram presididas por Garbelotto, enquanto que Humberto Pastore se propôs a redigir as atas; e, desde a primeira delas, datada de 30 de abril de 2013, até

hoje, ele vem registrando todas as atividades do grupo. A título de ilustração, o texto original da primeira ata, produzida por Pastore, está reproduzido no final e enriquece este artigo.

Desde a primeira reunião desse novo grupo, o assunto predominante, ao “Falar de São Caetano”, foi a autonomia municipal. Em vista disso, por proposta de Rodrigues, passou a denominar-se Grupo dos Amigos do Movimento Autonomista. Inicialmente, utilizava-se a sigla Gama-48 (lembrando 1948), mas, logo em seguida e até hoje, é chamado apenas de Gama.

Oscar Garbelotto, em 2013, havia sido escolhido pelo grupo para ser o presidente do Gama. No início de 2015, deixou de presidir a entidade por motivos de saúde. Daquele ano até o começo de 2016, foi indicado, por unanimidade, Mário Porfírio Rodrigues para presidir o grupo. Alegando não poder dedicar tanto tempo às atividades do Gama quanto gostaria, Rodrigues sugeriu que se escolhesse outra pessoa para o cargo. Na reunião de 22 de março de 2016, Pastore indicou o nome de Francisco Soeltl para exercer a presidência do grupo, o que foi aprovado por seus membros. Decidiu-se, nessa mesma data, que Rodrigues passaria a ser Presidente Emérito.

Em 2017, Francisco Soeltl, em função de suas inúmeras atividades, deixou a presi-

Membros do Gama e convidados em dois momentos. Na primeira foto, vemos, da esquerda para a direita: João Tarcísio Mariani, Desiree Malateaux, Regina Rampinelli (Secretaria Municipal de Educação), Morisa Garbelotto, Milka Soeltl, Humberto Pastore e Charly Farid Cury (Fundação Pró-Memória). Sentado está Mario Porfírio Rodrigues. Em outro registro, estão reunidos, em pé, a partir da esquerda: Wagner Natale, Morisa Garbelotto, Márcia Benincasa e Humberto Pastore. Sentados: João Tarcísio Mariani, Oscar Garbelotto e Ivo Pellegrino

Acervo/Centro de Memória e Documentação da Uscs



Acervo/Centro de Memória e Documentação da Uscs



dência do Gama, assumindo, em escolha unânime do grupo, Ivo Pellegrino. Nessa ocasião, permaneceu como secretário Pastore, sendo escolhido como vice-presidente João Mariani. Essa composição dirige os destinos do grupo até a presente data. Lembrando, uma vez mais, que a finalidade precípua do Gama é divulgar e perpetuar o importantíssimo feito do movimento autonomista, que criou o município de São Caetano do Sul.

A propósito, o Grupo dos Amigos do Movimento Autonomista se empenhou, ao máximo, neste ano, para que as comemorações do 70º aniversário de nossa autonomia fossem dignas e marcantes. Para que isso fosse possível, contou com inestimável apoio e colaboração da prefeitura e da Câmara Municipal, além da colaboração decisiva da Fundação Pró-Memória, da Secretaria Municipal de Educação, da Fundação das Artes e da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

O mais profundo preito de gratidão de todos nós do Gama a esses parceiros, e às pessoas integrantes dos mesmos, que nos ajudaram com dedicação, e sem as quais as festividades não alcançariam o realce que apresentaram. **R**

JOÃO TARCISIO MARIANI

É CONSULTOR EMPRESARIAL, MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E VICE-PRESIDENTE DO GRUPO DE AMIGOS DO MOVIMENTO AUTONOMISTA (GAMA).

Ata da primeira reunião do “Vamos Falar de São Caetano”

No dia 30 de abril de 2013, às 14h20, teve início, no Campus Barcelona da Uscs, o encontro promovido pelo Centro de Documentação e Memória desta Universidade, e intitulado “Vamos falar de São Caetano”, reunindo alguns líderes autonomistas e historiadores, com o objetivo de falar sobre o tema “Autonomia de São Caetano”.

Aberto pelo professor Oscar Garbelotto, a reunião, que se estendeu até 16h30, contou também com a presença de: Mário Porfírio Rodrigues, Mário Dal’Mas, Ivo Pellegrino, Domingo Glenir Santarnecchi, João Tarcisio Mariani e Humberto Domingos Pastore. Na primeira parte da reunião, o líder autonomista Mário Porfírio Rodrigues discorreu sobre o encontro que o grupo manteve na parte da manhã com o prefeito municipal para sensibilizar o poder público a promover ações que deem visibilidade e conhecimento da luta autonomista, principalmente às gerações mais novas, que desconhecem o fato de que antes da emancipação, São Caetano não passava de uma vila de Santo André.

A prefeitura se comprometeu a promover estas ações, inclusive com a realização da Semana da Autonomia, conforme pede a lei municipal de autoria do então vereador, Moacyr Rodrigues, e abraçada pelo atual edil, Beto Vidoski. Uma segunda ação municipal é a criação de uma cartilha a ser distribuída para os alunos do ensino fundamental e do ensino médio.

Após o encontro na prefeitura municipal, o grupo se dirigiu até o prédio da Pró-Memória, já que esta Fundação tem em seu estatuto comemorar a data maior da autonomia da cidade.

Humberto Pastore falou da importância de ainda podermos contar com as fontes primárias da história da autonomia, uma vez que dos 95 autonomistas, seis estão vivos. Num segundo momento esta história estará apenas nos livros.

Pastore falou ainda de seu incômodo em ver que a cidade só comemora a data de 28 de julho (chegada das famílias italianas) e não a mais importante que é a criação do

município, ação que só aconteceu, graças à luta emancipacionista de 1948.

Garbelotto reforçou, justificando que não podemos deixar de lado a tradição de se comemorar o 28 de julho, mas que o grupo deveria agir de forma enérgica para que esta segunda data – 24 de outubro – tenha a mesma visibilidade.

Glenir Santarnecchi e Ivo Pellegrino foram categóricos em concordar e sugeriram que o grupo deve fazer de tudo para conscientizar o poder público da importância desta data. Infelizmente, pelo que se depreende, é que tanto o poder Executivo como o Legislativo desconhecem que São Caetano do Sul só existe por causa da luta vitoriosa dos líderes autonomistas.

Na mesma linha, Mário Dal’Mas disse que se perguntarmos aos vereadores o que foi o movimento autonomista, poucos saberiam explicar ou dar detalhes. E ainda reforçou, dizendo que antes da autonomia, a vila de São Caetano era conhecida como a terra do tifo, por causa da água dos poços que era consumida por toda a população. O desenvolvimento só chegou a partir da instalação da prefeitura e da Câmara no início de 1949.

O próximo comentário foi de João Mariani, que disse: “Os vereadores, o prefeito e as demais autoridades municipais devem ser lembrados de que somente têm esses cargos públicos graças a autonomia e aos autonomistas.”

Como ações concretas, a serem feitas a partir desta primeira reunião, estão encontros com os alunos da terceira idade da Uscs, tendo à frente Glenir Santarnecchi, e exibição do documentário *Autonomistas*, produzido pela Blá Filmes.

Artigos curtos e preparados semanalmente sobre o trabalho dos líderes autonomistas serão produzidos e encaminhados para a imprensa da região. João Mariani vai preparar um artigo em homenagem aos 65 anos da autonomia a ser publicado na edição de dezembro de 2013 da revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória.

ESPECIAL

AUTONOMIA – 70 ANOS

Desde 2016, a Fundação Pró-Memória publica os trabalhos premiados com os primeiros lugares do concurso de redação *História da Autonomia*, promovido pelo Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), para celebrar a emancipação de São Caetano, com apoio da Prefeitura Municipal, da Secretaria Municipal de Educação e da Fundação Pró-Memória.

Reproduzimos, nesta edição, as redações vencedoras dos primeiros lugares, que celebraram os 70 anos da conquista da liberdade política e administrativa de nosso município, produzidas pelos seguintes alunos: Thayla Ayris Carvalho de Moraes (Ensino fundamental I - 5º ano B - EMEF Bartolomeu Bueno da Silva), Letícia Silva Schank (Ensino Fundamental II - 9º Ano B - EE Prof. Vicente Bastos), Laura Simões de Souza (Ensino Médio - 2º Ano - EME Prof. Vicente Bastos), Gabriel Vinicius Oliveira de Lima (Ensino Médio - EJA - 3ºMNB - EE Prof. Vicente Bastos), Gabriel Vinicius Oliveira de Lima (Ensino Médio - EJA - 3ºMNB - EE Prof. Vicente Bastos) e Vera Lucia Pavan Sorpreso (Módulo III - Curso de Português - Escola de Idiomas Paulo Sergio Fiorotti). A premiação aconteceu no dia 26 de outubro de 2018, no Teatro Santos Dumont.

A autonomia de São Caetano

THAYLA AYRIS CARVALHO DE MORAES
Ensino Fundamental I - 5º Ano B
EMEF Bartolomeu Bueno da Silva

Antes de São Caetano ser uma cidade, era um distrito muito pobre, que não tinha hospital, não tinha água encanada, as ruas eram de barro e quando chovia, ficava uma lama que nem dava para andar.

Quando as crianças ficavam muito doentes, tinham que ir até Santo André porque era o lugar mais próximo que tinha hospital.

Tudo começou quando, em 1938, Santo André substitui São Bernardo como sede do município, e São Caetano passa a ser distrito de Santo André. Na década de 1940, o sonho da emancipação voltou a empolgar os sancaetanenses. Em 1944, São Caetano é rebaixado a segundo subdistrito de Santo André, enquanto São Bernardo se constituiu município autônomo.

Jovens idealistas começam a criar o *Jornal de São Caetano* e a Sociedade Amigos de São Caetano, que ajudam na divulgação de ideias da autonomia. Em 1947, ocorreu um abaixo-assinado pedindo a realização de um plebiscito, onde conseguiram 5.197 assinaturas. Foi enviado para a Assembleia Legislativa do Estado, que atende reivindicações e autoriza o plebiscito.

O plebiscito, realizado no dia 24 de outubro de 1948, apurou 8.463 moradores a favor e somente 1.029 contra a autonomia. No dia 24 de dezembro daquele mesmo ano, o governador do Estado de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros, ratifica a decisão dos sancaetanenses e homologa a criação do município de São Caetano, que então, recebe o apêndice “do Sul”, por já existir uma cidade no Brasil com esse nome, no sertão de Pernambuco.

Em 1949, foi realizada a primeira eleição. O primeiro prefeito de São Caetano do Sul foi Ângelo Raphael Pellegrino. _____

Os verdadeiros heróis

LETÍCIA SILVA SCHANK
Ensino Fundamental II - 9º Ano B
EE Prof. Vicente Bastos

Há anos, filmes que envolvem super-heróis são considerados os de maior número de bilheteria. O que as pessoas não sabem é que os verdadeiros heróis realmente existem, mas não como todos imaginam, usando uma capa ou algo do tipo.

Eles se destacam na sociedade pelas atitudes e a força de vontade de lutar pelo que desejam e sonham. Um exemplo que se destaca em meio de muitos outros é a conquista da emancipação da cidade de São Caetano do Sul.

Na década de 1940, São Caetano do Sul era um local com uma população basicamente operária, com muitas chaminés, muitas fábricas, como a Matarazzo, Louças Adelina, Cerâmica São Caetano, entre outras. Mas a aparente prosperidade não condizia com as condições precárias de sua população, sem água encanada, esgoto, recolhimento de lixo e hospitais.

A região cresceu muito com a construção da ferrovia São Paulo Railway, no final do século 19, para o transporte de café de São Paulo para Santos. O fato da ferrovia não passar por São Bernardo deu a oportunidade de Santo André tornar-se sede do distrito e São Caetano ser rebaixada a segundo subdistrito de Santo André, perdendo ainda mais seu valor. O descaso que Santo André tinha com as necessidades básicas de São Caetano despertou ainda mais o desejo dos sul-são-caetanenses conquistarem a tão sonhada liberdade.

E esse desejo só aumentava. Alguns dos jovens que moravam em São Caetano, enquanto pegavam o trem para ir até a escola em São Paulo, passaram a discutir sobre os problemas de sua localidade, e tiveram a ideia de fazer um jornal

para informar os moradores do lugar sobre as coisas que aconteciam ao redor, pois os mesmos não tinham nenhum meio prático de comunicação e também, a partir dele, incentivar a população a lutar pelo movimento de sua autonomia. A ideia do jornal se concretizou e no dia 28 de julho de 1946, foi lançada a sua primeira edição que começou a ser distribuída uma vez por semana, nas semanas que eram possíveis fazer o pagamento para a impressão.

Na época estava ocorrendo eleições políticas na cidade de Santo André e seus candidatos, para ganhar voto, prometiam vários tipos de melhoria para o lugar precário que era São Caetano, porém essas promessas nunca eram cumpridas, fato que explicitamente não agradou a população e fez que a ideia autonomista amadurecesse ainda mais rápido. Mas por alguns motivos políticos da época quem tomou posse do cargo de prefeito foi Antônio Flaquer que era completamente contra o movimento autonomista e dono do cartório da cidade. Sua posse causou vários entraves para o processo de autonomia.

A partir dessa situação, as 95 pessoas, conhecidas como autonomistas, foram pesquisar as leis que existiam no mesmo período, que possibilitavam um subdistrito tornar-se independente. Elas diziam que para o local tornar-se autônomo eram necessários três documentos. O primeiro desses três documentos devia provar que o local tinha um número de habitantes equivalente ou maior que dez mil pessoas; o segundo documento devia mostrar que a renda mínima do lugar não podia ser menor do que 200 mil cruzeiros, o que não era fácil de concluir, pois os mesmos não tinham acesso ao lucro arrecadado no lugar a partir das indústrias que ali se encontravam; e, por último, era necessário ter a assinatura de 10% da população para que finalmente a emancipação fosse concedida.

E foi assim que começou o grande desafio de conseguir os três documentos. As pessoas batiam de porta em porta, com o intuito de orientar os moradores sobre o assunto e pedir a colaboração de todos. O prefeito de Santo André tinha mandado para São Caetano a maior parte dos servidores públicos, assim os moradores foram às ruas com o propósito diminuir as ações dos antiautonomistas. Depois disso foram concluídas as votações da população chegando ao resultado de 8.463 votos a favor da emancipação e 1.029 contra. E foi assim que, no dia 24 de outubro de 1948, por volta das seis horas, São Caetano conquistou a liberdade e começou a ser considerado um município. A alegria era tanta que as pessoas saíram para comemorar, ligaram sirenes de fábricas, sopravam cornetas, a banda da cidade saiu tocando pelas ruas, as pessoas gritavam e pulavam comemorando sua liberdade.

Depois disso a cidade começou a se desenvolver física e culturalmente, construindo hospitais, praças, creches, escolas, teatros e várias outras construções feitas para beneficiar o povo. Hoje em dia, depois de 70 anos, a cidade é considerada uma das melhores em relação ao IDH brasileiro.

As histórias que não são contadas são esquecidas, e nossa história é magnífica. Por infelicidade, muitos desses 95 autonomistas já nos deixaram, porém sua história é revivida cada vez que a contamos e a repassamos para os outros. É nosso dever mostrar para os moradores da cidade e até mesmo para o resto do país o tanto que essas pessoas trabalharam para conseguir tornar São Caetano no que ele é hoje.

Viram como um herói não precisa necessariamente de super-poderes para melhorar e até salvar a vida de alguém, que a união é uma grande arma nessa batalha e que se todas as pessoas se ajudarem tudo é possível? Para São Caetano do Sul os nossos grandes heróis foram os autonomistas e VOCÊ, já pensou em ser um herói também?

O mito está mais perto do que você imagina

LAURA SIMÕES DE SOUZA

Ensino Médio - 2º Ano

EME Prof. Vicente Bastos

Às vezes, quando ouvimos nosso professor falar sobre história e épocas passadas, ou simplesmente pensamos na palavra fundação, os acontecimentos parecem tão distantes que quase não soam como verdadeiros e sim, mitos. Mas, o que é um mito? Segundo o dicionário, mito é uma representação de fatos e/ou personagens históricos amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas. Também tem conotação de mentira, dependendo do contexto. Atualmente, chamamos de mito pessoas tão incríveis que não podem ser reais.

Para nossos padrões, alguém considerado mito pode ser ilustrado por uma personalidade forte, imponente, criativa e ousada. Logo pensamos em heróis como Hércules ou políticos revolucionários como Nelson Mandela ou Martin Luther King Jr. Nos esquecemos dos mitos de nossa própria cidade.

Sim, estamos falando dos autonomistas, os responsáveis por tornar São Caetano do Sul uma cidade independente. É por causa deles que hoje não somos um bairro de Santo André, por exemplo.

Você deve estar se perguntando o porquê de chamar pessoas como eles de mitos. Bem, só mitos conseguem reunir 5 mil pessoas com a divulgação de suas ideias em um jornal para criar uma cidade através de um plebiscito. Só mitos constroem escolas, viadutos e hospitais. E só mitos conseguem fazer tudo isso, ainda,

mantendo uma relação de amizade e cumplicidade entre os cidadãos. Bem diferente dos dias de hoje, em que os políticos precisam atacar uns aos outros ou dividir a sociedade para garantir seus votos.

Nenhuma revolução acontece com apenas uma pessoa. Nossos 95 líderes autonomistas são um exemplo disso. Nos ensinaram, e ensinam, que não há como transformar uma sociedade em meio a discussões partidárias e ofensas mútuas pelo fato de discordar em alguma coisa. Que a união dos mitos sul-são-caetanenses possa sempre nos lembrar de que não há maneira melhor para mudar o Brasil do que juntos. —————

A velha e a nova geração: os mesmos sentimentos e ideais

GABRIEL VINICIUS OLIVEIRA DE LIMA
Ensino Médio - EJA - 3ºMNB
EE Prof. Vicente Bastos

Desde as primeiras páginas da história da humanidade até os dias atuais, o desejo de autonomia e liberdade, a luta por justiça social e a necessidade de construir uma sociedade melhor para todos têm desempenhado um papel fundamental como fatores causadores de mudança na sociedade. A semente da mudança muitas vezes nasce nas mentes criativas e jovens, que acreditam em um futuro mais justo e igualitário e que se dispõem na luta pela mudança, pela conquista de direitos e de justiça social.

Em São Caetano do Sul não foi diferente. A cidade que conquistou sua autonomia apenas em 1948 tem vinculada à sua história a trajetória de corajosos jovens que enxergaram na mudança a possibilidade de dias melhores e a garantia de defesa de seus direitos como cidadãos.

O movimento autonomista inicia-se com o engajamento de jovens, que junto à população, manifestaram sua insatisfação perante o cenário precário e injusto em que viviam. Aqueles homens, visionários e audaciosos, não aceitaram passivamente a conjuntura social e administrativa que havia sido instalada e à qual nossa cidade parecia estar condenada. Muitos eram os problemas que então afligiam a população: faltavam as estruturas básicas para garantir uma vida digna aos cidadãos sul-são-caetanenses, tais como saneamento básico, ruas asfaltadas, escolas, um hospital para atendimento aos munícipes, dentre outras situações de carência enfrentadas pelos moradores. Além disso, a política administrativa que vigorava naquele momento impedia a mudança desse cenário. São Caetano do Sul, naquela época, era subordinada à cidade de Santo André, sendo considerada um subdistrito daquela cidade. Era preciso mudar esta realidade, pois, nossa cidade, apesar de pequena em dimensão territorial, sempre teve vocação para a grandeza, desde sempre demonstrou seu potencial para as grandes conquistas e realizações e somente por meio de um movimento conjunto, envolvendo a população e líderes visionários, poderia escrever um futuro brilhante para as próximas gerações.

A partir da criação de um jornal, por meio do qual se disseminavam ideais de autonomia que ocupavam a mente desses jovens estudantes, o desejo de mudança atinge e envolve o restante da população, alcançando espaços maiores, gerando um único sentimento de luta pela emancipação da cidade. Diante disso, o abaixo-assinado para que houvesse um plebiscito alcançou um total de 5.197 assinaturas, tornando possível o sonho de ver nossa terra independente, autônoma, forte e unida para a construção de uma história de superação e crescimento que a colocaria, futuramente, em um lugar de destaque no cenário nacional. Assim começava a inspirado-

ra história do movimento autonomista, história que hoje completa 70 anos, e que tornou possível a existência deste “pequeno gigante” que tanto tem contribuído para a construção do nosso país, como modelo em qualidade de vida, gestão de recursos, investimento na formação de pessoas, preservação e valorização de sua história.

É fundamental lembrar que tudo começou com o engajamento e a mobilização dos jovens. Estes ilustres personagens a quem devemos sempre prestar homenagens e reconhecer como autores de nossa autonomia, cujos nomes estão imortalizados em nossas ruas, praças e escolas, um dia foram jovens, e como tal tiveram sonhos, ideais e valores, e, principalmente, lutaram por eles. Como fruto de sua iniciativa, em 1948 foi alcançada a tão sonhada autonomia da cidade de São Caetano do Sul, que a partir daquele momento passou a ser reconhecida como um município.

Estas páginas da história de São Caetano do Sul continuam a servir de inspiração para todos aqueles que não se deixam subjugar por interesses e situações que não correspondem aos seus próprios ideais e valores. Quando nos voltamos para os dias atuais, podemos concluir que a tradição dos ideais de liberdade e a luta pela democracia acompanham e inspiram a trajetória de jovens que enxergam à frente de seu tempo, agindo como pessoas que veem na mudança a esperança de um futuro digno e um lugar melhor para viver. Jovens como os que lutaram junto à população em 1948 ainda hoje estão vivos nos jovens que fazem parte de movimentos estudantis, na busca de diálogo com as autoridades governamentais, uma vez que tais entidades tomam as decisões que afetam diretamente suas vidas. São os mesmos jovens que também se engajam politicamente e defendem seus pontos de vista quanto ao futuro da sociedade e a garantia de ter seus direitos respeitados, resgatando as lições da história para a construção do futuro.

Pesquisas apontam que estamos vivendo essa nova geração que se inclina de forma mais sensível às problemáticas sociais. Por isso é tão importante continuar lutando. É importante que sejamos personagens atuantes e comprometidos na luta pela mudança, pela melhoria. É necessário que estejamos atentos aos movimentos sociais e políticos, evitando o retrocesso, a opressão e a perda de direitos já conquistados. A história de nossa cidade, com o capítulo do movimento autonomista, é um grande exemplo da força que pode ter uma geração engajada, instruída e unida por um ideal. Em nossa cidade, a velha e a nova geração partilham os mesmos sentimentos e ideais de justiça e liberdade. _____

Contar é preciso para que o viver seja preciso

VERA LUCIA PAVAN SORPRESO
Módulo III - Curso de Português
Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti

Um, dez, cinquenta...setenta! Setenta anos de autonomia.

É necessário contar a nossa história. Porque é na vida de nossos filhos que viveremos, e se eles não souberem da história perderão o rumo. Nós nos perderemos. Seremos passado esquecido. Lembrar, conhecer, entender e amar para ir adiante, para o bem-estar de todos que nasceram aqui. Orgulhosos do lugar onde escolhemos viver. Então para não esquecer é que vou contar...

Era para não dar certo. Nossa cidade nasceu de um desalento, de uma desesperança. Vejam só nosso primeiro nome: Tijucuçu. Essa palavra tupi significa charco, atoleiro. Os freis beneditinos que ganharam nossa cidade-bebê devem ter pensado

Foto/Leticia Teixeira (PMSCS)



Teatro Santos Dumont lotado para acompanhar a premiação dos vencedores do concurso de redação *História da Autonomia*

“esse pedaço de terra é só terra”. Só serve para ser terra! Terra molhada. Encharcada.

Dificuldade? Sim! Luta e trabalho.

É só terra e água? Então vamos fazer tijolos!!!! E assim a Fazenda de São Caetano do Tijucuçu nasceu e cresceu. Há indícios de canais que faziam a drenagem dos nossos pântanos, no centro da cidade, na Rua Alagoas. E assim vieram as olarias. Porém a mão de obra acabou, os escravos, libertos. A Fazenda foi abandonada, dividida e vendida.

Dificuldade? Sim! Luta e trabalho.

Os italianos vieram, compraram os lotes para construir indústrias, plantar uvas e continuar a fazer tijolos. Nascia, a 28 de julho de 1877, o Núcleo Colonial de São Caetano Di Thiene. Mas ventos bons transformaram-se em tempestade. As uvas foram contaminadas. Doentes morreram.

Novamente a queda. Novamente a luta e o trabalho vencem a dificuldade. Os tijolos continuavam a construir esperanças. E a indústria continuava a fabricar o futuro.

E as pessoas? Unidas na dificuldade, unidas no trabalho. Mas o povo se sentia só, abandonado nos seus direitos. Sem alguém para governá-lo, sem administração própria.

Dependendo de outra cidade. Sem se identificar completamente com esta outra sociedade.

Nova dificuldade? Sim! Nova luta e trabalho.

Um grupo de jovens dinâmicos, arrojados, filhos da fazenda do charco, filhos das uvas contaminadas, filhos dos tijolos, se levanta e luta. Os autonomistas. E com eles está o povo de São Caetano de Thiene que reclama e ganha a sua emancipação, em 24 de outubro de 1948.

É a história que não será esquecida porque viver é preciso.

Essa é a São Caetano dos autonomistas que continuam nos contando a história de 70 anos. Que continuam nos mostrando a história nas nossas ruas drenadas.

História de 70 anos que já está no sangue dos descendentes desses homens libertadores. História pintada no brasão da cidade: o verde para não nos esquecermos de nossa origem, o vermelho que nos dá forças para lutar, a engrenagem das indústrias que nos move a trabalhar, a coroa da nossa independência municipal e as datas precisas da nossa história, 28 de julho e 24 de outubro.

O legado que os autonomistas nos deixam?

Dificuldades virão? Sim! Virão lutas e trabalho. Essa é a nossa história. ————— **R**

Humberto Domingos Pastore

O irrequieto cidadão Domingo Glenir Santarnecchi

No dia 14 de agosto de 2018, Domingo Glenir Santarnecchi não teve festa de aniversário. Antes de completar 74 anos, veio a falecer, no dia 18 de maio, vítima de enfermidade. Sempre no dia de seu aniversário, eu tinha costume de ligar para ele, já que era um querido amigo e meu padrinho de casamento. Como desta vez não pude ligar, me pus a recordar o tempo em que o conheci, nos idos de 1970.

A primeira vez que o vi, ele trajava uma roupa tipo agasalho, destes que os esportistas usam nos Jogos Abertos do Interior. A dele, claro, era da delegação dos atletas da cidade de São Caetano do Sul. O encontro foi no décimo primeiro andar do edifício nº 500, da Rua Manoel Coelho, no Bairro Centro. No local funcionava a redação do antigo *Jornal de São Caetano*, onde o Toledinho (apelido de João Batista de Toledo) produzia o semanário do Alécio Strabelli, que, por sua vez, trabalhava no terceiro andar.

Conheci o Glenir no tempo em que assessoria de imprensa era tratada como relações públicas. Naquele tempo a prefeitura de São Caetano tinha o Departamento de Relações Públicas, comandado por ele. Lembro que vinha toda quinta-feira na redação do jornal trazer a sua coluna social, a ser diagramada na página dois.

Eu era um rapazola de 16, 17 anos, que, que-

Domingo Glenir Santarnecchi em foto da década de 1970



Acervo/FPMSCS

rendo um dia ser jornalista, me atrevi a pedir um espaço no jornal, e Toledo, depois de me dar uma baita canseira, me fazendo voltar umas cinco vezes, decidiu que eu poderia escrever – de graça – a coluna estudiantil. Aliás, o Glenir também começou escrevendo

uma coluna estudantil, uns 15 anos antes de mim.

Duas cidades preenchem seu coração. Passo Fundo (RS), onde nasceu, e São Caetano do Sul, para onde sua família se mudou quando ele tinha três anos de idade. Estes dois municípios estavam sempre nos seus comentários, tinha verdadeira paixão por ambos e fazia questão de expor esse sentimento. Casado com Maria da Conceição dos Santos Santarnecchi, era pai da Érica Maria Santarnecchi.

Tive a graça e a alegria de trabalhar com Glenir no setor de “Relações Públicas” da prefeitura de São Caetano do Sul, no tempo em que Rubens Capozzoli era o responsável pela assessoria de imprensa. Seus textos eram mimeografados, as folhas grampeadas, e tudo com a preocupação de que ficasse pronto a tempo do motorista levar, depois do almoço, para as redações dos jornais do ABC e da capital. No envelope pardo também iam as fotos que o fotógrafo Yoji Agata, o Jorginho, tirava para ilustrar as matérias que falavam das inaugurações de escolas, de centros esportivos, de pavimentação de ruas e das programações dos festejos de aniversário da cidade.

No tempo em que não existia computador, Glenir mantinha os originais sobre a histó-

ria de São Caetano do Sul, que sempre tinham de ser reescritos conforme se descobriam novos fatos da memória da cidade. Vem daquele tempo também seu empenho em pesquisar as informações sobre Gaetano Di Thiene, o sacerdote italiano que viria a ser canonizado recebendo o nome de São Caetano.

Dessa sua pesquisa resultou a publicação, em 2010, de *São Caetano Di Thiene – O santo que deu nome à cidade*, de sua autoria. Sobre livros, uma informação extra. Faltou Glenir concluir uma obra que já tinha nome: *O Alvorecer de uma cidade*. Ele dizia que sempre se contava a história da chegada dos italianos, da ação dos líderes autonomistas, mas que faltava escrever um livro que narrasse o nascimento da cidade, o seu alvorecer, vindo até a atualidade.

Glenir foi um homem da comunicação. Percorria com tranquilidade as trilhas demarcadas pelos jornais e programas de televisão. Aliás, numa época em que ninguém sabia bem o que era esta nova tecnologia, já mantinha um programa em uma WEBTV. Glenir sempre teve muita facilidade com o microfone. As pessoas diziam que ele não podia ver um aparelho deste para seus olhos vibrarem como os de uma criança diante de um brinquedo sonhado.

Graças a esse seu dom, sempre era convidado a fazer apresentações das mais diversas. Ainda me recordo de sua alegria ao ter sido o mestre de cerimônia do lançamento de meu primeiro livro, em 2004, no salão da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, no Bairro Nova Gerty.

A outra vertente de Glenir foi sua missão como professor. Era também com imenso entusiasmo que executava essa tarefa. Foi mestre de nível médio em História Geral e lecionou no ensino superior durante dez anos, na Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul. Na mesma linha, foi diretor do Centro de Extensão Cultural da Universidade do Grande ABC (Uniabc) e assessor de imprensa da Faculdade Editora Nacional (Faenac), de São Caetano do Sul, e da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs).

Sua vida foi a mais eclética possível. Formou-se em Direito pela Universidade São Francisco, cursou pós-graduação em Direito Administrativo e se formou mestre em Direito Civil, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Atuou como juiz do Tribunal de Justiça Disciplinar Desportiva da Liga Sancaetanense de Futebol e, durante 15 anos, foi membro da Comissão de Festejos de São Caetano do Sul.

Casamento de Santarneckchi com Maria da Conceição dos Santos, realizado na Paróquia São Caetano em 6 de maio de 1972, tendo como celebrante o padre Olavo Paes de Barros

Na prefeitura sul-são-caetanense trabalhou durante 18 anos, exercendo funções como procurador judicial, chefe de gabinete do prefeito e diretor de comunicação. Foi presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e membro da Comissão Editorial da revista *Raízes*. Durante dez anos apresentou o programa *ABC Brasil*, pela TV São Caetano. Também colaborou por 15 anos com o antigo *Jornal de São Caetano*. Apesar de sempre trabalhar em São Caetano do Sul, acabou se aposentando após 16 anos atuando como especialista administrativo na antiga Eletricidade São Paulo S/A (Eletropaulo).

Quanto mais não se poderia escrever sobre uma pessoa que, como o Glenir, não parava nunca. Amante da leitura, pesquisador por natureza, um irrequieto cidadão. Descanse Glenir. Descanse meu padrinho. Tchau! 📖

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

É FORMADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, ESPECIALIZADO EM JORNALISMO E EM TEOLOGIA DA IGREJA CRISTÃ. ATUA NO CAMPO DA ASSESSORIA DE IMPRENSA, RESPONDENDO PELA COMUNICAÇÃO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ, ONDE É EDITOR DO JORNAL *A BOA NOTÍCIA*. MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO, É AUTOR DE SEIS LIVROS.



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Domingo Glenir Santarneckchi (o primeiro, à esquerda) acompanha visita de inspeção do senador por São Paulo, Carvalho Pinto (ao centro), em escola estadual, antes de sua inauguração. Aparecem, ainda, na foto: Oswaldo Samuel Massei (na época, deputado estadual), Oswaldo Martins Salgado (vereador), Hermógenes Walter Braido (então prefeito) e Nilo Ribeiro de Figueiredo (vereador). Foto de 1969



Acervo/FPMSCS

Durante ato de descerramento das bandeiras na frente da antiga sede da prefeitura, na Avenida Goiás, no ano de 1970, Glenir Santarneckchi (o terceiro, a partir da esquerda) aparece entre Sebastião Lauriano dos Santos, o jornalista Humberto Pastore e Luiz Crepaldi



Nesta foto de 1998, Santarneckchi (de terno claro) aparece na bancada do programa *ABC Brasil*, exibido pela TV São Caetano

VOCÊ SABE QUEM FOI?


Acervo/PPMASC

OCTÁVIO TEGÃO

Octávio Tegão. Foto da década de 1920

Patrono da Escola Municipal de Educação Infantil localizada na Rua Capivari, nº 627, no Bairro Mauá, Octávio Tegão nasceu em Rio das Pedras (SP), no dia 20 de setembro de 1898. Veio para São Caetano na década de 1920 e aqui trabalhou durante 40 anos, no Cartório de Registro Civil e Anexos, tornando-se escrivão. Foi vereador na segunda legislatura, em 1953, tendo renunciado em 2 de maio de 1956.

Foi um grande incentivador do teatro amador, ator e autor, e presidente do São Caetano Esporte Clube. Participou, como sócio-fundador, da Sociedade Portuguesa de Beneficência, do Hospital São Caetano e também do Lions Clube de São Caetano do Sul – Centro (1955). Faleceu em 5 de julho de 1966.


Acervo/PPMASC

NELLY PELLEGRINO

Nelly Pellegrino ainda jovem, em foto da década de 1920

Rua muito conhecida em São Caetano do Sul, extensa, comercial e residencial, abrange dois bairros: Mauá e Nova Gerty. Quem dá nome à rua é Nelly Guilhermina Akesson Pellegrino. Nasceu na Suécia em 3 de junho de 1910, vindo para o Brasil com 11 anos de idade. Casou-se com o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito da cidade, eleito em 1949.

Como primeira-dama (3 de abril de 1949 a 3 de abril de 1953), Nelly sempre esteve ao lado do marido liderando obras sociais, em um momento difícil, quando São Caetano acabara de tornar-se autônoma. Em 1949, Nelly Pellegrino foi presidente de honra de uma campanha de Natal, beneficiando mais de 2 mil crianças da cidade. Passou muitos anos adoecida e faleceu jovem, aos 43 anos de idade, no dia 26 de junho de 1953.



Azeredo/PMSCS

MARINA GIACOMINI

Marina Giacomini
em foto de 1915

A pequena rua, de apenas uma quadra, que faz ligação entre as ruas Floriano Peixoto e Piauí, no Bairro Santa Paula, homenageia Marina Giacomini, que produzia carvão, criava animais e cultivava frutas em sua propriedade.

O casal Giovanni Giacomini e Marina Benedetti Giacomini, os filhos Urbano, de 8 anos, Augusta, de 6 anos, e Luigi, ainda bebê, chegaram a São Paulo no dia 31 de maio de 1888. Eram todos originários de Udine, região italiana da Venezia - Giulia. Após perderem os dois filhos mais velhos, mudaram-se para São Caetano. Aqui tiveram mais seis filhos: Teresa Antônia, Rosa Maria, João Urbano, Ana Luíza, Ângela Assumpta e Domingos Luiz. Giovanni faleceu em 1908.

Marina era proprietária de um grande terreno que se localizava onde hoje estão as ruas São Paulo, Wenceslau Brás, Nossa Senhora de Fátima, Doutor Augusto de Toledo e Piauí. Em 21 de dezembro de 1928, quando parte do Bairro Santa Paula era conhecida como Villa Elekeiroz, fez uma doação para a Mitra Arquidiocesana de um terreno de 20mx50m, na Rua Piauí, sob condição expressa de nele ser construída uma igreja. Conta-se que, em 1928, foi fincada uma grande cruz no local, chamada de Cruzeiro pelos moradores. Em 1952, foi construída a Capela Joana D'Arc, dando lugar, em 1959, à Igreja São João Batista.



Azeredo/PMSCS

NAIR SPINA DE BENEDICTS

Nair Spina de Benedicts flagrada pelo *Jornal de São Caetano* durante inauguração do posto de saúde, em 1956

Na Rua Oswaldo Cruz, nº 1153, no Bairro Oswaldo Cruz, encontra-se a Unidade Básica de Saúde (UBS) Nair Spina de Benedicts. Foi inaugurada no Dia das Mães, em 13 de maio de 1956.

Nair Spina de Benedicts era casada com o empresário Vicente Orlando de Benedicts, empresário de São Caetano que doou a importância necessária para a construção do, assim chamado na época, posto de puericultura. Foi a segunda unidade de saúde instalada na cidade.

Benedicts estabeleceu sua primeira empresa em 1946, na Rua Manoel Coelho. Era uma pequena fábrica de vidros chamada Cristaleria Sul América Ltda. Em 1951, adquiriu a Cristaleria Americana Ltda, dando passos cada vez maiores na sua carreira empresarial. Na cidade de Porto Ferreira, interior paulista, fundou e construiu a Fábrica de Vidro Plano. Na década de 1950, com uma próspera carreira em constante ascensão, mudou-se para São Paulo. Sempre foi um homem voltado para as obras filantrópicas.

José de Souza Martins

Os gêmeos da índia Domingas – S. Caetano, 1781

No dia 29 de outubro de 1780, um domingo, o Mosteiro de São Bento, da cidade de São Paulo, comprou oito libras de carne para a índia administrada Domingas, de São Caetano. O que correspondia a 3,680 kg. No caso, como evidencia a sequência de informações sobre Domingas, essa carne era para sua alimentação terapêutica. Sendo para uma única pessoa, a quantidade de carne era grande, mais de três quilos e meio, para vários dias de consumo.

Como era um produto deteriorável, na época, em São Paulo, costumava-se moquear a carne para conservá-la. Uma anotação de junho de 1759, quando foram gastos 80 réis, pouco menos de um tostão, na compra de “lenha para se moquear uma pouca de carne, em S. Caetano”, refere-se a uma técnica indígena de conservação da carne, por meio da qual era ela desidratada no moqué, variante da técnica de produção do que hoje conhecemos como carne de sol. Quando fazia pesquisa na Amazônia, nos anos 1970, vi, num povoado da margem do Rio Araguaia, um animal ser abatido de manhã, retalhado, e as peças expostas ao sol quentíssimo sobre o telhado de uma casa para ficarem completamente desidratadas. No fim do dia, já estava pronta a carne de sol.

Extensa área da localidade era ocupada pelo charco do Tijucuçu, que quer dizer “barreiro grande”, beneficiado, em meados do século 18, com a abertura de canais de drenagem, pelos escravos de São Caetano. Desses canais há rema-

nescentes canalizados e enterrados no centro da cidade. Um deles tem início pelos lados da Rua Luís Gama, acompanha a encosta da Avenida Goiás, cruza a Rua Santa Catarina, paralelamente à Rua João Pessoa, cruza a Rua Manoel Coelho, aflora na faixa da Eletropaulo, cruza a Rua Pernambuco, onde foi a Fábrica de Louças Adeline. Originalmente, atravessava o que é hoje o leito da ferrovia em direção à atual Praça Ermelino Matarazzo. Ali irrigava os jardins, a horta e o pomar, para desaguar no atual Rio dos Meninos.

O Tijucuçu abrangia região vasta na planície do atual Rio Tamandateí: delimitada pelo rio; pelo seu afluente, o Rio Muiguera, atual Córrego do Moinho, em cujas margens se abriu a Avenida Presidente Kennedy; pelo Rio Itinga, atual Córrego Tingá, hoje canalizado e ladeado pela Avenida Fernando Simonsen, afluente do atual Rio dos Meninos; até o ribeirão do Moinho Velho, em São Paulo, que lhe é paralelo, ladeado pela Avenida Tancredo Neves, afluente da margem esquerda do Rio Tamandateí. E, na sua margem direita, pelo Ribeirão da Mooca e pelo Caminho Velho do Mar, atual Rua Ibitirama, até a várzea entre a encosta do morro e o rio. Era uma área fria e úmida, de muito vento, canalizado pelo vale do mesmo Rio Tamandateí, que soprava de leste para oeste. Como se depreende de dois documentos e testemunhos dos séculos 18 e 19, em São Caetano moquear a carne ao fogo era uma alternativa para o Sol insuficiente e a umidade excessiva.

Já se sabia que Domingas estava grávida de três meses, e que era gravidez diferente da normal, como se confirmará mais tarde. Pouco mais de um mês depois, no dia 3 de dezembro, outro domingo, a compra foi de “meia quarta de manteiga para ajuda de Domingas”. Onze dias mais tarde, no dia 14, uma quinta-feira, a ajuda de Domingas foi de manteiga do reino.

Tanto podia ser manteiga para dieta alimentar quanto para uso como remédio, como se vê numa anotação de outubro de 1763, quando se gastou dois vinténs na compra de “uma libra de unto sem sal para remédio de Joana, de S. Caetano”, pouco menos de meio quilo. Provavelmente, gordura para untar, massagear.

Joana nascera em 1729, tivera um parto em 1760, um aborto em 1762 e agora, em 1763, estava tendo uma gravidez difícil. Um de seus filhos, libertado, lhe comprará a liberdade em 1810, por 32 mil réis, quando ela terá 81 anos de idade. Por ter preço, vê-se que era negra de origem africana porque escrava-mercadoria, diferente dos índios administrados, que não eram, não podiam ser comprados nem vendidos.

Consequentemente, o filho também fora escravo porque havia nascido de ventre ca-

tivo. Lograra, porém, abrir uma brecha na sua escravidão muito provavelmente por meio de um costume: o da permissão para que o escravo, em domingos e dias santos de guarda, fizesse em terras de seu senhor seu próprio roçado, cujos produtos podia vender em proveito próprio. Não são raras as notícias de escravos que obtiveram alforria por esse meio. Alternativa a esse modo de sair da escravidão era a alforria concedida pelo senhor do escravo. O que no período colonial não foi tão frequente quanto seria na segunda metade do século 19, quando a escravidão já estava em crise, sobretudo porque se tornara antieconômica. E, claro, a complicada alternativa da fuga. O que não era o caso do filho de Joana, pois se apresentou pessoalmente aos senhores de sua mãe para pagar por sua liberdade. Comprou-a.

A manteiga, sendo “do reino”, era importada de Portugal, como a aguardente do reino, algumas vezes enviada a São Caetano. Era esta feita a partir da fermentação da borra e da casca da uva, após a fabricação do vinho. Vendida nas boticas, as farmácias da época, como o açúcar medicinal. Diferente da aguardente da terra, de cana de açúcar, fabricada aqui mesmo, que era empregada tanto para remédio da gente

de São Caetano como para bebida de aquecimento em dias de friagem ou de trabalho em condições úmidas. No século 18, ocorrem referências ao fornecimento de aguardente da terra para os barqueiros da frota de canoas de São Caetano, que, no geral, eram índios administrados.

Um dos casos foi o da compra de “meia medida de aguardente para a gente que tirou a canoa do fundo d’água e a telha”, em março de 1763, quando do naufrágio da canoa com produtos da fábrica de São Caetano. A profundidade do rio variava de 1m40cm a 4 metros. Os produtos estavam sendo transportados para um depósito no Porto Geral de São Bento, no Rio Tamanduateí, ao pé do Mosteiro. Porto Geral de que se tinha acesso aos fundos do Mosteiro através de uma ruela que subia a encosta das margens do rio até a Rua da Alegria, atual Rua Florêncio de Abreu. Porto distante do ponto em que incide, em nossos dias, a atual Ladeira Porto Geral, na Rua 25 de Março, aberta sobre o leito aterrado do rio.

As despesas com aguardente para a gente de São Caetano eram mais frequentes no tempo das chuvas, entre dezembro e fevereiro, e no tempo do frio, entre abril e julho. Foi o que aconteceu em abril

de 1761, quando o padre-gastador anotou que se tratava de aguardente “para os tiradores da pedra do rio e por fazer frio”. Nesses períodos do ano, não se indicava nominalmente o destinatário da bebida, o que faz supor que não era para remédio. Quando o nome ou a função do destinatário, escravo, administrado ou livre, preto, índio ou branco, era indicado, na documentação aqui referida, especialmente fora desses períodos, no geral se tratava de aguardente para fim medicinal. Se escravo, quase sempre aguardente da terra. Se índio administrado, em função de relevo na divisão do trabalho, como a do feitor dos escravos, podia ser aguardente do reino até para mero consumo recreativo, como se dirá hoje. As aguardentes, como alguns alimentos, estavam relacionadas com a hierarquia social, o que era bem claro no caso da gente de São Caetano.

Durante largo tempo, as compras e remessas de aguardente para São Caetano e outras fazendas ainda são registradas como “água ardente”, como nesta anotação de despesa de março de 1769: “em água ardente do Reyno, [e] da terra”. Em fevereiro de 1766, aparece uma primeira referência à compra de “CazaSsa” (*cachaça*), o que parece indicar a disseminação senão de palavras de origem africana, de uma palavra dita com um sotaque africano. O nome, escrito como se pronunciava, o sugere. Não há aí nem som da língua portuguesa nem som da língua nheengatu, a língua geral dos indígenas e mamelucos, língua cotidiana e doméstica da população de São Paulo nessa época. A língua portuguesa era basicamente língua dos escritos oficiais das instituições de governo. O português era a língua das atas e dos registros da Câmara e da Justiça, das cartas de sesmaria e da correspondência oficial. Azevedo Marques cita um documento relativo a uma oitiva na justiça em que, para ouvir o réu, teve o juiz que solicitar a presença de

um intérprete. O paulista Domingos Jorge Velho não falava português, só língua geral. Na conquista do Quilombo de Palmares, precisou de intérprete para conversar com autoridades. Antonio Candido cita um testemunho de seu amigo Pio Correa, cuja avó, em Itu, no começo do século 20, ainda falava nheengatu.

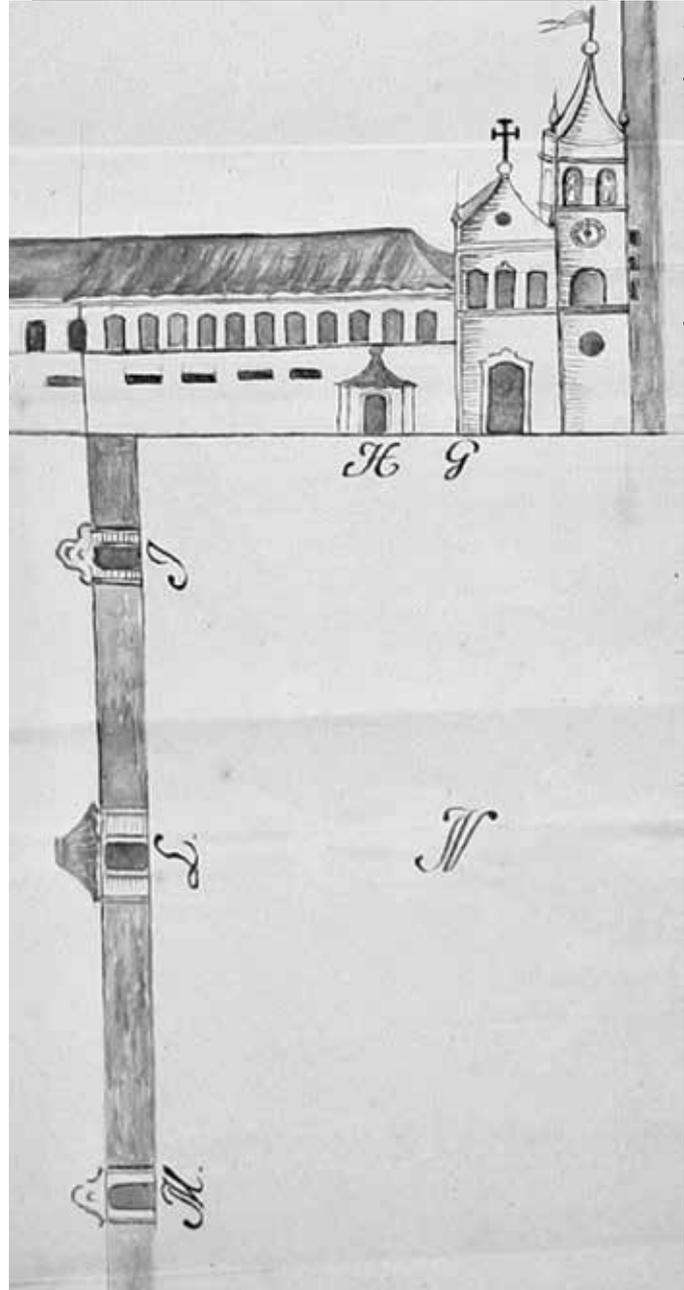
Em maio de 1775, uma quinta-feira, três vinténs são gastos na compra de “meia medida de caxaSsa (*cachaça*) para Antônia, parida, em S. Caetano”. Indício de uma relutância de pronúncia do nome da bebida, ainda não fixado definitivamente em “cachaça”, mas já em grafia de língua portuguesa. Cachaça era nome diferente que designava uma variedade inferior e mais forte, peculiar, de aguardente de cana. Cachaça, hoje, é o nome genérico dessa aguardente. Tornou-se chique usar a palavra vulgar, que foi própria da cultura dos escravos, para folclorizar e tradicionalizar a desenraizada e postiça cultura da classe média atual e insinuar identificação com os desvalidos do passado, acima das raças e das classes sociais, o que é estranho numa sociedade como a nossa, que ainda discrimina pela origem racial. Trata-se de uma usurpação cultural, de gente que não sabe a diferença entre cachaça, pinga e aguardente, resultantes de diferentes graus de destilação e pureza.

Nas anotações do padre-gastador, a cachaça aparece expressamente classificada no gênero “aguardente”, mas distinta do que essa palavra designava. A própria dificuldade do padre-gastador para grafar a palavra em duas ocorrências, na distância de quase dez anos entre uma e outra, indica palavra de circulação rara entre os brancos e mesmo recente. Coincide com os anos iniciais da disseminação da escravidão negra em São Paulo, no século 18, decorrente da expansão da agricultura comercial de cana para produção e exportação de açúcar.

Produtos como a aguardente do reino eram mais caros porque eram importados, de difícil conservação, mas também pelas enormes dificuldades para trazê-los de Santos até São Paulo. Eram de três a quatro dias de viagem na subida da serra, em lombo de mula ou, mesmo, em lombo de escravo, ainda tratado como semovente, o que encarecia o frete, palavra que já se usava. Pela época da gravidez de Domingas, ainda não havia sido construída a Calçada do Lorena (1790-1792), a primeira estrada pavimentada das Américas, obra do Real Corpo de Engenheiros, que reduziria para dois dias a viagem das tropas de transporte de Santos para São Paulo. Desde então, tornou-se até possível sair de lá de madrugada e chegar a São Paulo na tardinha do mesmo dia, como aconteceu com o Príncipe Dom Pedro, no dia da proclamação da independência, mesmo com as paradas do futuro imperador, acometido por uma indisposição, o que foi registrado nas anotações do Barão de Pindamonhangaba, um membro de sua comitiva.

Muito curiosa uma referência, de maio de 1762, à compra, pelo Mosteiro, por um tostão, de “meia medida de aguardente de milho para remédio da negra Serafina”. Não era uma escrava de São Caetano. Aguardente de milho verde ou milho maduro e mastigado, da saliva derivando as enzimas para libertar o açúcar e permitir a fermentação, é o cauim indígena ou uma sua variante.

Quando fosse o caso, os escravos das fazendas, como os do Mosteiro, eram tratados pelos monges na enfermaria, então mantida no Largo de S. Bento, com fundos para o Vale do Anhangabaú, aproximadamente entre o lugar em que é hoje o Viaduto Santa Efigênia e o começo da Rua Líbero Badaró. Enfermaria cuja entrada é indicada numa planta de 1787, enviada de São Paulo ao Mosteiro de Tibães, em Portugal. Numa descrição dessas instalações, vê-se que cuidados especiais de iluminação, ventilação e lim-



Largo de São Bento, em São Paulo, em janeiro de 1787. A letra “L” assinala a entrada da enfermaria dos escravos, com fundos para o Vale do Anhangabaú

peza foram tomados na arquitetura da obra. Uma segregação sanitária protetiva da enfermaria em relação aos recintos de uso cotidiano do Mosteiro.

Os cuidados dispensados à índia Domingas não eram comuns nem com as escravas nem com as índias administradas. O mistério se desfez no dia 15 de março de 1781, uma quinta-feira, quando o padre-gastador do Mosteiro anotou no Livro da Mordomia ter pago Rs. 1\$200, um mil e duzentos réis, na compra de “três côvados de baeta vermelha para dois gêmeos que pariu a administrada Domingas, de S. Caetano.” Era usual mandar entregar às escravas negras e às administradas indígenas da Fazenda, quando pariam, um côvado desse tecido para que fossem feitos os cueiros dos recém-nascidos. Sempre de cor vermelha, para afastar o mau olhado, considerado mortal para criancinhas. Neste caso, o que chama a atenção é que a Domingas foi enviado mais tecido do que usualmente se comprava no nascimento dos filhos de escravas e índias da Fazenda. Mas não era raro o fornecimento de dois côvados de pano, eventualmente três. Os gêmeos de Domingas, no entanto, receberam a média de côvado e meio cada um.

Côvado era medida antiga, correspondente à distância do cotovelo à ponta do dedo mais longo. Convencionalmente, correspondia a 68 centímetros. Cada recém-nascido recebia de tecido, portanto, o suficiente apenas para seus primeiros cueiros. Baeta era designação do tecido pelo tipo e forma da trama, em diagonal, geralmente de lã, mas também podia ser de algodão. Ao longo de um século, entre o final do século 17 e o final do século 18, as escravas negras e as índias administradas de São Caetano, quando pariam, recebiam um conjunto de bens, quase sempre o mesmo: baeta para os cueiros da criança; e, para a mãe, uma galinha ou duas em dias sucessivos, aguardente e, eventualmente, farinha. Aguardente, quase sempre como remédio. A índia Domingas não recebeu esse conjunto. A

anotação do padre-gastador diz expressamente que a baeta era “para dois gêmeos que pariu a administrada Domingas, de S. Caetano.” E só. Na pesquisa que fiz para elaborar o rol dos escravos e servos de São Caetano, entre 1798 e 1815, não encontrei o nome de Domingas, período em que ainda podia estar viva.

Essa anotação do Livro da Mordomia, mais os cuidados especiais que ela recebeu durante a gravidez, aparentemente fora do costumeiro, podem ser indicativos de que não sobreviveu ao parto. A falta do conjunto de itens de tradição é seu indício mais forte.

Aparentemente, Domingas não tinha marido. Na remessa dos itens relativos aos partos de escravas e de índias administradas, há um detalhe significativo. A remessa era feita ao pai, nominalmente mencionado, como neste outro caso: em 25 de outubro de 1758, uma quarta-feira, o padre-gastador anota: “meia medida de aguardente para a mulher do Vitório, que pariu em S. Caetano”. No dia seguinte, anota estas despesas: “mais, para galinhas da mulher do Vitório, que pariu” e “mais um côvado de Baeta para o filho do Vitório, que nasceu em S. Caetano”. O nome da mãe da criança não é mencionado. A regra se confirma numa nota sobre despesas de provimento, de junho de 1759, um domingo, “dois côvados de baeta, um para o filho do Maurício, que nasceu em S. Bernardo, outro para o filho do Félix, que nasceu em S. Caetano”.

Em agosto de 1760, porém, numa terça-feira, são enviadas “duas galinhas para Joana, de S. Caetano, que pariu; um côvado de baeta para cueiros do filho da dita; meia medida de aguardente de cana para a dita.” Dois meses depois, na última semana de outubro, numa sexta-feira, o padrão se repete: “um côvado de baeta para o filho de Lourença, de S. Caetano, que nasceu; (...) duas galinhas para a dita; (...) meia medida de aguardente de cana para a mesma”. Nos dois

casos, citada a mãe e não o pai. A priorização do nome do pai retorna em dezembro de 1761, quando se compra “meia medida de aguardente de cana para a mulher de Antonio, de S. Caetano, que pariu; (...) duas galinhas para a dita; (...) um côvado de baeta para cueiros da criança”. As duas orientações indicam a validade de uma mesma regra: a precedência paterna na indicação da filiação, substituída pela indicação da mãe quando o pai fosse desconhecido ou, possivelmente, não reconhecido. O historiador Frei Gaspar da Madre de Deus, que foi Provincial da Ordem de São Bento, mandou, em 1768, “revalidar numerosos casamentos de escravos, por lhe parecer que não haviam sido realizados de acordo com as prescrições da Igreja”. Em março de 1769, o Abade Frei Ângelo do Sacramento relata que no seu triênio, em São Caetano, “casaram-se alguns escravos nesta fazenda”. E, mais adiante, que na Fazenda de São Bernardo, “casaram-se, também, nesta fazenda, “alguns escravos que achavam-se solteiros”. O que dá sentido ao envio dos provimentos necessários à mãe e à criança em nome do pai e só na falta dele no da mãe. Sempre se poderá argumentar que os casos de indicação do nome da mãe e não o do pai talvez fossem casos de viuvez da mulher. No entanto, a frequência e a regularidade dos casos não robustecem essa hipótese. Parecem, antes, indicação de critério e de costume culturalmente estabelecido.

Há aí indícios de valorização da instituição da família de concepção portuguesa e católica como uma referência imaginária de organização social, também para os cativos. Ainda em 1729, em arrolamento do Donativo Real, os 119 mestiços de índios da Borda do Campo eram definidos como “bastardos”, pai branco e mãe indígena. Indicação de mestiçagem aleatória e de paternidade ilegítima. Mas não só. Todos agrupados num único item, diferentes do restante dos arrolados, que foram indicados pelo nome do chefe da família,

o grupo familiar devidamente identificado pelos vínculos de parentesco, agregação, servidão e escravidão. Bastardos eram os que não contavam, os impuros de sangue, que, por isso, não tinham renda, os pobres da época: o Donativo Real era tributo para cobrir as despesas com os casamentos dos príncipes e princesas da casa real.

O cuidado na designação do pai ou, alternativamente, da mãe dos nascidos em São Caetano no século 18, sugere o enquadramento dos nascimentos numa estrutura familiar apenas suposta. Mesmo que, em face da realidade, não correspondesse necessariamente às concepções de parentesco e de hierarquia social de africanos e de indígenas, que eram antropológicamente outras. No estudo sobre seus antepassados escravos em São Caetano, em *Dietário dos Escravos de São Bento*, o historiador Luiz Gonzaga Piratinin-ga Jr. acentua a importância social e ritual da tia solteira, mãe complementar e matriarcal, uma espécie de madrinha, na organização da família escrava na fazenda beneditina. E nas sociedades indígenas, ainda hoje, um tio tem a função de pai eminente em relação aos filhos de sua irmã. A concepção avuncular era um traço decisivo na cultura familiar dessas populações de organização matrilinear. É possível que a procriação à margem da estrutura familiar dominante se explique por essa estrutura parental paralela, dominada por outra organização da família.

Só dez anos depois, em dezembro de 1771, numa quinta-feira, surge nova anotação de despesas relativas a nascimento, feitas com a compra de “um côvado de baeta, seiscentos réis, para uma criança, filha de Teresa, em S. Caetano; (...) duas galinhas para a dita; (...) uma medida de aguardente”, num total de quase um mil réis. E, em maio de 1778, o provimento reduzido ao gasto “por um côvado de baeta para a filha [do] João, em S. Caetano” permite compreender, à luz dos gastos excepcionais com a gravidez da índia Domingas, que as despesas com

determinados partos de escravas e de índias administradas, embora seguissem um padrão quanto à filiação da criança que nascia, não eram propriamente a regra. Os nascimentos silenciados nos registros do padre-gastador seguiam as providências comuns da procriação normal que eram costumeiras na roça. O que sugere que os gastos em dinheiro para essa finalidade correspondem a situações excepcionais.

Uma economia oculta à contabilidade do Mosteiro de São Bento, a da produção direta dos meios de vida ou de formas extra-monetárias de obtenção do necessário à vida do dia a dia, predominava sobre a economia monetária e com ela se combinava. A lógica e a mentalidade que presidiam a economia eram contábeis, mas o sistema econômico não o era. A alimentação da gente do Mosteiro e das fazendas procedia da produção de mandioca e farinha de mandioca em São Bernardo. Em São Caetano, também se produzia farinha de mandioca. Um desses produtores foi o índio administrado Marcos Bueno da Conceição, feitor dos escravos, que o fazia numa ilha do que é hoje o Rio dos Meninos. Na Fazenda de São Caetano se produzia, também, feijão, milho, verduras, arroz, frutas. E ainda pinhão em grande quantidade para fabricação do azeite utilizado na iluminação. Nada disso entrava nas contas de gasto do Mosteiro.

Tratava-se de uma economia de minimização de custos monetários, mesmo os custos do trabalho. Nas despesas em dinheiro contabilizadas com a alimentação, o vestuário e a saúde de escravos e de índios administrados, com os salários de oficiais dos vários ofícios e do feitor dos escravos de São Caetano, o que temos são os indícios fortes da emergência no interior do regime escravista do trabalho não apenas como servidão a um senhor, mas como custo de produção, como fator econômico parcialmente mediado pelo dinheiro. Sujeito de contabilidade a partir do século 17.

Daí resulta a lenta gestação de uma nova realidade do trabalho e das relações laborais,

que deixa o resíduo de um germe do homem livre que a Ordem de São Bento reconhecerá na abolição da escravatura de setembro de 1871. Gestavam-se concepções de trabalho, que era formalmente servil, regulado, porém, por duas ordens diversas de direito, a do escravo africano e a do índio administrado. Uma divisão social do trabalho determinada por uma mediação e diferenciação étnica. A documentação sobre São Caetano é rica em evidências dessa complexidade da escravidão, especialmente no século 18.

Pelas frestas dessa economia combinada, escapavam indícios de uma economia mercantil apoiada na escravidão e de uma escravidão diversificada e permeada por relações sociais, mentalidade, regras de conduta extra-escravistas. A escravidão era socialmente decisiva, mas nem tudo no sistema escravista era, propriamente, escravidão. Escapavam, também, evidências das diferenças legais e de costume no trato de escravos negros e servos indígenas. Numa sociedade estamental como a daquela época, em que cada um sabia e tinha de saber qual era o seu lugar na estrutura social, era como se fossem duas humanidades diferentes. De fato definidas por culturas diferentes, compreensões diferentes do próprio lugar social e das regras de tratamento dos iguais e dos diferentes. Para compreender a história social da São Paulo de então, e sua peculiar singularização no que era o bairro de São Caetano, é preciso levar em conta essas minúcias da organização social, seu cotidiano e seus gestos e palavras de deferência, mesmo em relação aos que viviam sob sujeição. **R**

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

É SOCIÓLOGO, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, PROFESSOR EMÉRITO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP. ENTRE OUTROS LIVROS, AUTOR DE *DIÁRIO DE UMA TERRA LONTANA* (FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL), *A SOCIABILIDADE DO HOMEM SIMPLES* (CONTEXTO) E DE *O CORAÇÃO DA PAULICEIA AINDA BATE* (EDITORA DA UNESP/IMPRESA OFICIAL).

de pijama e fechado em seu quarto, para onde se recolhera a fim de que pudesse descansar um pouco, o presidente dera em seu próprio peito o tiro de revólver que o fazia agonizar. Na mesinha de cabeceira, junto ao corpo, estava a cópia de uma carta com a assinatura do presidente: a carta-testamento de Getúlio Vargas.

Escolhido pelo voto popular nas eleições gerais de 3 de outubro de 1950, como candidato do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o presidente Vargas encontrava-se em situação bastante aflitiva desde o início do fatídico mês de agosto de 1954. Uma crise política sem precedentes foi aberta em decorrência do assassinato do major Rubens Florentino Vaz, da Aeronáutica, num atentado comandado (segundo investigações) pelo chefe da guarda pessoal do presidente, Gregório Fortunato, contra o jornalista Carlos Lacerda, grande inimigo político de Vargas. O “Atentado da Rua Tonelero”, como ficou conhecido, foi eficazmente manobrado pela oposição (a UDN, União Democrática Nacional) a fim de que a responsabilidade pelo crime recaísse sobre o presidente da República. A partir daí, uma campanha pela renúncia de Vargas ganhou o Congresso, a imprensa e as ruas.

O suicídio foi um gesto dramático de um homem acossado há muito por dúvidas existenciais, apesar da imagem que dele se firmou, sobretudo após sua morte, como a de um político hábil e estrategista. Foi também o grande e último gesto político de Vargas, que desencadeou uma expressiva mobilização popular nas grandes cidades, colocando os opositores (principalmente as lideranças udenistas, com Lacerda à frente) em posição muito difícil.¹

Mas não só nas grandes cidades. O tiro que matou Getúlio Vargas, na capital do país, ecoou numa zona suburbana como era então a cidade de São Caetano do Sul, que há pouco havia sido elevada à condição de município (1948)

e que precisava se estruturar como tal – estando às voltas com problemas básicos de infraestrutura, saneamento e insuficiência dos serviços ofertados à população nas áreas primordiais de saúde e educação. Era o tempo da administração de Anacleto Campanella (1953-1957), segundo prefeito eleito pelo povo da localidade.²

Getúlio Vargas era uma presença viva, mesmo que distante, na São Caetano daquela época. Especialmente por se tratar de um subúrbio operário. Em 1941, ele viera para cá inaugurar o amplo e moderno setor de refratários da Cerâmica São Caetano, montado por Roberto Simonsen para garantir o fornecimento contínuo de peças de reposição para os altos-fornos da Usina de Volta Redonda (RJ). José de Souza Martins, filho da cidade e hoje importante sociólogo, que trabalhou na fábrica durante parte de sua juventude, legou-nos um belo relato testemunhal daquela que foi a “última manhã de Getúlio”. Para os trabalhadores, ele não era apenas o presidente da República, posto em patamar inalcançável, mas era também um homem simpático e sorridente que muitos se lembravam de ter visto de perto e cumprimentado, quando de sua visita à fábrica, inaugurando a Divisão de Refratários. Esse novo setor, aliás, era reconhecido em sua importância pelos que trabalhavam na Cerâmica, tendo em vista a oportunidade de ofertar postos de trabalho às novas gerações, seus filhos e netos. Daí que o dia 24 de agosto fosse por eles sentido com espanto e, ao mesmo tempo, com sincero sentimento de pesar:

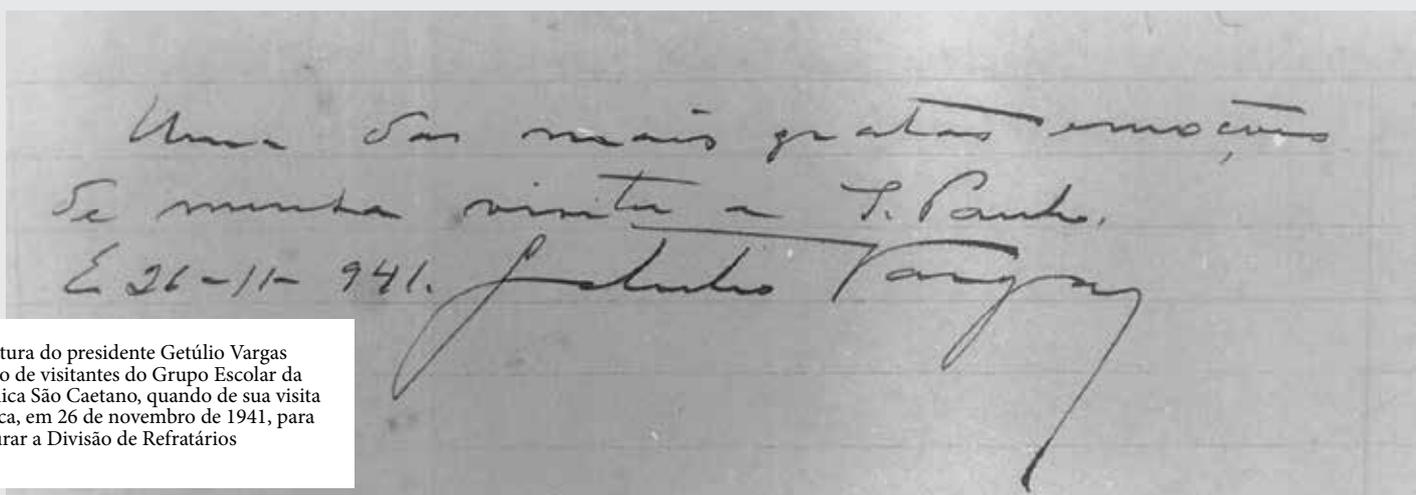
Sabia-se apenas, naquela manhã, dentro da fábrica, a versão sumária do acontecido: o presidente Getúlio Vargas estava morto. Não havia rádio na fábrica. Se alguma coisa acontecesse fora dos muros durante o horário de trabalho, só se ficava sabendo se alguém viesse de fora no meio-tempo ou quando chegasse a hora do almoço e começasse o sai e entra próprio daquela hora.

Mas não havia detalhes nem mesmo de como aquela espantosa morte ocorrera. A fábrica seguiu sua rotina, a notícia se espalhando de boca em boca ao longo da manhã. Aos poucos, uma certa perplexidade foi deixando a todos lentos, quase paralisados, sem saber o que fazer. Não tinha cabimento trabalhar em face daquela morte que atingia a todos. Era como se um membro da família tivesse morrido, um companheiro de fábrica, o pai de todos; na verdade, a poderosa e persistente figura imaginária e antiga do pai da pátria, o último e mais autêntico deles. Dali em diante seria a orfandade política definitiva.³

Getúlio fazia parte do imaginário dos trabalhadores da Cerâmica São Caetano, assim como o “getulismo” era predominante nos meios operários do ABC. Para estes, Getúlio Vargas encarnava a figura do “pai dos pobres”, o protetor dos trabalhadores, o homem que promovera os direitos



Getúlio Vargas diante da Matriz Sagrada Família, na Praça Cardeal Arcoverde, em campanha eleitoral para as eleições de 3 de outubro de 1950. Em São Caetano do Sul, Vargas seria o candidato à Presidência da República mais votado naquele ano, obtendo cerca de 85% dos votos válidos

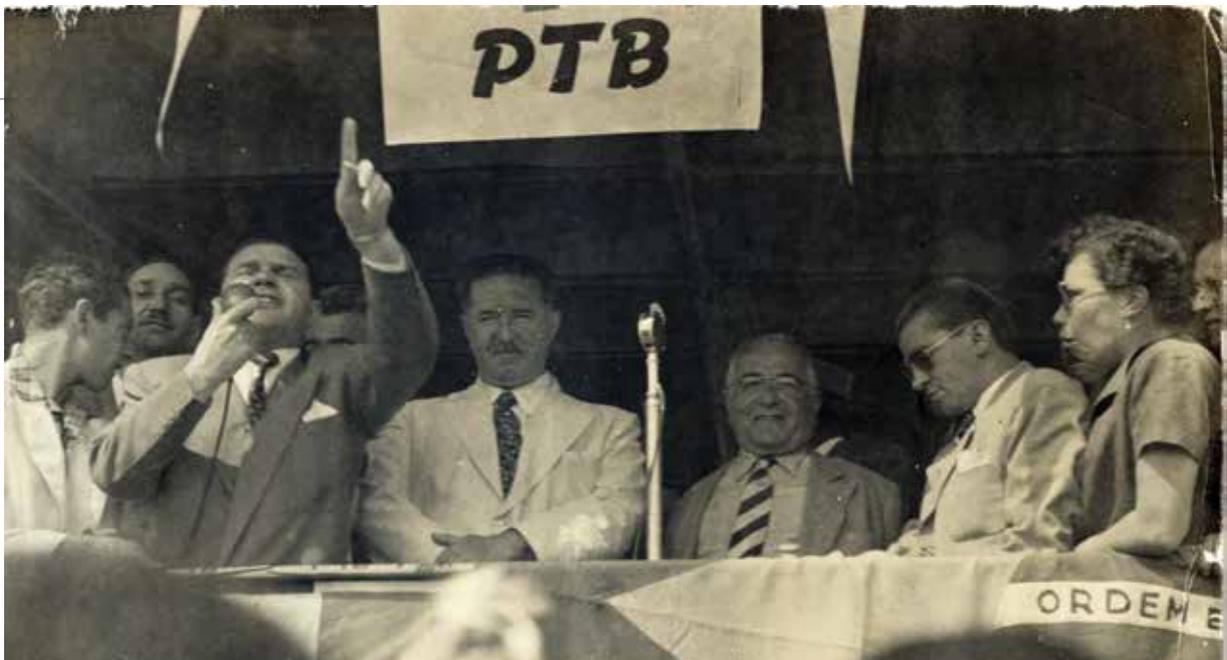


Assinatura do presidente Getúlio Vargas no livro de visitantes do Grupo Escolar da Cerâmica São Caetano, quando de sua visita à fábrica, em 26 de novembro de 1941, para inaugurar a Divisão de Refratários

sociais, especialmente os trabalhistas, com iniciativas práticas, como a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1º de maio de 1943. Além disso, no ambiente político-partidário da cidade a sua figura se fazia sentir como instrumento de disputas, tornando-se alvo de interesses políticos, desejosos não só de se aproveitarem do prestígio do presidente, sobretudo entre as classes

populares, como também de obterem dele melhorias ou investimentos para serem canalizados ao desenvolvimento de São Caetano do Sul.

Vargas tomou o poder, no Brasil, por meio de um golpe de Estado que o conduziu à Presidência da República, no episódio que ficou conhecido como “Revolução de 1930”. E permaneceria no poder durante os próximos 15 anos,



Acervo/PMASCS



Acervo/PMASCS

Comício do PTB em São Caetano do Sul, realizado em 17 de setembro de 1950. No palanque, vê-se o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, à direita de Getúlio Vargas, candidato à Presidência da República

chefiando um Governo Provisório (1930-1934) e Constitucional (1934-1937) e assumindo, por meio de novo golpe, um governo ditatorial que se intitulou Estado Novo (1937-1945). Em setembro de 1950, Vargas passaria por São Caetano do Sul e pela região do ABC em campanha eleitoral. Disputando as eleições presidenciais daquele ano, como já foi mencionado, ele seria reconduzido ao cargo com 48,7% dos votos, ficando em segundo lugar o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN (29,7%), e em terceiro o candidato do Partido Social Democrático (PSD), Cristiano Machado (21,5%).⁴ No município de São Caetano, Vargas alcançou uma votação muito

expressiva, circundando 85% dos votos válidos: 8.713 votos, contra 1.133 dados a Eduardo Gomes e 302 a Cristiano Machado.⁵

Havia também um núcleo petebista na primeira Câmara Municipal eleita pelo povo da cidade (1949-1953). Esse núcleo cresceu em importância devido à adesão de outros vereadores no decorrer da legislatura, como apontou um artigo publicado no *Jornal de São Caetano* em 9 de agosto de 1952. Compunham a bancada do PTB, pelo qual foram originalmente eleitos, Oswaldo Samuel Massei (líder da bancada), Alfredo Rodrigues e Victorio Marcucci. Ingressaram nela posteriormente, tornando-a bancada majoritária na Câmara, os vereadores Antonio Barbosa da Silva, Antonio Dardis Netto, Antonio Moreno Rodrigues, Genesio Carlos Alvarenga, Giacomo Garbelotto Netto e José Ollanda.⁶ O ano de 1952 era de eleições municipais em São Caetano do

Sul e o candidato petebista, opositor da administração Campanella, era Massei, que, naquele contexto, procurava explorar politicamente a sua condição de líder do PTB local para nutrir boas relações com o líder máximo do partido em nível nacional, o presidente da República.

Segundo o periódico referido acima, o vereador Massei visitara o presidente Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, em meados do ano de 1951, com o objetivo de trazer melhoramentos importantes para a cidade de São Caetano, os quais dependiam, essencialmente, do governo federal. Em novembro de 1952, Massei fazia nova visita ao chefe de Estado com propósito similar: trazer benefícios à cidade que representava como vereador e, já então, como candidato à prefeitura municipal. O principal assunto dizia respeito à solicitação de um empréstimo para a “solução completa do problema da água e esgoto”⁷, uma das maiores urgências da cidade administrada por Ângelo Raphael Pellegrino (1949-1953), prefeito que, envolto em diversas questões administrativas de primeira ordem, não conseguiu levar adiante medidas satisfatórias para sanar as deficiências infraestruturais do município. Dessa última visita, entre outras que Massei teria feito à capital do país, resultou uma carta remetida por Lourival Fontes, secretário da Presidência da República, declarando que o presidente Vargas estava empenhado na realização do programa de assistência aos municípios e teria “a maior satisfação em incluir São Caetano do Sul entre as comunidades que se candidatam ao auxílio financeiro federal, tão logo isso lhe seja oficialmente solicitado”⁸.

Em campanha eleitoral para prefeito, Oswaldo Massei apresentava-se diante do eleitorado como um candidato que fazia grandes esforços, perante a União, para obter resposta favorável aos interesses do município. Simultaneamente, dirigia-se ao presidente da República na

condição de candidato do PTB que seria levado, pelo “voto das massas trabalhadoras”, à chefia do Executivo municipal.⁹ O resultado das urnas em São Caetano do Sul, entretanto, desmentiria o otimismo de Massei: Anacleto Campanella, seu adversário político, saiu vitorioso das eleições municipais de 1952. O petebismo municipal entraria, momentaneamente, em refluxo.

Não muito antes do suicídio, em 1954, Vargas seria novamente procurado por membros da edilidade. Era uma segunda-feira, dia 5 do mês de julho daquele ano. Uma comissão composta pelos vereadores Alfredo Rodrigues, Natanael Inácio Teixeira, Olga Montanari de Mello e Urames Pires dos Santos (em companhia do deputado Cunha Bueno e de uma comissão da Sociedade Beneficente Brasil Unido) foi ao Palácio do Catete para falar diretamente com o presidente da República. O assunto era a possibilidade e a conveniência de serem construídas casas operárias em terreno do antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (Iapi), situado na Avenida Comandante Taylor, entre São Caetano do Sul e o bairro paulistano do Sacomã, o que beneficiaria os operários dessa cidade e do Ipiranga. Na ocasião, como noticiou o *Jornal de São Caetano*, a comitiva sul-são-caetanense foi recebida por um Getúlio Vargas atencioso, que “soltando baforadas do seu indefectível charuto [...] a tudo ouvia com o seu característico sorriso”¹⁰. O presidente se mostrava conhecedor da situação de São Caetano e prometia tudo fazer em benefício da população local. O empreendimento não obteve sucesso, pois, como explicou o presidente do Iapi, Afonso César, aos vereadores visitantes, o terreno solicitado encontrava-se sob pendência judicial. Apesar disso, ficou no ar uma demonstração de “boa vontade” que, na avaliação do editorial, não deveria ser desperdiçada pelas autoridades municipais... O “Chefe da Nação” demonstrara interesse pelos assuntos do

município e não seria muito difícil conseguir a aprovação dele, quiçá, para que o referido conjunto residencial se tornasse realidade em outro terreno.¹¹

Os ilustres visitantes de São Caetano não podiam imaginar que estavam participando dos momentos derradeiros da longa trajetória pública do homem que governara o país, com braço forte, durante tantos anos. O mês de agosto se tornaria o mais angustiante da vida de Vargas. O cenário político nacional caminhava para dois desfechos, ambos perfeitamente previsíveis naquela conjuntura: a livre renúncia do presidente ou a sua destituição forçada (no caso, um golpe militar que o tiraria do poder). Vargas escolheu uma terceira via, que foi recebida com assombro em São Caetano, como, aliás, em todo o país.

Em sua edição de 25 de agosto, o *Jornal de São Caetano* dava notícia do acontecimento que tomara o Brasil de assalto. O prefeito e o presidente da Câmara Municipal decretaram luto oficial por três dias, suspendendo (desde o dia anterior) o expediente nas repartições municipais.¹² No seu número seguinte, o mesmo jornal noticiava, mais circunstanciadamente, as ocorrências do dia do suicídio. Além do “mal-estar” generalizado que atingiu a população e, especialmente, os trabalhadores fabris, alguns populares chegaram a se manifestar publicamente em sinal de luto e protesto – “ação de extremistas interessados em perturbar a ordem”, segundo o editorial. Assim, ruidosamente, o tiro que se fez ouvir no Catete, naquela manhã de 24 de agosto, também ecoou na pequena urbe sul-são-caetanense:

Repercutiu intensamente em nossa cidade a notícia do falecimento [de] Getúlio Vargas. Já na tarde de terça-feira, quando se soube da triste notícia, as indústrias começaram a dispensar seus trabalhadores. Houve um princí-

pio de agitação, quando alguns operários mais exaltados, insuflados por pessoas interessadas em criar confusão, dirigiram-se a algumas indústrias exigindo a paralisação dos trabalhos. Em alguns casos a polícia foi obrigada a agir, especialmente quando um número elevado de pessoas, ao que se presume comandados por extremistas interessados em perturbar a ordem, quiseram penetrar no edifício onde funciona a Prefeitura, sob o pretexto de querer falar com o Prefeito sobre o lamentável acontecimento que enlutou o País.

O titular da nossa Delegacia, dr. Floriano Alves de Oliveira, não concordou com essa decisão e em face da insistência, foi forçado a dispersar o grupo, usando inclusive bombas de efeito moral. Não houve porém ferido, felizmente.

Ainda no dia seguinte, quarta-feira, embora todas as indústrias estivessem paradas, um grupo de populares desceu das vilas que fazem divisa com São Paulo, como vila Alpina, vila Bela etc., dirigiu-se à nossa cidade. Receoso das intenções dessas pessoas o sr. Delegado de Polícia, acompanhado de policiais, dirigiu-se aos manifestantes na entrada de São Caetano do Sul, pedindo que se mantivessem em calma e que fizessem sua passeata dentro do respeito e da ordem que o momento de dor estava a exigir. Com isto a situação voltou à normalidade, não havendo maiores consequências.¹³

Ao longo daquele dia, de acordo com José de Souza Martins, o Partido Comunista tentaria, sem sucesso, assumir a liderança de um possível descontentamento popular desencadeado pela morte de Vargas. O PCB, até a véspera do suicídio, fizera oposição ao presidente. O próprio PTB, embora tivesse força eleitoral, não era um verdadeiro partidário operário em São Pau-

lo e mesmo no ABC; era “um partido de baixa classe média que com facilidade se aliava com quem estava longe do ideário do trabalhismo”.¹⁴ Naquela ocasião, portanto, era um partido que tinha muito pouco a fazer ou a dizer aos trabalhadores. O que não o impediu de, em curto prazo e no calor do momento, aproveitar-se eleitoralmente do fato de ser “o partido de Getúlio” e de seu legado – o homem que enterrecera toda a nação com sua morte repentina –, para eleger o seu candidato a deputado estadual. Em uma campanha vitoriosa que exaltou a herança trabalhista de Getúlio Vargas, “seu grande Chefe”¹⁵, Oswaldo Samuel Massei apresentou sua candidatura à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, para a qual se elegeu, em 3 de outubro de 1954, com 7.704 votos.¹⁶

Mas a maior parte da população de São Caetano do Sul experimentou o luto pela morte do presidente com um silêncio profundo e prolongado, revelando-se, por vezes, em manifestações sutis de perplexidade e incompreensão em face do acontecido. Muitas pessoas tiveram sua memória daquele dia marcada por alguma lembrança específica. Para Domingo Glenir Santarnecki, por exemplo, o choro de sua professora Carminha (Maria do Carmo Ferreira Rodrigues), quando soube da morte de Vargas, no Grupo Escolar Senador Flaquer, registrou-se entre suas recordações do tempo escolar.¹⁷ O choro incontido e amiúde sincero era uma demonstração expressiva de que aquela morte produzira verdadeira comoção entre as classes trabalhadoras. Ritualmente, o suicídio, encarado por muitos como uma espécie de sacrifício em nome da democracia, do povo e de seus direitos, selou a construção do mito político Getúlio Vargas, em um processo que se iniciou nas décadas de 1930 e 1940 por força da própria máquina de propaganda do governo.¹⁸ Como todo mito, contribuiu para obscurecer a compreensão de

uma figura fascinante, multifacetada e complexa, que não foi apenas o “pai dos pobres” e da legislação trabalhista, mas foi também um ditador que perseguiu adversários e eliminou direitos políticos, fechando o Congresso e instalando a censura, durante o período do Estado Novo (1937-1945).

Naquela manhã de agosto de 1954, o tiro que também ecoou no subúrbio operário deu o “alerta” contra uma escalada autoritária que, já despontando claramente no horizonte, levaria a um golpe militar. A democracia brasileira estava em perigo, cambaleante. Em 1964, foi desferido sobre ela um golpe fatal. Hoje, a nossa democracia, recuperada com o término da ditadura (1985) e o advento da “Constituição Cidadã” (1988), vê-se novamente ameaçada pelo conservadorismo em ascensão e pelo autoritarismo disseminado por uma sociedade que não saldou suas dívidas com o passado. **(Rodrigo Marzano Munari) **

NOTAS

- ¹ - Para uma boa biografia do presidente, na qual se baseou o relato aqui apresentado, conferir FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ² - ASCÊNCIO, Yolanda. *Meio século de Legislativo em São Caetano*. 2ª edição revista e ampliada. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
- ³ - MARTINS, José de Souza. *Moleque de Fábrica. Uma Arqueologia da Memória Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018, p. 376-377.
- ⁴ - FAUSTO, *op. cit.*, p. 164-165.
- ⁵ - APURAÇÃO das urnas de S. Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano V, n. 151, p. 1, 14 out. 1950.
- ⁶ - TRANSFORMA-SE o P.T.B. na maior força política de São Caetano do Sul. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 246, p. 5, 9 ago. 1952.
- ⁷ - MASSEI visita Getúlio Vargas. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 274, p. 5, 19 nov. 1952.
- ⁸ - GETÚLIO Vargas dirige-se a Oswaldo Massei. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 275, p. 5, 22 nov. 1952.
- ⁹ - *Ibidem*, p. 6.
- ¹⁰ - IMPOSSÍVEL a construção de casas operárias pelo I.A.P.I. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 439, p. 1, 10 jul. 1954.
- ¹¹ - AINDA a construção das casas operárias. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 440, p. 1, 14 jul. 1954.
- ¹² - SUICIDOU-SE o chefe da nação. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 451, p. 1, 25 ago. 1954.
- ¹³ - REPERCUSSÃO em São Caetano da morte de Getúlio Vargas. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 452, p. 1, 28 ago. 1954.
- ¹⁴ - MARTINS, *op. cit.*, p. 383.
- ¹⁵ - OS mesmos que o queriam como prefeito vão consagrá-lo nas urnas do pleito de 3 de outubro. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 454, p. 5, 4 set. 1954.
- ¹⁶ - PONTO final do pleito de 3 de outubro. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 469, p. 1, 27 out. 1954.
- ¹⁷ - Depoimento concedido a XAVIER, Sonia Maria Franco. Primeiro Grupo Escolar do Município festeja passagem do 75º aniversário. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 13, p. 19, jul. 1995.
- ¹⁸ - Ver, a respeito da construção do mito político acerca da figura de Vargas, GOMES, Angela de Castro. “As marcas do período” (Introdução). *Olhando para dentro: 1930-1964*. Coleção “História do Brasil Nação: 1808-2010”. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; Madrid: Fundación Mapfre, 2013, p. 23-39.

Nair Alves Duarte

Arte como Apoio Terapêutico

A reforma psiquiátrica brasileira, implementada como política pública a partir da promulgação da lei nº 10.216 de 2001, possibilitou a reestruturação da assistência psiquiátrica no Brasil e criou novos dispositivos de atenção à saúde mental que agem numa perspectiva integralizadora, que incentiva o exercício da cidadania e a integração do usuário na comunidade. A atuação do Centro de Atenção Psicossocial (Caps)¹ está fundamentada numa lógica contrária ao modelo manicomial.

Trabalhar com os temas loucura e dependência química nos coloca em uma série de desconstruções sociais a serem analisadas, uma vez que estamos mais acostumados a tratar a questão tendo como ponto principal a doença, e não a “existência-sofrimento” desses sujeitos (Brito et al. 2009).

O trabalho coletivo, a troca de experiências, a visita aos espaços públicos e o fazer artístico têm desdobramentos que se ampliam. Conforme Amarante, Freitas, Nabuco e Pande (2011), tem-se recorrido à arte para desmistificar

e transformar a concepção criada sobre a loucura desde a origem da Psiquiatria. A experiência em questão, por intermédio do desenvolvimento de um projeto que envolve atividades artísticas como instrumento para a ampliação de potencialidades singulares e de acesso aos bens culturais, reverbera na produção da emancipação e da criação de sociabilidades (Lima, 2011).

A desinstitucionalização da loucura pede mais que uma mudança de nomenclatura ou espaços e lugares. Exige uma mudança em nosso modo de subjetivação, a simples aceitação da diferença. Trata-se da construção de novas relações, novos significados, novos encontros sociais, uma

metodologia participativa, e uma potente estratégia para se refletir sobre a realidade das pessoas em sofrimento psíquico, e construir um diálogo com novos saberes e práticas.

Essa prática foi marcada pelo desejo de transformar, de ousar, de ouvir e de desenvolver as potencialidades de pessoas que sofrem, mas são capazes de viver e de produzir vida, pois como nos ensina Manoel de Barros: “No osso da fala dos loucos têm lírios”.



Foto: Antonio Reginaldo Carbonei (EPMS/CS)

Detalhe da exposição realizada na Pinacoteca Municipal na Semana de Saúde Mental, em maio de 2018



Foto: Antonio Reginaldo Carbone (EPAMCS)



Foto: Antonio Reginaldo Carbone (EPAMCS)

Momentos de atendimentos, na Pinacoteca, aos pacientes das entidades de saúde

Nise da Silveira, psiquiatra e pioneira da terapia ocupacional no Brasil, dedicou sua vida a humanizar o tratamento de pacientes psiquiátricos. Ela criou ateliês de desenho e pintura dentro de hospitais, como parte do tratamento de portadores de transtornos mentais. Sua vida e sua obra continuam nos inspirando como símbolo de resistência e singularidade.

Nos atendimentos que realizava, Nise buscava criar um clima de liberdade, no qual, por meio de diversas ati-

vidades, os sintomas pudessem encontrar oportunidades para sua expressão e, como ela dizia, “serem despotencializados”. Para ela, “o exercício de múltiplas atividades artísticas mostra que o mundo interno do psicótico encerra insuspeitadas riquezas e as conserva mesmo depois de longos anos de doença, contrariando conceitos estabelecidos”.

Pensando e acreditando que a arte, em suas diversas formas de expressão, contribui para o desenvolvimento de atividades de resgate, socialização e autoestima de pessoas, fazendo desabrochar talentos escondidos pela depressão, pelo pânico e pela esquizofrenia, desde 2014, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio da Pinacoteca Municipal, tem um olhar diferenciado para o público que frequenta instituições de saúde mental como o Caps AD (Álcool e Drogas), o Caps Geral e a Unidade de Saúde da Criança e Adolescente (Uscas).

O projeto educativo intitulado *Arte como Apoio Terapêutico*, desenvolvido por Nair Alves Duarte e Fabiana Cavalcante, coordenadoras da Pinacoteca Municipal, da Fundação Pró-Memória, é uma ação continuada, servindo como instrumento de expressão e reconstituição de histórias e contextos,

evidenciando que o espaço do museu deve ser apropriado e utilizado como lugar de socialização e de interação. Além disso, oferece uma importante reflexão sobre a arte como estratégia na organização dos cuidados nos serviços da saúde mental.

O programa tem como objetivo oferecer uma ação continuada junto a estas entidades de saúde, oferecendo um suporte para o desenvolvimento de habilidades emocionais, comportamentais, sociais e cognitivas a partir de atividades aplicadas tanto no espaço expositivo da Pinacoteca como no espaço do ateliê pedagógico. Nesse local, o visitante realiza uma produção relacionada com a técnica e a linguagem artística da exposição visitada, contemplando assim a percepção, a discussão e o fazer artístico. Os trabalhos realizados pelos pacientes são levados para as instituições de saúde, propiciando uma ferramenta para que os terapeutas ocupacionais, psicólogos e psiquiatras possam utilizá-los como um instrumento no atendimento ambulatorial.

Na primeira semana do mês de maio, é comemorada a Semana da Saúde Mental, e pelo segundo ano consecutivo a Pinacoteca Municipal abre suas portas oferecendo espa-

ção para a exposição dos trabalhos realizados durante as visitas na instituição. Durante esta semana, também ocorrem palestras com profissionais da área da saúde mental do município e de cidades vizinhas (Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema). No encerramento, é realizada uma roda de conversa entre profissionais, usuários e familiares, sempre com o apoio dos relatos de suas experiências a partir da inclusão no espaço cultural e no fazer artístico.

Comprovando a seriedade da ação educativa da Pinacoteca de São Caetano, o projeto *Arte como Apoio Terapêutico* foi selecionado para ser apresentado no 10º Encontro Paulista de Museus, realizado nos dias 19 e 20 de julho de 2018, no Memorial da América Latina. Entre as instituições selecionadas, estavam o Museu da Imagem e do Som (MIS/SP), o Museu Histórico e Pedagógico de Garça e o Museu da Energia de Salesópolis.

Lembrando Nise da Silveira: “A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos, são levados a reconhecerem-se entre si, a associarem-se, e mesmo os tumultos internos adquirem forma”. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DA arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais na saúde mental no território, p. 23-38. In: AMARANTE, Paulo; NOCAM, Fernanda (Orgs.). *Saúde mental e arte: prática, saberes e debates*. São Paulo: Zagodoni, 2011.
- BRITO, M.; DIMENSTEIN, M.; SEVERO, A.K.; CABRAL, C; Alverga, A.R. Desafios à reforma psiquiátrica: produção de vida e circulação nos espaços públicos, p. 51-67. In: DIMENSTEIN, M. (Org.). *Produção do conhecimento, agenciamentos e implicação no fazer pesquisa em Psicologia*. Natal: Editora da UFRN, 2009.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Ed., 1968.
- _____. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

NOTA

¹ O primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Brasil foi inaugurado em março de 1986, em São Paulo. É um dos programas do Ministério da Saúde, com unidades distribuídas em várias cidades brasileiras.

NAIR ALVES DUARTE

É FORMADA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, COM LICENCIATURA PLENA EM ARTES PLÁSTICAS, PELAS FACULDADES INTEGRADAS CORAÇÃO DE JESUS (FAINC). É PÓS-GRADUADA EM ARTES: COMUNICAÇÃO VISUAL E SOCIAL PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS, PROFESSORA DE ARTES DO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO SUL E, AO LADO DE FABIANA CAVALCANTE, COORDENADA NA PINACOTECA DE SÃO CAETANO.

Depoimentos de usuários do CAPS

“Eu nem sabia que poderia participar. Sempre parecia algo tão distante da minha realidade e agora me vejo fazendo e... Olha só! Não é que eu sei fazer alguma coisa bonita!”

Jorge*

“Acordo todos os dias esperando por qual será a atividade daquele grupo, o que vamos descobrir, o que vamos criar, e o que eu vou aprender, inclusive depois ensino para meus sobrinhos.”

Oswaldo*

*Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos pacientes.

“As oficinas realizadas fora do âmbito do CAPS têm trazido repercussões no cotidiano de todos que delas participam, de maneira muito positiva. Além de propiciar a exploração de um território conhecido, mas não vivenciado, os pacientes têm explorado potencialidades internas que ainda não haviam sido externadas. O trabalho tem sido mais produtivo, a autonomia conquistada e a arte produzida em todas as suas interfaces, inclusive a da saúde.”

Joyce Feliciano

Terapeuta ocupacional, especialista em saúde mental

CANTINHO QUE OFERECE CORES

Vanessa Reginaldo

Uma rosa sem cores,
murcha, cheia de dores,
sem destino,
sem amigos,
era uma bela flor.

Encontrou, um lugar cheio de amor,
a recebeu, a tratou,
e o CAPS tornou-se sua segunda casa,
aprendeu a conviver,
entendeu o amar,
respeitar profissionais,
os pais,

não se sentiu sozinha.

Começou a ter cor,
várias
o psiquiatra deu o amarelo,
a vontade de viver,
o psicólogo o roxo,
sente-se o mais próximo da cura,
terapia ocupacional passou a deixá-la vermelha,
o sangue circulou.

A humanização dos funcionários,
sorrindo, a cada evolução,
todos carregam nossos corações.

Gratidão, à Secretária de Saúde
Pelo nosso canto democrático,
Centro de atenção Psicossocial Ruy Penteado
Gratidão podemos ser tratados.

Vanessa Reginaldo

é paciente do Caps Ruy Penteado, de São Caetano, diagnosticada com transtorno de personalidade borderline e transtorno de ansiedade generalizada. Participa das atividades do projeto *Arte como Apoio Terapêutico*.

Narciso Ferrari

Como a fênix, surge o novo São Caetano Esporte Clube

Os associados, simpatizantes e cidadãos de São Caetano do Sul que frequentavam o São Caetano Esporte Clube (SCEC) no início da década de 1950 sabem que a fusão desta agremiação com o Comercial F.C., da capital, assinada em 17 de fevereiro de 1954, e que resultou na criação da A. A. São Bento, foi totalmente política. Embora saibamos que o nosso clube não tinha mais condições de disputar o campeonato da segunda divisão de profissionais, devido a problemas como um campo acanhado e sem alambrado, o clube da capital, apesar de não ter estádio próprio, disputava a primeira divisão e fazia parte da elite paulista. Todo o processo da fusão está descrito no artigo *A Malfadada Fusão*, publicado na edição especial da revista *Raízes*, lançada em maio de 2014, que celebrou o centenário do SCEC.

Quando foi reunido o conselho deliberativo do São Caetano Esporte Clube, a fim de aprovar a fusão, nem todos os conselheiros foram convidados. A posterior cisão, oficializada em 18 de dezembro de 1957, foi provocada por uma entrevista concedida pelo então prefeito Oswaldo Samuel Massei à *Gazeta Esportiva*, na qual ele dizia que o povo queria a volta do São Caetano Esporte Clube e que ele conseguiria cinco mil sócios para a agremiação em um período de 30 dias.

Mesmo a assembleia realizada na capital não apresentando o número suficiente de conselheiros para decidir a cisão, tanto o presidente da diretoria, capitão Rafael Oberdan de Nicola, como o presidente do conselho deliberativo, Anacleto Campanella, decidiram concretizá-la, contentando, assim, os antigos sócios do São Caetano Esporte Clube. Contribuiu, ainda, para a separação, o fato de Campanella, em fim de mandato como prefeito, ser candidato a deputado estadual, e ver vários de seus amigos, chefiados pelo João Relá Filho, árbitro da Federação Paulista de Futebol, apoiando Oberdan de Nicola, que também era candidato. Entretanto, o ex-prefeito elegeu-se e o capitão ficou na suplência.

Inauguração do estádio da Rua Paraíba, em 1º de maio de 1937. Denominado Conde Francisco Matarazzo, possuía arquibancada coberta com capacidade para 600 pessoas, além de espaço para estacionamento de veículos



Os opositores, logo que tomaram conhecimento da cisão, à noite, retiraram algumas letras da fachada do Estádio Anacleto Campanella, e jogaram na casa de Campanella, tamanho o ódio que existia na cidade entre as duas facções políticas. Assim sendo, o nosso clube voltou para a segunda divisão sem estádio, sem sócios e com dívida de aproximadamente 18 milhões de cruzeiros referente ao Imposto de Transmissão de Bens Imóveis Intervivos (ITBI), bem como, ao pagamento do empréstimo da Cia. Antartica Paulista. O desafio, no momento, era manter o São Caetano Esporte Clube, que quase não tinha mais sócios, nem patrimônio, diretoria e conselho.

Massei decidiu escolher um presidente que não era ligado ao esporte. Nicolino Puccetti, empresário bem-sucedido na cidade, estava viajando e quando voltou ficou sabendo que era o novo presidente do São Caetano Esporte Clube. Durante sua posse, afirmou: “Vocês me digam o que fazer, pois, não tenho prática e nem vivência no esporte”. E o que poderia ser feito, se o clube não tinha sócios, nem conselho deliberativo? Iniciaram-se as atividades para levantar o clube. Narciso Ferrari, Airton Sigolo e Antonio Pinto de Prado convidaram pessoas ligadas ao clube e ao esporte da cidade para se tornarem conselheiros, entre eles: Osvaldo Figueira (presidente do Cruzada Esporte), Horácio Pires (presidente do Clube Comercial), João Luiz Pascoal Bonaparte (E.C. Vila Bela), Aurelio Loureiro Bastos (Atlético Vila Alpina), Andrea Perrella Neto, o “Firpo” (América do Sul F.C.), Geraldo Plates (Cerâmica F.C.), José Mombeli (C.A. Monte Alegre). Estas pessoas e os sócios sobreviventes formaram o conselho deliberativo, tendo como presidente João Luiz Pascoal Bonaparte e vice-presidente, Airton Sigolo.

O conselho foi formado ainda pelos seguintes membros: Palmiro Previato (secretário); Antonio Pinto do Prado (diretor social); Francisco Marinotti, Antonio Massei e Jaime Pereira

(diretores de esportes); José Mombeli e Clemente Gimenes (diretores financeiros); e Narciso Ferrari, que atuava como “coringa”. Reinaldo Zamai, controlava secretaria e tesouraria, pois era remunerado pelo clube, e atuava como técnico de futebol. Assim deu-se a posse a Puccetti e ao vice-presidente, Horácio Pires.

Nessa altura, o clube perdeu o seu maior abnegado. Após uma discussão com Oberdan de Nicola, Joseph Fuchs, que era diretor esportivo, foi para o Corinthians Paulista, da capital, como vice-diretor de esporte. No futebol, não fomos bem sucedidos na segunda divisão, disputada por dois anos sob o comando de Zamai, tendo Aurelio Loureiro Bastos e Luiz Razzante, como técnicos, e Luiz Munari, o “Burro”, e Nicolau, que viera do C.A. Juventus, como atletas. Os dois jogadores se destacaram no campeonato, durante o mandato de Puccetti, que se licenciou por motivos particulares, assumindo o seu vice Horácio Pires.

Quando terminou o mandato desta diretoria, teve início o mistério sobre quem seria o próximo presidente. A prefeitura não havia devolvido o estádio e ainda cobrava do clube uma dívida de 1,5 milhão de cruzeiros. O clube estava desacreditado na cidade, com poucos associados, sentindo ainda os efeitos da cisão, e o conselho em reunião permanente. Uma comissão de conselheiros, formada por Francisco Marinotti, Narciso Ferrari, João Luiz Pascoal Bonaparte, Lázaro de Campos e Francisco Falzarano, foi até a residência do prefeito, Oswaldo Samuel Massei, para entregar as chaves do clube. O chefe do Executivo não aceitou as chaves e ainda afirmou: “Dessa reunião temos de escolher um nome para o clube” e eu fui a vítima escolhida. Eu aceitei e, na presença de todos, disse ao prefeito: “Eu aceito desde que você devolva o estádio e cancele a dívida”. Ele concordou. Depois que assumi, todos da comissão deixaram o clube, exceto Francisco Marinotti. Tínhamos feito um acordo com o prefeito, e o cobrávamos semanalmente.

Quando paramos de atuar no futebol profissional, respondi a um processo judicial, movido pelos sócios que haviam comprado cadeira cativa no estádio. Outro processo também respondido por mim quando suprimi o cobrador do clube, que fazia cobrança em domicílio, fazendo com que os sócios “dançarinos de gafeira” ficassem inadimplentes, embora o clube tenha publicado em jornais esta decisão. O clube funcionava normalmente com bailes aos domingos, mantinha equipes de basquete principal e juvenil, de vôlei e futebol de salão.

Cansado de promessas nunca cumpridas, certa tarde, no bar do Cine Vitória, ponto de reunião de empresários e políticos, em uma mesa estávamos eu, Lauriston Garcia, secretário da Câmara, Jaime da Silva Reis, presidente da Câmara, Lauro Garcia, vice-prefeito, e Osvaldo Lima, todos opositores da administração, quando entraram no bar o prefeito Massei, Nicolau Delic e outros. Mais uma vez cobre o prefeito sobre a situação do clube, dizendo que tinha apoio da oposição. Lauriston Garcia disse que o Legislativo não iria colaborar com os projetos do Executivo, caso não fossem enviados à Câmara projetos de lei para devolver o estádio ao clube e cancelar a dívida. E assim, por três vezes, as sessões foram encerradas antes do tempo. O presidente da Câmara convidou-me para explicar a situação do clube aos vereadores. Todos, com exceção de Altamiro Dias da Motta, nos apoiaram totalmente.

A rivalidade dos grupos continuava (Massei e Campanella), mas nosso contato com a Federação Paulista de Futebol, sob a presidência do então deputado estadual João Mendonça Falcão, era grande. Ele estava tratando, com os outros clubes do interior, da isenção do ITBI, e também o ingresso de nossa equipe juvenil no campeonato junto aos grandes da capital. Assim sendo, eu e Airton Sigolo fomos a uma reunião na Assembleia Legislativa, quando o deputado Anacleto

Campanella nos encontrou e, em seu gabinete, perguntou-me o que fomos fazer lá, respondi: “Falar com o João Mendonça Falcão sobre a dívida do São Caetano Esporte Clube”. Fomos convidados a nos retirar de sua sala. No final do mandato, depois de muita luta, o governador Carlos Alberto Carvalho Pinto, sancionou a lei isentando os clubes que adquiriram terreno para construir sua sede social, bem como débitos anteriores, que beneficiou muito o São Caetano Esporte Clube. Não encontramos livros e documentos referentes ao período de 1949 e 1955, onde se registravam atas da diretoria e do conselho deliberativo, que tratava da fusão. O que sabemos é que o antigo campo da Rua Paraíba foi vendido para a Casa Bancária Pauliceia, com sede na capital.

A divergência entre os dois grupos da política da cidade era grande e o clube era alvo dos políticos. Eu, como presidente do SCEC, vivia entre um “fogo cruzado”. Nas eleições municipais seguintes, Anacleto Campanella elegeu-se prefeito. Um de seus primeiros atos foi a desapropriação do estádio que era do São Caetano Esporte Clube, pois, para ele, o clube não tinha condições de manter a área. O prefeito, então, ofereceu três espaços ao SCEC, além de uma indenização de 20 milhões de cruzeiros. Uma das opções era um terreno na Rua Ceará, de propriedade da família de Guilherme Giorgi (onde o clube está até hoje). Em uma reunião entre o prefeito Anacleto Campanella e o diretor jurídico da prefeitura, Plínio de Assis (que era do grupo de Massei), sobre a questão da desapropriação do estádio, o advogado afirmava que, na escritura de doação à A.A. São Bento, havia uma cláusula que dizia: “Em caso de cisão, o imóvel reverterá a municipalidade, sem direito à indenização”.

O clube não tinha saída. Diretoria e conselho do SCEC decidiram aceitar o acordo com a prefeitura amigavelmente. O clube não tinha condições de manter o estádio, uma vez que não

tinha mais intenção de disputar o campeonato profissional. A luta continuava, de um lado críticas, de outro elogios. Campanella me dizia para deixar de ser apolítico, ele falava que eu navegava em dois barcos, com um pé em cada um.

Do outro lado éramos chamados de grileiros, pois começamos a vender títulos patrimoniais, já que a prefeitura não havia dado escritura definitiva do terreno, e sim a escritura de compromisso com direito de posse (o Cottonificio Guilherme Giorgi, proprietário do imóvel, não concordou com o valor baseado no IPTU e queria receber o do valor venal). Mas Hipolito de Domenico, conhecido como Raspa, amigo da família Giorgi, nos garantiu que a briga era no valor oferecido e que o clube poderia tomar posse legalmente. Depois de muita luta, passados alguns anos, e vendo o sucesso do clube, oposição e situação passaram a frequentá-lo, com seus filhos ou netos, tornando-se sócios. ■

Chapa para a eleição dos conselheiros e suplentes para o exercício de 1954

CHAPA REALIZADORA

CONSELHEIROS EFETIVOS

Dr. Adriano Duarte, João Nicolau Braido, Alessimico Savioli, Antonio Caparroz Guevara, Antonio Lorente, Armando Chagas, Arthur Garbelotto, Daniel Giardulo, Frugole Lorenzini, Hassar Catrip, Hermínio Jacob Lorenzini, Embriani Paolone, Jayme Pereira, Joaquim Carlos, José Garrido Lourenço, José Mombeli, Leonildo Morselli, Rubens Darré, Sebastião Zimerman e Silvério Manile.

CONSELHEIROS SUPLENTE

Abdias Fenício, Abílio Morselli, Angelo Aparecido Radim, Angelo Marinott, Hermogenes Walter Braido, Julio Gardezani, Mario Porfirio Rodrigues, Narciso Dario, Narciso Ferrari e Oswaldo Mostaço.

Estádio Anacleto Campanella, construído pela municipalidade e doado à Associação Atlética São Bento. Foi inaugurado em janeiro de 1955



Crédito/Revista da Administração Anacleto Campanella (1953-1957)



Arquivo/Narciso Ferrari

Diretoria do São Caetano Esporte Clube, em foto de 11 de março de 1964. Em pé, a partir da esquerda, Luiz Da Dalt (2º secretário), Clemente Gimenez (diretor social), Nelson Perrella (1º tesoureiro), Darcy de Paula (1º secretário), Francisco de Paula Lopes (3º tesoureiro), Lydio Benavente (diretor de patrimônio) e Laerte Sigolo (3º secretário). Sentados, a partir da esquerda, Cláudio Perrella (tesoureiro geral), Narciso Ferrari (presidente), Oswaldo Sérgio Ruiz (1º vice-presidente), Salvador Lorente (secretário geral) e Wilson Bartolomeu da Prata (2º tesoureiro)

NARCISO FERRARI

É EMPRESÁRIO E FOI PRESIDENTE DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE DE 1960 A 1965.

Renato Donisete Pinto

América F.C. e o futebol de várzea do Bairro Barcelona na década de 1960



Arquivo Secretaria de Cultura

Equipe do América Futebol Clube em registro fotográfico de 1961

“É no futebol, nos tantos campos de várzea locais, que aqueles jovens passavam por cima de convenções, preconceitos, modismos, com o propósito claro de, apenas e tão somente, jogar futebol aos sábados à tarde e domingos, preferencialmente, depois de uma semana inteira de trabalho quase sempre na indústria.” É neste contexto tão bem retratado por Ademir Medici, na edição nº 40 da revista *Raízes*, que o futebol de várzea dos bairros Barcelona e Santa Maria na década de 1960 está inserido.

A região possuía diversos times de futebol, como também vários campos de várzea. O futebol amador era o lazer predileto dos jovens. Todo final de semana havia jogos nos

campos de terra batida, muitas vezes em terreno desnivelado. Não existia *padrão FIFA* (Federação Internacional de Futebol). O prazer em disputar uma partida e praticar o futebol tinha uma importância enorme. Neste artigo, vamos abordar a história de um representante desta fase, o América Futebol Clube da Vila Barcelona, contada por dois ex-jogadores que muito vestiram a gloriosa camisa vermelha.

Surgimento - De um grupo de amigos de infância do Bairro Barcelona surgiu, por volta de 1959, o América Futebol Clube, ou o Amériquinha da Vila Barcelona, como era carinhosamente chamado. Em 1961, filiou-se à Liga Sancaetanense de Futebol. O nome América Futebol Clube foi dado pelo *seo* Chico Pintor em homenagem ao tradicional América de São José do Rio Preto, sua cidade natal. Inclusive o uniforme e as cores do time eram as mesmas do homenageado: vermelho e branco. *Seo* Chico foi uma figura muito importante para o time.



Acervo/Luiz Romano

Num primeiro momento, sua casa foi a sede da equipe e seu quintal servia de vestiário para os jogadores - já que ficava muito próxima do campinho onde o time mandava seus jogos. Esse campo ficava num terreno paralelo à Rua Guaiaimu, na divisa com a cidade de Santo André.

O início do Ameriquinha se deu com garotos da categoria mirim. Conforme foram crescendo, começaram a disputar jogos amistosos, festivos e chegaram à categoria de adultos da segunda divisão da Liga Sancaetanense de Futebol, até terminar suas atividades no final da década de 1960.

Na fase adulta, a sede do clube foi o Bar do Domingão, situado na Rua Lomas Valentina, nº 144. Era nesse local que os jogadores se reuniam antes das partidas e para onde voltavam a fim de comemorar as vitórias. Por lá ficavam os troféus ganhos. De maneira geral, este grupo de amigos se manteve como formação da equipe durante toda a trajetória do América, com exceção de um ou outro jogador para reforçar o time.

Em 1966, o time base do Ameriquinha era: Girimar, Mané, Cidão e Gravata; Severino e Nilo; Fininho, Valter, Messias, Nelson e Gordurinha. Também vestiram a camisa vermelha durante sua brilhante trajetória: Claudinho; Mané, Ditão, Kalú, Zaque, Vosca, Valdir, Zé Carlos, Tonhão, Ari, Paletó, Mantovani, Zuza, Nardinho, Vicente, Divino, entre outros.

Nossos personagens - Numa agradável tarde de setembro de 2018 tive o privilégio de conversar com dois importantes integrantes dessa equipe: João Dandov e Severino Carvalho. Além de começar a jogar bola de pés descalços na infância, os dois iniciaram seus estudos na Escola Estadual 28 de Julho.

João Dandov era atacante, foi o ponta-esquerda da equipe. Logo apelidado de Gordurinha, era um jogador leve, ágil e muito habilidoso. Nasceu no bairro paulistano de Vila Zelina e, aos 5 anos, veio com a família morar na Rua Taipas, no Bairro Barcelona. Depois do América, jogou no Ponta Porã F.C., no Flamengo Paulistano F.C. e no Nacional F.C.. Encerrou a carreira em 1979, no Guaiamú F.C. Nesta ocasião, ao término do jogo, entregou suas chuteiras para um garoto que acompanhava a partida.



Foto/Renato Danesic/Pino

Já Severino de Carvalho foi dirigente, técnico e jogador do América. Jogou em diversas posições, exceto como goleiro. Além de jogador cuidava dos interesses do time e o representava na Liga Sancaetanense de Futebol. De origem nordestina, nasceu em Caruaru (PE) e, aos 6 anos, veio com a família para São Caetano do Sul, estabelecendo-se também na Rua Taipas. Batia bem as faltas, fazia muitos gols e gostava de atuar no meio de campo como volante. Depois que o América encerrou as atividades, jogou nos times Universal F.C., Nacional F.C. e Náutico F.C., e terminou a carreira no Flamengo Paulistano F.C..

Severino Carvalho (à esquerda) e João Dandov, em 2018: antigos jogadores do América F.C.

Fatos marcantes - Durante a conversa, os amigos relembrou muitas histórias e destacaram dois momentos inesquecíveis. Dando até hoje não se esquece de uma goleada e da sua fantástica atuação frente ao rival São Paulinho: “Ganhamos a partida por 4 a 0, e, neste jogo, fiz três gols”. A rivalidade ficava mesmo só no campo de jogo. “Depois nos encontrávamos pelas ruas do bairro.”

Já Carvalho relembra um jogo realizado em outra cidade. “Empatamos um jogo em 2 a 2 e a decisão foi para os pênaltis. Naquela época, era decidido em três cobranças de cada time, executadas pelo mesmo jogador. Quando fui cobrar a penalidade um torcedor do time adversário chegou perto de mim e disse que se ganhássemos, não sairíamos vivos de lá. Resultado: chutei uma na mão do goleiro e a outra penalidade por cima do travessão.” Detalhe importante: nestes campos, não havia alambrados e a torcida ficava muito próxima, nas laterais do campo.

Os times dos bairros Barcelona e Santa Maria -

Na década de 1960, os bairros Barcelona e Santa Maria contavam com diversas equipes de futebol. Eram elas:

- América Futebol Clube;
- Associação Atlético São Paulo (São Paulinho);
- Associação Atlético Vasco da Gama (Vasquinho);
- Atlético Alvorada;
- Esporte Clube Corinthians Bandeirantes (Corintinha);
- Estrela Vermelha Futebol Clube;
- Flamengo Paulista Futebol Clube;
- Nacional Futebol Clube;
- Náutico Futebol Clube;
- Ponta Porã Futebol Clube;
- Universal Futebol Clube.

1965: Vitórias e destaque no campeonato municipal da segunda divisão - Como já mencionado, a partir de 1961, o Ameriquinha filiou-se à Liga Sancaetanense de Futebol e disputou os

campeonatos amadores da cidade. Com certeza seu melhor momento foi em 1965, marcado por muitos jogos, muitas vitórias, goleadas e a quase classificação para a fase final do campeonato municipal da segunda divisão.

Mostrando toda sua força, antes do início do campeonato, o América disputou e venceu dois amistosos. O primeiro foi no dia 2 de maio de 1965. Uma goleada sensacional de 7 a 3 sobre o Santa Cruz E.C., do Bairro Nova Gerty, atuando com Girimar; Ditão e Kalu; Carlão, Nelson e Cidão; Mané, Divino, Vosca, Severino e Fininho. No dia 13 de junho, nova goleada, desta vez frente à Sociedade Esportiva Az de Espadas, por 3 a 0. Nesta partida, atuou com Girimar; Ari (Severino), Kalu e Carlão; Paletó e Cidão; Fininho, Nelseta, Divino, Mantovani e Gordurinha.

O campeonato da segunda divisão contou com 28 equipes distribuídas em quatro grupos. O América ficou na série *Jornal do Lar*, junto com A.A. São Paulo, A. Alvorada, Paulistano F.C., Alvorada A.C. e União São Bento F.C..

Por muito pouco não se tornou campeão daquele ano. O título ficou com o Paulistano F.C.. No dia 27 de junho de 1965, na segunda rodada do primeiro turno do campeonato municipal, o América derrotou o futuro campeão por 2 a 1, no campo do adversário. No retorno, em 15 de agosto, perdeu, de virada, no campo do Corintinha. Dando não esquece essa partida: “Marquei o gol quando faltavam 12 minutos para o final do jogo, e, inesperadamente, tomamos os gols nos últimos minutos. O empate já nos classificava”. Neste campeonato destaque para as vitórias:

27/6/1965**América F.C. 3 x 0 A.A. São Paulo**

Gols de Nelson, Severino e Milton (contra);

18/7/1965**América F.C. 4 x 1 A.A. Alvorada**Gols de Roberto, Arlindo, Nelson, Severino (na preliminar o América foi implacável numa vitória de 16 a 0! A edição de 25 de julho do *Jornal News Seller* destacava: “América goleou Alvorada”);**22/8/1965****Alvorada A.C. 3 x 4 América F.C.;****29/8/1965****A.A. Alvorada 0 x 2 América F.C.**

Após o campeonato, o América continuou jogando amistosamente. Vale mencionar a vitória contra o Nacional F.C.. O periódico *News Seller*, do dia 28 de novembro daquele ano, anunciava na semana seguinte ao jogo: “América marcou dois e... Nacional nenhum”; com gols de Chita e Nelseta. O time americano atuou com Rino; Luiz, Nilo e Carlão; Severino e Cidão; Fino (Zuza), Vosca, Chita, Nelseta e Gordurinha.

No dia 5 de dezembro venceu o E.C. Corinthians Bandeirantes por 3 a 2 (um gol de Vosca e dois de Chita), com Rino; Nilo e Luiz; Severino, Cidão e Carlão; Zuza, Vosca, Chita, Nelseta e Gordurinha. Terminou o ano de 1965 empatando em 2 a 2 com a A.A. Vila Gerte, no dia 19 de dezembro. Severino e Vosca marcaram para o Ameriquinha.

Com certeza o América foi um dos grandes representantes do futebol do Bairro Barcelona. Esses times e campos não existem mais, porém permanecem na memória de muitas pessoas do bairro. Futuramente contaremos as histórias das outras equipes. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICA “entra bem” contra o Nautico F.C. *News Seller*, Santo André, 12 jun. 1966.
 AMÉRICA goleou Alvorada. *News Seller*, Santo André, 25 jul. 1965.
 AMÉRICA marcou dois e... Nacional nenhum. *News Seller*, Santo André, 28 nov. 1965.
 MARTINS, Inês, Do Interior para São Caetano: os reflexos da migração na cidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 37, p. 82 – 91, jul. 2008.
 MEDICI, Ademir. A contribuição deste álbum na história da cidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 40, p. 38 – 45, dez. 2009.
 SÃO CRISTOVÃO Futebol Clube: campeão amador em 1966. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 28, p. 87 – 93, dez. 2003.

AMÉRICA

GOLEOU

ALVORADA

Apresentando novamente uma boa atuação o America FC da Vila Barcelona passou fácil pela AA Alvorada por 4 x 1, mantendo a liderança da serie “Jornal do Lar” (segunda divisão), sem nenhum ponto perdido. Os tentos da peleja foram assinalados por Roberto, Arlindo, Nelson, Severino e Arnaldo, e, as equipes foram estas: AFC — Claudio; Mané e Kare; Roberto, Alcides e Carlos; Arlindo, Nelson, Severino, Edvaldo e João. AAA — Irineu; Cristovan e Antonio; José, Angelo e Hortencio; Edson, Juvenal, Arnaldo, Manoelito e André. Na preliminar

acrou”

AMERICA MARCOU
DOIS E...
NACIONAL NENHUM

serie
Paulis-
x São

Nacional e América da Vila Barcelona estiveram em ação domingo passado, preliando amistosamente. Ao final dos noventa minutos, de intensa movimentação, o conjunto americano conseguiu com muita luta, levar de vencida ao alvi-celeste pela contagem de 2 a 0, tentos de Chita e Nelseta. As equipes: NFC — Alberes; Adellino e Osvaldo; Zé Paulo, Gutierrez e Pinto; Ademir, Sérgio, Luis, Rodrigues e Eugênio. AFC — Rino; Luiz, Nilo e Carlão; Severino e Cidão; Fino (Zuza), Vosca, Chita, Nelseta e Zinho. Na preliminar o Nacional venceu por 4 a 0.

Reproduções do jornal *News Seller* com reportagens que retratam vitórias do time, publicadas em 25 de julho (acima) e 28 de novembro de 1965 (à esquerda)

RENATO DONISETTE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL. É AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO* (MARCA DE FANTASIA, 2013).

AGRADECIMENTOS: SEVERINO CARVALHO, FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, MAURÍCIO SILVA, ADEMIR MEDICI E CECÍLIA DEL GESSO (DIÁRIO DO GRANDE ABC), LUIZ DOMINGOS ROMANO E MARCOS MASSOLINI. DEDICADO A JOÃO DANDOV.

Marcos Eduardo Massolini

“Turma do Ponto”

Peripécias de uma grande turma de São Caetano no final do século 20

Bairro Barcelona, esquina das ruas Oriente e Flórida. A Paróquia Nossa Senhora Aparecida à frente, na mesma Rua Flórida, a padaria Canoa do outro lado (Rua Oriente) e o muro da escola nas nossas costas (o famoso 28 de Julho). O ponto de táxi era inicialmente só dos taxistas, mas fomos aparecendo no final de 1982, início de 1983, como quem não quer nada, e durante os próximos anos viramos “sócios” daquele pedaço de chão. A “Turma do Ponto” chegou sorrateiramente e se instalou por, pelo menos, oito anos por ali.

Muito difícil precisar quando a Turma realmente começou. Do meu ângulo aqui da barroca, eu sei que o movimento se deu a partir da Rua Natale Furlan (chamada por nós de “ruinha”), depois de uma parada estratégica na casa da Cristiane Jodar (onde escorregávamos em seu quintal “aditivado” com sabão). Depois foi para a rua do clã Sacheta e dos irmãos Celiane e

Celson (Rua Anita Garibaldi), até estacionarmos definitivamente na Rua Flórida.

As pequenas turmas, formadas ainda nos anos 1970, foram se juntando: a trupe da baixada (eu, Rogério, Rica, Lupa e Carlão), a turma da ruinha, a turma da Nova Era (padaria) e os amigos do Idalina (então Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Idalina Macedo Costa Sodré). E não podemos esquecer da excursão ao Rancho Ranieri, iniciativa da escola 28 de Julho em dezembro de 1982, que aglutinou formandos da oitava série (manhã e noite) e agregados (irmãos, primos, amigos e namorados). Na verdade, o passeio ao local, uma conhecida colônia de férias em Itapeperica da Serra, já era tradição, mas esta viagem específica desencadeou uma grande cumplicidade entre os envolvidos, que continuou depois no bairro e ajudou na formação da Turma.

Entre idas e vindas, durante a década de 1980, a lista de membros que passaram pelo ponto de táxi chegou a uma centena (por isso não dá para citar todos aqui)! Nunca foi um grupo homogêneo - muita gente apareceu e sumiu sem deixar pistas. É caso do Juan, um chileno “excêntrico” que começou a trabalhar em uma oficina de adaptação para carros na Rua Oriente (próximo ao tradicional Troca de Óleo Tio Patinhas). Ele se dizia fugitivo da ditadura de Pinochet (1973-1990) e era um exímio motorista. Algumas histórias suas nos deixavam encafifados quanto à sua veracidade, como quando contava que era ex-piloto de caça, e que tinha ajudado no resgate daquele avião que caiu na cordilheira dos Andes, caso que deu origem ao livro *Os sobreviventes – A Tragédia dos Andes* (1974)! Assim como chegou, Chileno evaporou-se sem deixar vestígios.



Acervo/Paulo Sestini

A Turma do Ponto, no Rancho Ranieri, em foto de 1982: onde tudo começou

No “bancão” de taxista do ponto (com jogo de damas desenhado) dava pra sentar uns oito cidadãos, bem apertados. Ali por volta de 1985, no auge da movimentação, o banco lotava, a calçada limítrofe do ponto também e, às vezes, tinha gente até em cima da moto do Wirtão, estrategicamente estacionada à beira do muro do 28, também na calçada. Mas sempre teve espaço pra todo mundo, desde o começo. E como passamos frio naquele banco! Ventania pela esquerda, direita e centro. Às vezes chuva também, daquelas que mudavam a direção e fazia a gente ficar de pé em cima do banco. Intempéries corriqueiras de um clube sem porta nem janela...

Um grande evento na história da turma foi o churrasco no antigo clube da Norton, em Santo André. Na verdade, este primeiro evento teve desdobramento nos anos seguintes, mas o “primeirão”, de setembro de 1984, foi o mais marcante: teve jogo com os

participantes vestidos de mulher, comes e bebes e até *playground*. O local quem conseguia era o Vladimir, que tinha vínculo com o clube. O mote para o nosso primeiro “churras” foi a concentração de aniversários no mesmo mês (Eu, Wirtão, Fábio, Quequé e Marciona). Daí o nome I Churrasco dos Virginianos. Naquele dia, alguns frequentadores da Padaria Canoa juram ter visto uns três rapazes com vestidos horrorosos e maquiagens assustadoras adentrando o recinto em busca de pães.

Embora eu seja um “descarrado” até hoje – nunca tirei carteira de motorista – sempre gostei de automóveis, principalmente dos “clássicos”. Dos mais velhos da turma (as idades variavam entre 15 e 20 anos), os que tinham carro passavam as tardes de sábado lavando, esfregando e passando cera em seus “possantes”, geralmente equipados com toca-fitas de primeira, *twitters* e autofalantes potentes. Tudo para

que estivessem prontos logo mais à noite, ao som das fitas cassetes devidamente gravadas na sexta-feira anterior.

Se podíamos chamar algum carro de intocável, a honraria cabia ao Opala do Vladimir, pois bastava alguém distraidamente (ou não) sentar na sua superfície e lá vinha o dono mandar desencostar: “- Pô, não senta aí não.. sua calça tem zíper atrás”. Às vezes ele se empolgava e vinha com uma flanelinha, para tirar as marcas e substâncias letais que poluíam sua pintura. Se bem que um outro Opala na turma, primo pobre do primeiro, também tinha fama de intocável, mas por outros motivos. Infestado de ferrugem (e com alguns hematomas), o bravo e valoroso Opalão do Zequinha e do Fran, embora fosse um dos mais ativos carros da turma nos passeios e viagens, nunca detinha uma retaguarda desavisada em sua lata velha, pois bastava algum incauto ou novato se aproximar dela, que a gente logo gritava, em coro: “- Não toca não, que dá tétano!”. De tanto a gente arreliar, o simpático e carcomido Chevrolet ganhou nome próprio: “Tétanus”! Esse Opala teve muitas histórias, sendo a mais lembrada aquela da fatídica curva no acesso da Perime-

tral para a Avenida Dom Pedro II, em Santo André. O “Opalão” deu uma rabeada na curva, dançou na pista, subiu a calçada e por pouco não alçou voo da rampa!

Entre os *points* preferidos em São Caetano estavam o Du-boiê (que existe até hoje), o Tudo Bem, o Buso Palace, a Hipnoses e o São Caetano Esporte Clube. Mas o primeiro local em que começamos a exercitar a boemia foi a SNO, bem perto do ponto. Localizada quase na esquina das ruas Taipas e Oriente, era uma lanchonete estreita e funda e misturava estilo *Hi-Fi* da antiga Rua Augusta dos anos 1960 com o padrão *fast-food* americano. As mesas tinham divisórias e quem nos servia com paciência de Jó era o Tim (ele parecia mesmo o Tim Maia). Além da nossa turma, muita gente aparecia. A muvuca era grande na calçada da frente e sempre tinha um ‘amostrado’ empinando moto ou gastando pneu no asfalto. A nossa boemia nasceu pra valer nestas mesinhas. Ainda não havia São Paulo na nossa rota e a noite do nosso bairro era um mundo real e misterioso a descobrir.

Outro lugar ícone para a maioria dos integrantes da turma foi o China’s Bar, conhecido também na época como Maçarico, na esquina das ruas Baraldi e Goitacazes, no centro de São Caetano (está lá até hoje). Este simpático boteco ficou famosíssimo entre os nos-

sos por culpa de suas generosas rodadas de Abacavi (batida de abacaxi com vinho), sempre servido diretamente do liquidificador. Santo André também era rota e às vezes, íamos ao Zero Hora, casa noturna próxima ao Paço Municipal (e que depois virou Front 575), às matinês da Sunshine, no Parque das Nações, ou ao Saramandaia (karaokê, na Rua Senador Fláquer). Batemos muito cartão também no histórico Jazz and Blues, bar musical que vivia trazendo ao palco a fina flor da música instrumental.

A partir de 1985, e com mais veemência em 1986, começamos também a invadir, com voracidade, a noite da capital: pistas de dança, shows, barzinhos, nada escapava à nossa sede de conquista. Quando a turma saía em peso, e não era raro, um comboio gigantesco deixava São Caetano. Conhecemos e desbravamos centenas de *points*: dos clássicos Bixiga e Bela Vista (Piu-Piu, Café Pedaco, Café São Paulo, Bar do Norte, ChoppHouse, Madame Satã, Boca da Noite), à sofisticada Moema e o certeiro Jardins (Pedágio, Palace, Papparico’s); do eclético Ibirapuera (Cabeça pra Baixo, Chicos Burger) aos tradicionais Centro e Consolação (Saint Germain, Bar Brahma, Sujinho, Riviera, Cine Belas Artes); da anárquica Vila Madalena dos bons tempos (botecos e mais botecos – incluindo quintais cultu-

rais) ao já intransitável Pinheiros, incluindo a Rua Henrique Schumann (Trago Nosso, ShowDays Saloon, Clube do Choro, Vou Vivendo). Nunca era tarde pra conhecer um local novo.

Entre os grandes momentos dos anos 1980, com certeza estão as viagens. A chácara da avó do Égon, em Rio Grande da Serra, foi das primeiras paradas. Depois vieram as praias: Vila Caiçara, Vila Tupi e Boqueirão (Praia Grande); Itanhaém; Santos; e Boracéia, no litoral norte. Essa última foi uma catástrofe! Nunca vi chover tanto! No meio de um temporal medonho, vimos toda a comida ir embora com a enxurrada, e rumar para o Oceano Atlântico. Depois a nossa barraca começou a tombar – foi aí que a gente pulou pra dentro do bravo Fiat azul, estacionado ao nosso lado, na areia. De dentro do veículo pudemos acompanhar, estarrecidos, o desmoronamento de um grande quiosque que ornamentava o único bar-barraca daquele pedaço de praia. Aterrorizante! Numa outra vez, íamos passar o réveillon na Vila Caiçara e ficamos parados no trânsito da carregada Rodovia Pedro Taques (atual Padre Manoel da Nóbrega). Resultado: bateu meia-noite e só nos restou comemorar o ano novo na estrada, dentro do ônibus da viação Breda! Nessas de tanto frequentar o litoral, alguns membros da turma acabaram fa-

zendo viagens específicas de surf, principalmente para a praia de Maresias. Rica, Ivan, Égon e Ned eram os “prancheiros” de plantão e todo o vestuário era comprado numa loja especializada na Rua Alegre, a Trasher.

Desde o início, sempre tentamos incrementar, com arte e entretenimento, o cotidiano da turma. Os bailes e shows foram o estopim cultural da coisa, mas para não deixar a peteca cair, com frequência, inventávamos brincadeiras e outras atividades. Sempre gostei de escrever e, a partir de qualquer ideia, poema ou historinha, lá estava eu rabiscando guardanapo ou qualquer outra superfície parecida com papel. Não demorou muito e logo estava escudado por dois outros companheiros das letras, Rogério e Zé, e juntos começamos a produzir o *Jornalzinho do Ponto*, com notícias bem-humoradas do nosso cotidiano, e algum *nonsense*, bem no estilo do jornal de humor da época, o *Planeta Diário*. Infeliz-

mente, muitos destes escritos se perderam. Salvos mesmo, só um único exemplar do jornalzinho (o nº 3), escrito à caneta *Bic*, e alguns textos avulsos escritos a seis mãos, como essa nota aqui: “- E a Turma completa mais um ano de pândegas e galhofas. Foram mais 365 dias de maravilhosas desavenças, maquiavélicas separações e finais não muito felizes. Apesar de tudo, ainda somos uma comunidade (fazer o quê, né?)”. A ironia da nota era endereçada aos casais de namorados que se formavam em nosso núcleo e logo implodiam.

Depois de seis anos completos, a Turma do Ponto deu sinais de desgaste. Os mais velhos, na faixa dos 25 anos, ou estavam atolados de trabalho ou em busca de emprego. Já os mais novos, ali pelos 20 anos, se não estavam até o pescoço nos estudos, se estropiavam em trabalhos mal remunerados ou em inícios de carreiras oscilantes. Fase difícil para o ser humano.

A Turma perdia integrantes, ganhava alguns retardatários, mas o desfalque em suas linhas era latente. Ainda havia movimento no ponto, mas não com a intensidade de anos atrás. Da minha parte, foi uma das épocas mais movimentadas, pois em um curto espaço de tempo, entrei na faculdade, comecei a trabalhar pra valer, embora continuasse nas baladas. A Turma do Ponto se dispersava e a partir daí só os pequenos núcleos com mais afinidade se encontravam esporadicamente. Era a vida seguindo, com mais compromissos e outras realidades. Um belo dia, eu não sei bem quando, tudo isso virou saudade. E é essa saudade que eu levo comigo todo domingo cedo, quando passo naquela esquina rumo à banca de jornal do Carlão, ao lado da Canoia, e sempre ouço, junto ao vento, roncões de motor, música ligeira e risadas sinceras que não envelhecem jamais. **R**

Turma do Ponto em festa junina na Rua Anita Garibaldi. Foto de 1984

MARCOS EDUARDO MASSOLINI

É JORNALISTA E ESCRITOR. EM 2001 LANÇOU, DE FORMA INDEPENDENTE, O LIVRO *BORBOLETAS ABISSAIS*. MANTÉM O BLOG *ALMANAQUE DO MALU* DESDE 2009 E, NO ANO PASSADO, LANÇOU SEU SEGUNDO VOLUME DE POESIAS, *AURA DE HERÓIS*.

Acervo/ Marcos Massolini



Esquina das ruas Flórida e Oriente: o “ponto”, em foto de 2010

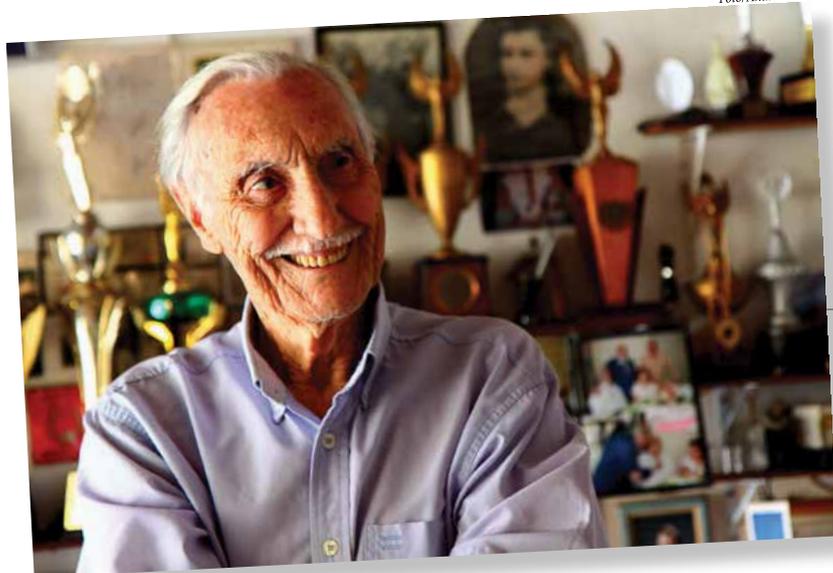
Acervo/Família Bentes



Emília da Silva Barbosa

A contribuição de um ribeirão-pirense para Mauá

Foto/Andris Bovo



Américo Del Corto em foto de 2010

Filho de Pedro Del Corto e Lucia Zanetti Del Corto, Américo Del Corto nasceu na cidade de Ribeirão Pires, em 23 de setembro de 1921.

Iniciou os estudos em sua cidade natal e, ainda jovem, começou a trabalhar em olaria com o pai e os irmãos. Desde criança, demonstrava interesse pela música e pela leitura.

Como naquela época as escolas de Ribeirão Pires não

disponibilizavam estudos secundários, Del Corto teve dificuldade em dar prosseguimento à vida escolar. Certa vez, ao ler o jornal, viu o anúncio de um curso de gramática portuguesa por correspondência e, após três anos cursando-o, recebeu o certificado de conclusão. Motivado por tal conquista, comprou diversos livros e formou a sua própria biblioteca.

Em 1939, um de seus irmãos o ensina a ler música e Américo Del Corto começa a tocar clarinete na corporação musical da cidade, onde, posteriormente, veio a tornar-se maestro e compositor. A primeira escola de música ribeirão-pirense foi fundada por ele em 1956 e nela lecionou instrumentos e outros gêneros.



Foto: Emília da Silva Barbosa

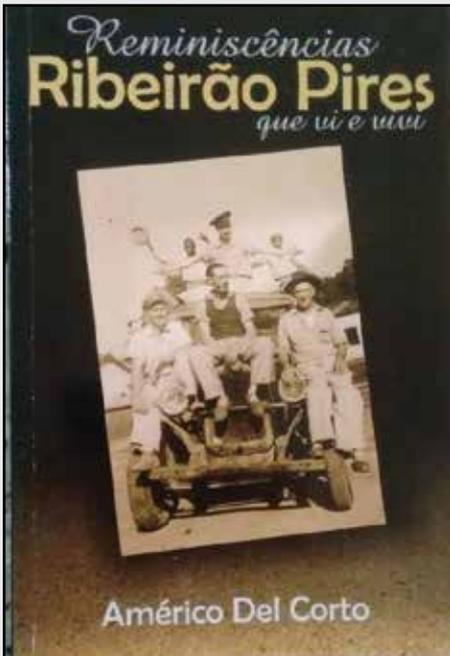


Foto: Divulgação

Máquina de escrever utilizada por Del Corto em seus trabalhos, em exposição no Centro de Exposição e História de Ribeirão Pires

Capa do livro de sua autoria *Reminiscências, Ribeirão Pires que vi e vivi*, lançado em 2006

Del Corto escreveu livros e poesias, nos quais exalta o nome da cidade natal, entre eles *Reminiscências, Ribeirão Pires que vi e vivi*, lançado em 2006. É dele também a autoria do hino municipal de tal cidade.

Além da enorme contribuição para a cultura e memória de seu município, o professor, escritor, memorialista, maestro e compositor, marcou seu nome na história de Mauá, cidade vizinha, ao escrever a letra do hino municipal.

No dia 14 de março de 2018, com 96 anos, Américo Del Corto faleceu na mesma cidade em que nascera, deixando a esposa Lina Maria Donardi, filhos e netos. ■

Hino municipal de Mauá

Letra: Américo Del Corto

Música: Carlos Binder

Partindo da Nobreza
Do Barão de Mauá
Antevendo sua grandeza
Uma Cidade iria brotar
Em terras virgens do Pilar

E agora aí está
Mauá, Mauá, Mauá!
O teu povo é varonil
Incansável lutador
Pelo progresso do Brasil

Desde a fina porcelana
E o granito natural
Todo o povo se irmana
Buscando um só ideal
Com as chaminés fumegantes
Fazendo sempre girar
Engrenagens mil rolantes
É a Cidade a prosperar

E agora aí está
Mauá, Mauá, Mauá!
O teu povo é varonil
Incansável lutador
Pelo progresso do Brasil

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

http://www.scorteccei.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=9133&friurl=-O-PODER-DE-UMA-SAUDADE--Americo-Del-Corto-http://diariorp.com.br/2018/03/15/morre-americo-del-corto-autor-do-hino-de-ribeirao-pires/
<http://jornalmaisnoticias.com.br/compositor-do-hino-de-ribeirao-pires-americo-del-corto-morre-aos-96-anos/http://www.maua.sp.gov.br/PerfilMunicipal/SimbolosMunicipais.aspx>

EMÍLIA DA SILVA BARBOSA

TEM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA PELA FACULDADES INTEGRADAS DE RIBEIRÃO PIRES (FIRP) E É AUXILIAR DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA ESCOLA MUNICIPAL DARCI APARECIDA FINCATTI FORNARI, EM MAUÁ. FOI MEMBRO DO CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO, ARQUITETÔNICO E TURÍSTICO DE MAUÁ (CONDEPHAAT-MA).



Acrivo/FPMSCS

Membros da família Barile, em foto de 1910. À esquerda, Antonio Barile, e, à direita, seu pai Carmine Barile. Imigrantes italianos, chegaram a São Caetano em 1884 e 1881, respectivamente, dedicando-se ao ramo oleiro. Ao lado dos filhos João e Orlando, Antonio Barile fundou a Metalúrgica Barile

Roland Plínio Dall'Antonia, em foto de 1930. Quando adulto, tornou-se proprietário do Posto 5, um dos primeiros postos de gasolina de São Caetano, localizado na esquina da Avenida Goiás com a Rua Amazonas



Acrivo/FPMSCS



Crianças e adultos compartilham refeições no restaurante da Cerâmica São Caetano. Foto de 13 de dezembro de 1948



Arquivo/PMASCS

Ao centro da foto, Osvaldo Carmona Artencia, muito conhecido em São Caetano por confeccionar faixas e cartazes publicitários. Era proprietário da Ricart Pinturas. Ao seu lado, funcionários da empresa. Foto da década de 1950



Arquivo/PMASCS

Funcionários da garagem da prefeitura, no momento em que apreendem um cavalo que entrou nas dependências do local. Foto da década de 1950



Acervo/FPMSCS

Foto do final da década de 1950. Em pé, da esquerda para a direita, Nicolau Delic, Altamiro Dias da Motta, João Anhê e Floriano Leandrini. Entre os que estão sentados, foram identificados, a partir da esquerda, Hermógenes Walter Braido, João Cambaúva e Nilo Ribeiro de Figueiredo



Acervo/FPMSCS

Casal Geraldo Leite e Antonia Ascencio, com os filhos Irany e Rui, durante um passeio à Praça da República, em São Paulo. Foto de 26 de janeiro de 1955

FOTO GUERRA P. REPUBLICA S. PAULO

Interior da loja Irmãos Del Rey, em foto do final de 1958. Localizava-se na Rua Baraldi e comercializava eletrodomésticos

Acervo/FPMSCS





Arquivo/FPMSCS

Família Spachacqueria, em foto de 1959, tirada em sua residência, na Rua Mariano Pamplona, Bairro da Fundação. Na imagem, o casal Orlanda e Accácio aparece com os filhos Accácio Júnior, João e Cida (no colo)



Arquivo/FPMSCS

Lavínia Rudge Ramos Gomes de Almeida (Dona Nenê) ao lado de seu marido, o então prefeito de São Bernardo do Campo, Lauro Gomes de Almeida, em visita a São Caetano do Sul. Foto da década de 1960



Acervo/FMUSCS

Fachada do famoso restaurante A Tarantella, que se localizava na Rua João Pessoa, no Bairro Centro. Os proprietários eram Anibal Alves Moreira e Júlio Alves Moreira. Foto da década de 1970

Revistaria Barraca do Nico, localizada na esquina da Avenida Senador Roberto Simonsen com a Rua Baraldi. O proprietário era Luis Scimini, popularmente conhecido como "Nico". Foto da década de 1970



Acervo/FMUSCS

Aspecto geral
dos foliões
no carnaval
de 1970 do
São Caetano
Esporte Clube

Acervo/FPMSCS



Crianças das famílias Biagi e Pompermayer em foto de 22 de junho de 1945. Da esquerda para a direita, foram identificados Augusto Pompermayer, Antonio Pompermayer, Cecilia Pompermayer, Ivete Biagi, Diva P. S. Oliveira, Elza Biagi, Wilma Biagi e Nilza Tavares. Sentada, aparece Rosa Thereza Pompermayer



Acervo/EPHASC



Acervo/EPHASC

Família Siarvi, em foto de 1960, tirada no quintal de sua casa, na Avenida Tietê, no Bairro Nova Gerty. Vemos: Pedro Siarvi, Vilma Siarvi, Maria Aparecida Siarvi, José Siarvi e, no colo, Paulo Sergio Siarvi

Interior da loja de calçados A Principal, que ficava na esquina das ruas João Pessoa e Santa Catarina, no Bairro Centro. Foto de 1948

Acervo/FPMSCS





Foto tirada em 1956, por ocasião do concurso Rainha do Cruzada Esporte Clube. Em destaque, aparece a rainha Maria Elisa Giardini, ladeada pelas princesas Maria José e Renê Sernagiotto. Foram também identificados Oswaldo Samuel Massei e Alfredo Rodrigues. Tradicional na cidade, a agremiação foi fundada em 1939 pelo padre Ezio Gislimberti



Apresentação do piloto Carlos Cunha, em um Chevrolet, na Avenida Goiás, durante a década de 1970

ACERVO Wilson Drudi

Esquina das ruas Oriente e Flórida, no Bairro Barcelona. Vemos, ao fundo, a construção do prédio que hoje abriga a Padaria Canoa



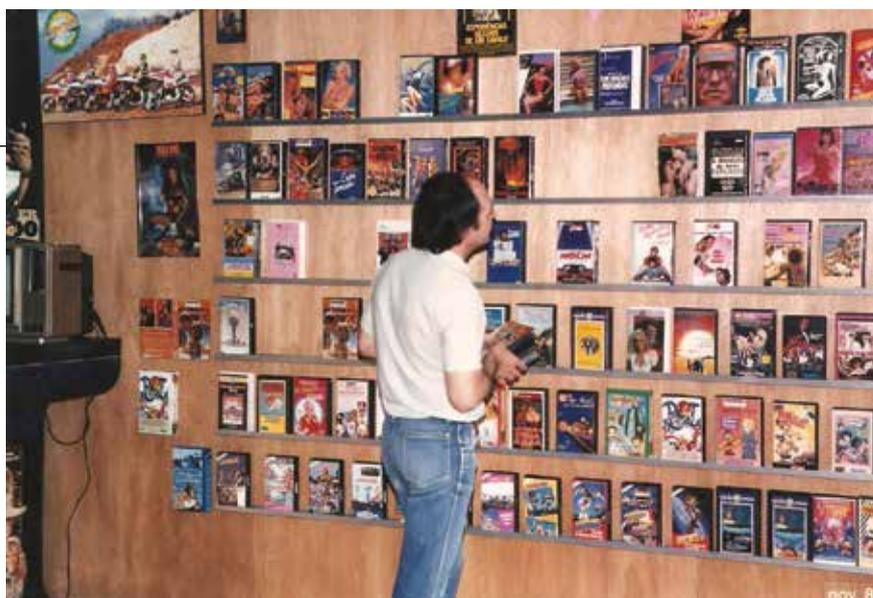
ACERVO Alexandre Rogato



Encontro de ex-atiradores do Tiro de Guerra 02-069, realizado em novembro de 2017, em prédio localizado na Rua Maranhão, onde funcionou uma das sedes do TG. Participantes da turma de 1990, que contava com 150 atiradores, encontram-se com regularidade. Nesta reunião, presenças marcantes do sargento Agripino, hoje tenente da reserva, e também do atual chefe de instrução, sargento Ricardo Leal Nunes

ACERVO Issao Kohara

Imagens da década de 1980 da locadora Cindy Vídeos, que funciona até os dias atuais na Rua Goitacazes, nº 351, no Bairro Santo Antonio. Inaugurada em julho de 1986, de propriedade de Issao Kohara, o estabelecimento ficou conhecido na cidade pela diversidade de seus filmes. Atualmente, seu acervo, com cerca de 5 mil filmes, é dedicado ao cinema Cult, e aos filmes europeus e asiáticos. A Cindy Vídeo chegou a ter duas filiais na cidade, na década de 1990, uma no Bairro Santo Antonio e outra no Bairro Olímpico



ACERVO Sérgio Miliani

Ida Bergamini Migliani de mãos dadas com a pequena Izabel Terezinha Miliani na casa da Rua Tenente Antônio João, nº 235, no Bairro Cerâmica. Foto da década de 1960



Lua de mel de Inês Moretto Miliani e Sérgio Miliani em Poços de Caldas (Minas Gerais), em maio de 1967. Naquela época, segundo Sérgio, muitos casais escolhiam a cidade como destino para a lua de mel



Casamento de Inês Moretto Miliani, então com 20 anos, e Sérgio Miliani, 23 anos, no dia 20 de maio de 1967, na Igreja Matriz Sagrada Família. Esta fotografia foi tirada no estúdio Foto Suguino



ACERVO
Luiz Romano



A partir da esquerda, Fiori Giglioti, Luiz Pereira e Mario Romano, no campo do General Motors Esporte Clube, no dia 2 de julho de 1988

...o seu 1976 Jornal de São Caetano Jane

...tall
...a v
...O GRAV
...ARELA
...CISCA



...A BARC

REGISTRO



PROJETO CIDADÃO DA HISTÓRIA

No segundo semestre de 2018, a Fundação Pró-Memória deu andamento ao projeto *Cidadão da História*, que é realizado como parte do programa *Governo em Movimento*, promovido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Registramos, a seguir, os bairros contemplados no segundo semestre do ano, e os moradores, estabelecimentos comerciais, indústrias e entidades homenageados.

Bairro Fundação

MUNICÍPIES

ALICE BASTOS FERREIRA / ANTONIO ROSA ALVES E MARIA JOSÉ DE CARVALHO ROSA (CASAL)/APARECIDA DECHECHI NAVARENHO / DIRCE TIBÉRIO / ELVIRA THEREZA MERIZIO FINOTTI / ERCÍLIA PIRES FOURNIER / ESTEFANA D'AGOSTINI / FRANCESCO TODISCO / JOSÉ EDMAR MORAES / MARIA DA GLÓRIA ROQUE / MARIA EMILIA MORAIS GOMES E JOSÉ DOS SANTOS GOMES (CASAL)/ MARIA JOSÉ THEREZA DE LIMA / SEBASTIÃO JOSÉ DA COSTA E IRACEMA VERONEZ DA COSTA (CASAL)/TEREZINHA MOURA ESPERATI/OLGA SCAGLIANTE ONGARO

ESTABELECEMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS

CARDEAL IND E COMÉRCIO DE ALIMENTOS LTDA (PAULO C. MATARELLI) /CENTER CARNES 5 ESTRELAS (JOSÉ LUIS ANTONIO E CLEIDE APARECIDA PEREZ) / COMÉRCIO DE SUCATAS BEIRA RIO (ELIZA APARECIDA CAMARA ROCHA)

ENTIDADES

IGREJA PRESBITERIANA DE SÃO CAETANO DO SUL (PASTOR MARCIO AUGUSTO CESAR PEREIRA) / PARÓQUIA SÃO CAETANO (PADRE GILBERTO DIAS NUNES)/ SOCIEDADE BENEFICENTE RECREATIVA ESPORTIVA AMÉRICA DO SUL (GILBERTO DELFINO ALVES JUNIOR) / LIONS CLUBE SÃO CAETANO DO SUL SANTA PAULA (MARINA MAIA DA SILVA PREGNACA)

EMEF
SENADOR
FLÁQUER

21 JUL-2018



BAIRRO SANTA MARIA**MUNICÍPIES**

ANTONIA BURATO MANSINI ANTONELLI / APARECIDA TELHADO CONDOTTA / ELVIRA DE MORAES/GESSY BUENO MINGUINI / IZABEL PICCOLO / LUIZ JOSÉ GERTULINO E ELISABETE VERA GERTULINO (CASAL)/LUZIA CARRION DA SILVA / MARIA SERAFIM PATERNEZI / NAIR FERNANDES VIZENTIM / OSVALDO VALLINI E ANNA MARIA CORRÊA VALLINI (CASAL)/SILVANA BARTOLI MARTINS / ARNALDO GATTI E TERESA HIDALGO GATTI (CASAL)

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, INDÚSTRIAS E EMPRESAS

PIZZARIA REAL(DENILSON J. SOUSA)/BRAJAUTO AUTO PEÇAS (AUREO HERNANDES CARNAVALE)/LANCHONETE JOSÉ SILVA FILHO (JOSÉ ANTONIO SILVA FILHO)/ ROBINSON'S BUFFET (ROBINSON GALERA RODRIGUES)

ENTIDADES

IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS – MINISTÉRIO DE MADUREIRA EM SÃO CAETANO DO SUL (PASTOR NELSON MANUEL DA ROSA)/IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO EM VILA BARCELONA (PASTOR GILBERTO GONÇALVES)

ANFITEATRO
“CISE JOÃO
CASTALDELLI”

10 NOV-2018

**EXPOSIÇÕES****Atende Fácil – 10 anos**

Celebrando a primeira década de existência do Atende Fácil, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul promoveu a exposição *Atende Fácil - 10 Anos*. A mostra retratou a história do equipamento público a partir de um retorno às origens do próprio município de São Caetano. Painéis com textos e fotografias focalizando a região central, convidam-nos para esta incursão sobre alguns lugares e marcos históricos da cidade, da chegada dos imigrantes italianos à autonomia político-administrativa do município (1948), que completou 70 anos em outubro de 2018. A exposição ficou em cartaz até 1º de setembro.

ATENDE FÁCIL

JUN-2018

A

SET-2018



EXPOSIÇÕES



Os Velhos Tempos do Comércio em São Caetano

Homenageando esse importante setor da economia, a Fundação Pró-Memória promoveu, na Câmara Municipal, a exposição *Os Velhos Tempos do Comércio em São Caetano*. A mostra apresentou um pequeno esboço do desenvolvimento do comércio local. Alguns dos estabelecimentos retratados, inclusive, continuam em plena atividade. A mostra ficou em cartaz de 9 a 24 de agosto.

SAGUÃO DA
CÂMARA
MUNICIPAL

AGO-2018



Nos arredores da Ferrovia

Inaugurada em 24 de agosto e contando com painéis expositivos, fotos e objetos, a mostra retrata a formação dos bairros da Fundação (e consequentemente do município sul-são-caetanense) e Prosperidade, cujo início do processo de sua anexação à cidade completou 55 anos em 2018. Anteriormente a então vila pertencia a Santo André. Além do contexto histórico, o visitante também tem acesso a informações referentes à vida econômica, social, religiosa, cultural e esportiva das localidades sempre pontuadas pela importância no cotidiano do município. *Nos arredores da ferrovia: a formação dos bairros da Fundação e Prosperidade* tem visitação livre e gratuita e vai até janeiro de 2019.

MUSEU
HISTÓRICO
MUNICIPAL

AGO-2018

A

JAN-2019



Metallum aqua vitae

A exposição consiste em 45 obras da artista Francisca do Val. Bióloga, ela nos convida a adentrar em um mundo alquímico, criado a partir do metal, da água e dos corantes, pigmentos e vernizes, e, principalmente, da emoção, como catalisadores de uma receita gráfica, uma soma com mais de 2.500 anos que, gravada em papel, dispensa o uso do microscópio. Foi aberta em 19 de outubro e tem visitação até 11 de janeiro de 2019.

ESPAÇO
CULTURAL
CASA DE
VIDRO

OUT-2018

A

JAN-2019

<p>PINACOTECA MUNICIPAL</p> <hr/> <p>OUT-2018 A FEV-2019</p>	<p>6ª Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul</p> <p>Artistas em início de carreira e os já consagrados encontram oportunidade semelhante de exporem seus trabalhos na 6ª <i>Vitrine de Arte</i>. Iniciada em 2003 e com periodicidade bienal, <i>Vitrine</i> já apresentou trabalhos de centenas de artistas locais. Este ano, foram contempladas mais de 100 obras de 65 artistas residentes, nascidos ou que trabalham na cidade, maiores de 16 anos. A mostra teve início em 30 de outubro e vai até 8 de fevereiro de 2019.</p>	
--	---	---

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

<p>INDÚSTRIAS ADRIA</p> <hr/> <p>JUL-2018</p>	<p>Exposição Resignificar</p> <p>De 29 de junho a 1º de julho, foi realizada a exposição <i>Resignificar</i>, localizada nas Indústrias Adria em São Caetano do Sul. O trabalho, uma parceria da indústria com a Pinacoteca Municipal, contou com obras do artista Antônio Valentim Lino e também com ações desenvolvidas pelos colaboradores da empresa em oficina ministrada pelo artista. A atividade contou com a presença e a participação de funcionários da Adria, da Pró-Memória e de integrantes da diretoria das duas instituições.</p>	
---	--	--

<p>ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS</p> <hr/> <p>JUL-2018</p>	<p>Apresentação de projeto no Encontro Paulista de Museus</p> <p>A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul apresentou, em 20 de julho, durante o 10º Encontro Paulista de Museus, o programa <i>Arte como Apoio Terapêutico</i>. O evento promovido pelo Sistema Estadual de Museus de São Paulo (Sisem-SP) foi realizado de 18 a 20 de julho, no Memorial da América Latina na capital paulista.</p> <p>Apresentada pelas arte-educadoras Nair Duarte e Fabiana Cavalcante em uma sessão com o tema <i>Ações de fomento à participação</i>, a iniciativa, inédita na região do ABC, é voltada para a utilização da vivência com a arte na ajuda a pacientes da saúde mental e foi criada em 2014.</p> <p>O projeto consiste em promover visitas monitoradas aos espaços expositivos da Pró-Memória (Pinacoteca, Ateliê Pedagógico e Museu Histórico Municipal) dos pacientes das seguintes unidades de São Caetano do Sul: CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas), CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) e USCAS (Unidade de Saúde da Criança e do Adolescente de São Caetano do Sul).</p>	
--	---	---

PROJETO EDITORIAL



Lançamento do livro São Caetano em Crônicas

Celebrando os 70 anos da autonomia político-administrativa de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória promoveu no dia 25 de outubro de 2018, no Teatro Santos Dumont, o lançamento do livro *São Caetano em Crônicas*.

Com organização da pesquisadora da Pró-Memória, Cristina Ortega, a obra é uma coletânea de notícias, artigos e crônicas, publicados no *Jornal de São Caetano*, no período de 1946 a 1979, que foi organizada tendo em vista aspectos da vida política, econômica, social e cotidiana da cidade, além de acontecimentos pitorescos que tiveram relevância na época. Informações históricas complementares enriquecem o conteúdo e situam o leitor em cada notícia.

TEATRO
SANTOS
DUMONT

OUT-2018

VISITAS



Jorge Botossi de Figueiredo

O diretor do Moinho Santa Clara, Jorge Botossi de Figueiredo, visitou a Fundação Pró-Memória em 16 de outubro. Na ocasião, ele conheceu as instalações da instituição, como o Centro de Documentação Histórica.

FPM

OUT-2018



CIEE São Caetano do Sul

Aproximadamente 60 jovens integrantes do programa Aprendiz Legal do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) da unidade de São Caetano do Sul visitaram, no dia 5 de novembro, a Pinacoteca Municipal e o Espaço Cultural Casa de Vidro – Ateliê Pedagógico onde puderam conhecer as exposições dos locais.

FPM

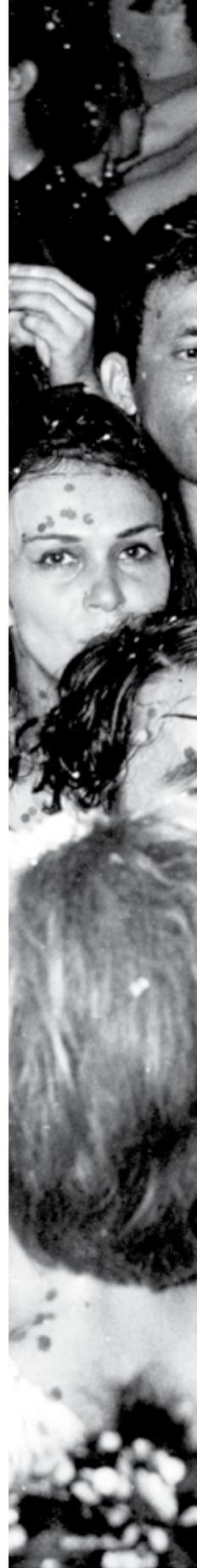
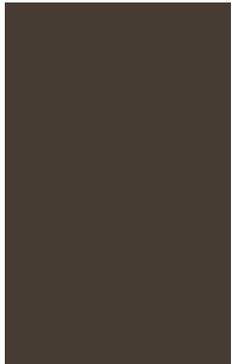
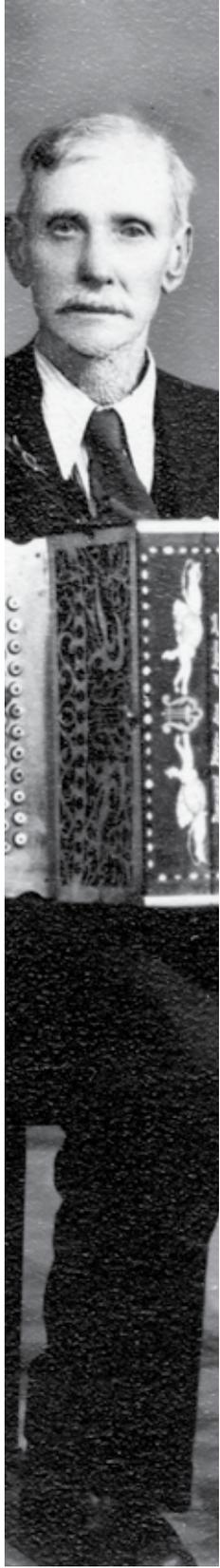
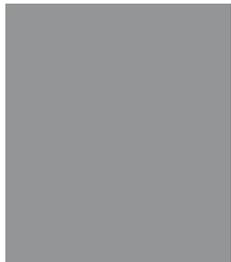
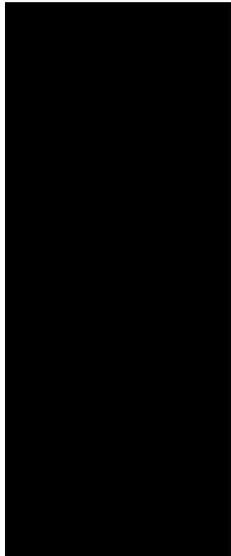
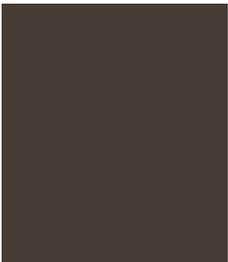
NOV-2018

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

<p>SITE FPM</p> <hr/> <p>AGO-2018 A DEZ-2018</p>	<p>De agosto a dezembro a Fundação Pró-Memória realizou exposições virtuais em seu site (www.fpm.org.br) começando com a mostra <i>Vida de Estudante</i>, em agosto, reunindo imagens de diferentes épocas, estilos e atividades envolvendo o setor estudantil sul-são-caetanense. Nos meses de setembro e outubro foi a vez de exposição celebrando os 65 anos da Guarda Civil Municipal do município com fotos dos três grupamentos da Divisão Operacional da GCM que também estão celebrando anos de atividade em 2018. A ROTAM (Rondas Táticas com Apoio de Motocicletas) e a ROMU (Rondas Municipais) comemoram 10 anos de existência, e o Canil festeja 15 anos.</p> <p>Celebrado em 19 de novembro, o Dia do Homem foi o tema da exposição virtual daquele mês. Com o nome de <i>Por um Novembro Azul</i> (fazendo referência à campanha internacional de conscientização realizada neste mês dirigida aos homens), a mostra resgatou momentos passados da atuação de homens na cidade, em suas diversas atividades, no ambiente familiar, nas práticas esportivas e de lazer, no trabalho e na política. Encerrando o ano, a exposição virtual de dezembro trouxe imagens de famílias sul-são-caetanenses em diferentes épocas, desde o início do século 20 até a década de 1960.</p>	
--	---	--

PROJETOS

<p>FPM</p> <hr/> <p>AGO-2018 A DEZ-2018</p>	<p>O Jogo da História de São Caetano</p> <p>Lançado em março de 2018, o <i>Jogo da História de São Caetano</i> foi baseado no livro <i>A História de São Caetano</i>, lançado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 2015, e reimpresso em 2016. Como forma de chamar a atenção das crianças, a Fundação Pró-Memória desenvolveu esse projeto, que consiste em um jogo de tabuleiro e outro ‘no chão’ que, além de estimular noções de estratégia e raciocínio lógico, irão apresentar a história do município, em caráter lúdico e divertido. A ação foi realizada durante todas as edições do ano do programa da Prefeitura de São Caetano, <i>Governo em Movimento</i>. Além disso, todos os participantes do <i>Encontro com a História</i> (programa de visitas monitoradas de alunos de escolas da cidade aos espaços da Fundação Pró-Memória com palestras e reuniões) também contam com a iniciativa, auxiliando ainda mais no conhecimento.</p>	
---	---	---





SEDE ADMINISTRATIVA

de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h

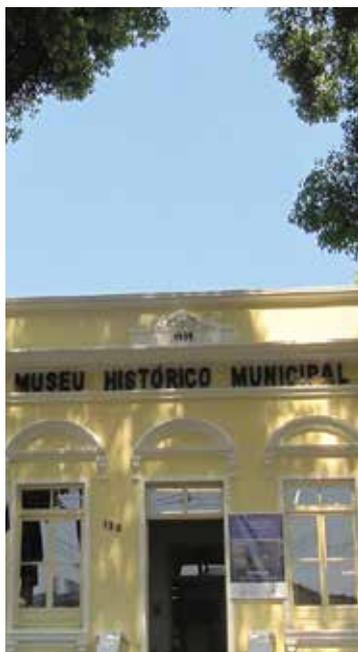
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Bairro Santa Paula
São Caetano do Sul - SP
Telefone: 11 4223-4780
fpm@fpm.org.br



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Bairro Santa Paula
São Caetano do Sul - SP
Telefone: 11 4223-4780
centro.documentacao@fpm.org.br



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

de terça a sexta-feira, das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
Bairro da Fundação
São Caetano do Sul - SP
Telefone: 11 4229-1988
museu@fpm.org.br



ESPAÇO CULTURAL - CASA DE VIDRO

de segunda a sexta, das 9h às 16h

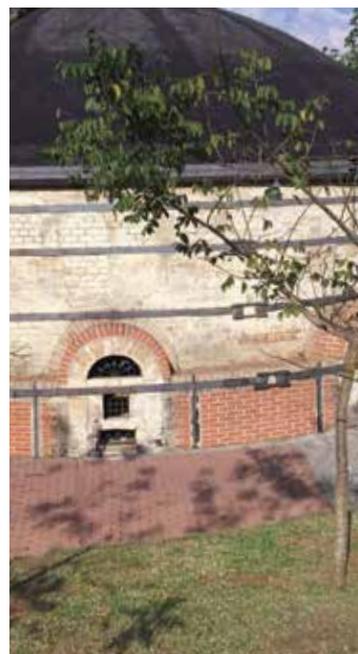
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
Bairro Santa Paula
São Caetano do Sul - SP



PINACOTECA MUNICIPAL

de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Bairro Santa Paula
São Caetano do Sul - SP
Telefone: 11 4223-4780
pinacoteca@fpm.org.br



ESPAÇO DO FORNO

de terça a sexta-feira, das 8h30 às
16h30, e sábado, das 9h às 13h

Praça do Forno do Espaço Cerâmica
(acesso pela Rua Casemiro de Abreu)
Bairro Cerâmica
São Caetano do Sul - SP



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
São Caetano do Sul